Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Ciências Sociais

Leticia de Freitas Cardoso

Tudo *black* no *pedaço*: um estudo de caso etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta", da cidade de Montes Claros/MG

Rio de Janeiro
2016

Leticia de Freitas Cardoso

Tudo *black* no *pedaço*: um estudo de caso etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta", da cidade de Montes Claros/MG

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do titulo de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.ª Dra. Maria Claudia Pereira Coelho.

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CCSA

C268 Cardoso, Leticia de Freitas.
Tudo black no pedaço: um estudo de caso etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta", da cidade de Montes Claros/MG / Leticia de Freitas Cardoso. – 2016.
131 f.

Orientador: Maria Claudia Pereira Coelho.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Sociais.
Bibliografia.

1. Juventude – Montes Claros (MG) – Teses. 2. Antropologia urbana – Teses. 3. Sociologia urbana – Teses. I. Coelho, Maria Claudia. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências Sociais. III. Título.

CDU 572(1-21)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____
Assinatura Data

Leticia de Freitas Cardoso

Tudo *black* no *pedaço*: um estudo de caso etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta", da cidade de Montes Claros/MG

Tese apresentada, como requisito parcial, para obtenção do titulo de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 31 de Março de 2016.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Maria Claudia Pereira Coelho (Orientadora)

Instituto de Ciências Sociais - UERJ

_____

Prof.ª Dra. Ana Amélia Brasileiro. Medeiros Silva

Universidade Federal Fluminense

_____

Prof.ª Dra. Maria Josefina Gabriel Santanna

Instituto de Ciências Sociais - UERJ

_____

Prof.ª Dra. Patrícia Baptista Coralis

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

_____

Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof.ª Dra. Rosane Manhães Prado

Instituto de Ciências Sociais - UERJ

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Mário e Laetitia, meu marido Erick, aos meus filhos Lico e Anninha, e a toda minha família,

Meus grandes amores!

Raízes e asas que me permitem voar livremente.

AGRADECIMENTOS

É tarefa difícil agradecer a todos aqueles que me auxiliaram no trabalho de produção dessa tese. Arrisco esquecer alguns e assim cometer injustiças. Contudo, não é possível finalizar tal etapa importante de minha formação acadêmica sem ao menos tentar mencionar aqueles que tornaram esse trabalho possível.

Agradeço à FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais pela concessão do financiamento que permitiu o desenvolvimento da pesquisa.

Sou grata à minha professora e orientadora Drª. Maria Claudia Pereira Coelho pelos ensinamentos, correções criteriosas e por todas as oportunidades de colocar à prova minhas capacidades, e principalmente, a paciência de acompanhar o desenvolvimento, muitas vezes tortuoso, desse trabalho.

Aos meus colegas e professores do Doutorado em Ciências Sociais DINTER/UNIMONTES/UERJ agradeço a todas as leituras compartilhadas e à constante troca de experiências em momentos acadêmicos e nas deliciosas confraternizações que foram importante respiro durante toda a trajetória destes quatro anos. Participar do DINTER tanto nas etapas em Montes Claros como no Rio de Janeiro foi um intenso exercício de partilha, cooperação, aprendizagem e aperfeiçoamento.

Aos professores Maria Josefina e Rosane agradeço as críticas, sugestões e envolvimento importantes tanto durante as disciplinas ministradas no DINTER, como na qualificação e desdobramentos dessa tese.

À minha querida colega/amiga Paty e sua fascinante prima Nice que abriram as portas da sua casa e me acolheram com carinho no período de Estágio no Rio de Janeiro. Ao barzinho *Pit Stop* e todos os demais estabelecimentos e seus funcionários que nos atenderam tão bem na cidade maravilhosa. Aos Professores Raphael e Patrícia que atenderam prontamente ao convite para participar da Banca de defesa dessa tese.

Aos meus alunos da disciplina Sociologia da Juventude, em especial a: Anna Paula Gusmão e seu namorado Hernane Alves, Verônica Almeida, Edmar, que além de optarem por participar dessa disciplina, com muito empenho na pratica de pesquisa representaram a abertura da porta de entrada no campo e foram os responsáveis por vários registros fotográficos apresentados nessa tese.

A todos os integrantes do Grupo “Capa Preta”, agradeço o apoio e a participação na pesquisa. A sociabilidade que pude observar entre eles foi a maior inspiração desse trabalho. Em especial sou grata a: Erika, Yure, John, Michel, Janis, Jimi, Mister Uruca, Muralha, Ló,

Aninha. Agradeço à acolhida no seu “pedaço” e “galeras”, às entrevistas e o material fotográfico cedido.

Por fim, mas não menos importante, agradeço também ao meu marido Erick/Nego homem dos meus sonhos e da minha vida, meus filhos Erick/Lico e Anna/Anninha, e a toda minha família compartilho os resultados alcançados nessa tese. São meus grandes amores, companheiros e camaradas, pessoas com as quais sempre pude contar em todas as ocasiões.

Sempre será um privilégio dividir minhas conquistas com todos vocês.

Regra é da vida que podemos, e devemos aprender com toda a gente. Há coisas da seriedade da vida que podemos aprender com charlatães e bandidos, há filosofias que nos ministram os estúpidos, há lições de firmeza e de lei que vêm no acaso e nos que são do acaso. Tudo está em tudo.

Em certos momentos muito claros da meditação, como aqueles em que, pelo princípio da tarde, vagueio observante pelas ruas, cada pessoa me traz uma notícia, cada casa me dá uma novidade, cada cartaz tem um aviso para mim.

Meu passeio calado é uma conversa contínua, e todos nós, homens, casas, pedras, cartazes e céu, somos uma grande multidão amiga, acotovelando-se de palavras na grande procissão do Destino.

Fernando Pessoa

RESUMO

CARDOSO, Leticia de Freitas. *Tudo black no pedaço*: um estudo de caso etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta", da cidade de Montes Claros/MG. 131 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2016.

A pesquisa que serviu de base para essa tese partiu de um estudo de caso etnográfico sobre os arranjos coletivos, sociabilidade, ocupação do espaço urbano e identidade dos jovens integrantes do grupo urbano "Capa Preta" da cidade de Montes Claros/MG. Um grupo de estilo derivado do gênero musical *rock* que constitui um conjunto de elementos que dão suporte a um estilo de vida específico. A metodologia da pesquisa foi baseada nos referenciais teórico-metodologicos do Estudo de Caso e da Etnografia Urbana. Utilizei idéias de autores que representam as concepções de etnografia, enfocando os estudos etnográficos com temáticas sobre grupos juvenis urbanos, a *priori*, trabalharei com a categoria de analise "*pedaço",* de Magnani (2000) como o *lócus* de encontro e a forma como se organiza o grupo de jovens da pesquisa. As atividades de trabalho de campo foram desenvolvidas durante três anos e meio (entre 2012 e 2015) na Avenida Deputado Esteves Rodrigues (Av. Sanitária), junto aos lugares ocupados e frequentados pelos jovens do grupo "Capa Preta". O objetivo desse trabalho foi mapear as diferentes formas de sociabilidade construídas por esses atores sociais ligados ao *rock*, e assim, elucidar como esses arranjos coletivos e suas categorias nativas podem expressar uma perspectiva específica sobre a urbanidade, suas fronteiras e contribuir com os estudos das Ciências Sociais sobre Cidade e Sociedade, no que concerne à formação de subculturas por jovens. Para tanto, as categorias nativas "Na veia", "Na Veissima" e "Fantasias" foram tomadas como objeto central da análise, o que permitiu desvendar um sistema de alianças, que alicerçam a construção de noções coletivas de pertencimento, assim como, uma perspectiva específica sobre as segmentações e classificações dos espaços urbanos. Também foram analisados os valores do estilo "Capa Preta" de ser, viver e conviver.

Palavras-chave: Cidade. Diferenciação. Espaço urbano. Estilo. Etnografia. Fofoca. Grupo. Jovem. Juventude. Moda. *Rock.* Roupa. Sociabilidade.

ABSTRACT

CARDOSO, Leticia de Freitas. *All black in the piece*: an ethnographic case study of the culture of young members of the urban group "Black Cape", the Montes Claros city / MG. 131 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 2016.

The research that underpin this thesis part of an ethnographic case study of collective arrangements, sociability, urban space occupation and identity of young members of the urban group "Black Cape" in the city of Montes Claros / MG. A style group derived from the rock music genre that is a set of elements that support a specific lifestyle. The research methodology was based on the theoretical and methodological frameworks of the Case Study and Ethnography Urbana. I used ideas from authors representing the ethnography of views, focusing on the ethnographic studies with theme on urban youth groups, a priori, will work with the analysis category "piece" of Magnani (2000) as the locus of encounter and how they organizes the youth group of the research. The fieldwork activities were carried out for three and a half years (between 2012 and 2015) at Mr. Esteves Rodrigues Avenue (Av. Sanitary), next to busy places frequented by young people and the group "Black Cape". The aim of this study was to map the different forms of sociability built by those social actors linked to the rock, and thus elucidate how these collective arrangements and their native categories can express a specific perspective on urbanity, its borders and contribute to the studies of Sciences social on City and Society, regarding the formation of subcultures by young. For both, the native categories "in the vein", "in Veissima" and "fantasies" were taken as the main object of the analysis, which allowed unravel a system alliances that underpin the construction of collective notions of belonging, as well as a specific perspective on the segmentation and classification of urban spaces. Also analyzed the style values "Black Cape" to be, to live and hang out.

Keywords: City. Differentiation. Urban Space. Style. Ethnography. Gossip. Group. Young. Youth. Fashion. Rock. Clothing. Sociability.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 - Distância de Montes Claros às principais capitais brasileiras..... 47

Mapa 1 - Distância de Montes Claros até às principais capitais brasileiras..... 48

Mapa 2 - Centro Comercial de Montes Claros..... 54

Foto 1 - Jovens do Grupo "Capa Preta" em seu P*edaço* na Avenida Deputado Esteves Rodrigues fazendo o sinal do *Malocchio*..... 67

Mapa 3 - Avenida Dep. Esteves Rodrigues (Av. Sanitária). Delimitação do Trecho da Pesquisa..... 74

Foto 2 - Primeiro Trecho com menor iluminação da Mancha.....76

Foto 3 - Fachada do SENAC..... 76

Foto 4 - Trecho da Arvore Barriguda e jardim das Pedras..... 77

Foto 5 - Estabelecimento Loja de Conveniência "*Alltime*" esquina de interseção entre as Avenidas Mestra Fininha e Dep. Esteves Rodrigues..... 77

Foto 6 - Bar "Quintal Avenida"..... 78

Foto 7 - Um dos estabelecimentos do 6º trecho "Point do Açaí"..... 78

Foto 8 - Posto de Combustíveis "Ale"..... 79

Foto 9 - Inicio da Avenida Busto em Homenagem ao Dep. Esteves Rodrigues. 80

Foto 10 - Área de edificações demolidas para especulação imobiliária..... 83

Foto 11 - Prédios residenciais à esquerda da Av. Sanitária..... 84

Foto 12 - Posto de combustíveis "Três Poderes" e rotatória de acesso da Av. Sanitária à Rua Engenheiro João Antonio Pimenta..... 85

Foto 13 - Ambulantes e alunos lanchando na calçada do SENAC..... 85

Foto 14 - Grupo de pessoas no canteiro central da Av. Sanitária em momentos de lanche e bate papo, durante o intervalo das aulas do SENAC..... 86

Foto 15 - Aluno Edmar da Disciplina Etnografia Urbana em entrevista com Morador de rua do trecho em momento cozinhando em fogão improvisado..... 87

Foto 16 - Bar "Quintal Avenida"..... 88

Foto 17 - Bar e Restaurante "Jac's Forneria"..... 89

Foto 18 - Agência Bancária "Banco do Brasil"..... 89

Foto 19 - Morador de rua com ponto à frente da agência bancária “Banco do Brasil”..... 90
Foto 20 - Lixo jogado na calçada..... 91
Foto 21 - Fogão improvisado por morador de rua do trecho..... 92
Foto 22 - Árvores da praça central da Avenida Sanitária próximo ao posto “Ale”..... 93
Foto 23 - Calçada deteriorada..... 93
Foto 24 - Morador de rua dormindo em banco da praça central da Avenida Sanitária..... 94
Foto 25 - Casal de namorados em banco da praça central da Avenida Sanitária..... 94
Foto 26 - Aninha curtindo o Rock Rio..... 105
Foto 27 - Galera dos jovens “Capa Preta” em evento na Praça dos Jatobás..... 109
Foto 28 - Palco das apresentações do evento na Praça dos Jatobás..... 109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 12

1 **METODOLOGIA: O CAMINHO E O CAMINHAR DA PESQUISA**..... 18

2 **ANTROPOLOGIA URBANA: PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**..... 27

3 **REVISÃO DA LITERATURA**..... 35

3.1 **Tentando Conceituar Jovem e Juventude: ou seria... jovens e juventudes?**..... 35

3.2 **Sobre o Uso de Roupas/Moda**..... 39

3.3 **Sobre Fofocas**..... 43

4 **O LUGAR DA PESQUISA: A CIDADE DE MONTES CLAROS**..... 44

4.1 **Breve Histórico da Cidade de Montes Claros/MG**..... 44

4.2 **Aspectos Gerais e Atuais da Cidade de Montas Claros**..... 55

4.3 **Breve Discussão Sobre o Espaço Urbano**..... 63

5 **O OBJETO DA PESQUISA: O GRUPO "CAPA PRETA" E SUAS FRONTEIRAS POROSAS**..... 70

5.1 **Origem do Grupo "Capa Preta" via histórico do *Heavy Metal* e do *Headbanger* em Montes Claros**..... 73

6 **MAPEANDO O CAMPO: O CAMPO COMO QUESTÃO**..... 81

6.1 **Um olhar atento sobre a "mancha" da Avenida Sanitária**..... 88

7 **OS "*NA VEIA*", OS "*NA VEISSIMA*" E OS "*FANTASIA*": OS "CAPA PRETA" VERDADEIROS, OS AINDA MAIS VERDADEIROS E OS INFILTRADOS**..... 106

7.1 **Outras formas de distinção e manutenção do grupo**..... 112

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 119

REFERÊNCIAS..... 126

INTRODUÇÃO

Esta tese é um estudo de caso de abordagem etnográfica sobre um grupo de jovens da cidade de Montes Claros, MG, denominados popularmente como "Capa Preta"[1], a partir do estilo de suas vestimentas específicas, do consumo de determinado gênero musical, de atividades de lazer, etc. Nosso ponto de partida foi o pressuposto de que estas práticas constituem expressões culturais que poderiam ser configuradas como uma "subcultura" característica desses jovens que se reúnem nas praças da Avenida Deputado Esteves Rodrigues[2], que corta o centro da cidade de Montes Claros/MG. Hebdige (1996) nos oferece uma definição de "subculturas":

> ... são, então, formas expressivas, mas o que elas expressam é, em última instância, uma tensão fundamental entre aqueles no poder e aqueles condenados a posições subordinadas e vidas de segunda classe. Essa tensão é expressa figurativamente na forma de estilo subcultural [...] Durante este livro, interpretei subcultura como uma forma de resistência em que contradições e objeções experimentadas a esta ideologia dominante são obliquamente representadas através de estilo. Especificamente usei o termo 'ruído' para descrever o desafio à ordem simbólica que aqueles estilos parecem constituir (HEBDIGE, 1996, p. 132 e 133; tradução nossa).

O contexto histórico e cultural da cidade de Montes Claros é marcado por uma vastidão e riqueza de fatos que nos permite entender as pressões sociais e políticas em torno da cidade e por consequência as pressões enfrentadas pelos jovens montesclarenses. A Avenida Sanitária, *lócus* de reunião do grupo "Capa Preta", representa importante referencial viário, e de comercio e lazer da cidade. A Avenida foi feita ao longo do Rio Vieiras no período de 1983 a 1988, viabilizando o escoamento do transito rápido e seguro no interior da cidade; a cobertura por cima do rio com jardinagem foi feita no período entre 1993 a 1996. A concretização do projeto da Avenida deu uma nova cara à cidade, tornando-se um espaço agradável que atraiu para o seu entorno um significativo numero de barzinhos e restaurantes, além de alguns pontos comerciais representativos, tornando-se, portanto, um espaço de serviço e lazer fundamental para a população. A abertura da avenida basicamente coincide com uma nova historia do desenvolvimento da cidade de Montes Claros/MG; é neste período que ela começa a se expandir com novas alternativas urbanas de progresso. Para aprofundar e entender a historia desta Avenida e da cidade de Montes Claros utilizei como fontes os documentos do próprio município, jornais e revistas locais, fotografias e depoimentos. De um

---

[1] Nome dado popularmente para designar os jovens e/ou adolescentes que utilizam roupa preta e se reúnem nos finais de semana e nos feriados nas praças da Avenida Deputado Esteves Rodrigues na Cidade de Montes Claros/MG. A minha decisão metodológica foi adotar esse nome em referencia ao grupo, decisão essa fruto de negociação com os integrantes do grupo.

[2] Esta avenida é popularmente denominada Avenida Sanitária. Portanto, a utilizarei também sempre que estiver utilizando e/ou analisando seus argumentos.

lado busquei referencias que identificam a Avenida na sua constituição e trajetória como espaço urbano, desde sua fundação até os dias atuais, e, por outro lado, examinei como esta trajetória específica deste espaço, a principio viário, se articula dentro das pressões políticas e sociais em seu interior e entorno. Busquei ainda, com prioridade, entender os matizes do uso deste espaço, tão valorizado pela população local e apropriado nas noites dos finais de semana e feriados pelo grupo "Capa Preta", e que pode servir como elemento esclarecedor da sua cultura. Vale ressaltar que, embora o levantamento histórico desta avenida como espaço urbano seja relevante para a pesquisa desenvolvida, como moldura que abriga os jovens "Capa Preta", o ponto focal foi o entendimento por parte do grupo dos significados do uso das roupas pretas e como este uso se articula com seu ideário enquanto grupo urbano que é.

Considerei nos estudos o fato de serem os indivíduos analisados o que denominarei "jovens", o que exige um esforço de conceituação da categoria, entendida aqui como uma construção social. Acompanho as colocações de Hermano Vianna (1997) quando enfatiza ser difícil a definição do jovem contemporâneo no livro por ele organizado *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros sociais* que objetivou aprofundar o estudo da diversidade cultural criada por jovens cariocas contemporâneos. Vianna considera que "o conceito de juventude parece ter 'colonizado' todo o espaço social." (1997, p.8). Esse autor considera que o fato do jovem estar em todo lugar tem um preço que é o de diminuição da identificação de fenômenos específicos diferenciados dos demais. "Tentar decifrar o "jovem", nessas condições, seria tentar dar conta de todos e de tudo o que é uma tarefa enciclopédica. É preciso então decidir sobre que "jovem" queremos, apesar de todos e de tudo falar." (VIANNA, 1997, p.11). Helena Abramo (1994) em seu livro *Cenas Juvenis* traça um resumo das ideias propostas por antropólogos, sociólogos e cientistas políticos que buscam nortear os estudos sobre juventude; por mais divergências que elas apresentem, acabam por convergir para uma definição de juventude como: "estado de rebeldia, revolta, transitoriedade, turbulência, agitação, tensão, mal-estar, possibilidade de ruptura, crise psicológica, conflito (...). Tudo isso pode ser resumido com um único conceito: mudança." (ABRAMO, 1994 *apud* VIANNA, 1997, p. 12). Vianna (1997) critica as ideias apresentadas no sentido em que refuta a ideia sugerida de "ordem social" a ser mudada por uma juventude "revoltada", por considerar não ter a sociedade entidades estáticas e rígidas e sim uma relação dinâmica entre seus diversos grupos sociais, sendo que estes estão também em constante transformação, o que significa que a própria definição de jovem/juventude deve considerar sua diversidade. Nesse sentido, conforme Barbosa (2012, p. 15) "falar em jovem e juventude só pode ser mesmo no plural".

Para ampliar o entendimento do processo de socialização dos jovens que estudei na cidade de Montes Claros, é que busquei dar prioridade ao entendimento do uso da roupa preta, característica mais evidente que demarca e distingue este grupo dos demais, e que vem sendo motivo da criação de vários "boatos e fofocas" nefastas sobre suas práticas, que merecem ser esclarecidas. Pode-se, nesse sentido, falar numa "política de reputações" (COMERFORD, 2001). Conforme Feltran (2010), estas são formas de distinção em que algumas essências valorativas acabam por demarcarem quem pertence e quem não pertence ao "pedaço". "Os sinais diacríticos usuais facilitam a tarefa, corporificando uma estética em que a cor da pele, os modos de se vestir e falar, os circuitos urbanos, etc. tornam visíveis os critérios a empregar cotidianamente como distinção social" (p.571).

Partimos da hipótese de que o uso da roupa preta é uma das estratégias que o grupo "Capa Preta" utiliza para evidenciar e delimitar sua identidade de grupo através do próprio corpo; esta estratégia, porém, pode ser considerada como apenas uma porta de entrada reveladora no entendimento da cultura deste grupo. Por isso, duas questões são fundamentais e compõem a interface de um mesmo objeto: a roupa preta na cultura urbana e esta mesma roupa preta na subcultura do grupo de jovens que dela fazem uso.

Conforme Feltran (2010), existem critérios de distinção que são internos aos grupos. Nem sempre, para quem é de fora, eles são visíveis; no caso do grupo "Capa Preta", uma distinção externa é possibilitada por uma estética demarcada pela cor das roupas e acessórios pretos e com metal e, ainda, pelo espaço da Avenida que ocupam.

Baseada nas minhas primeiras aproximações com o grupo "Capa Preta" através de conversas informais com alguns dos seus integrantes percebi em suas falas e comportamentos estereótipos que condicionam e demarcam o lugar social dos sujeitos com dimensões morais e algumas distinções no interior desse grupo. Nesse sentido, acredito que não posso e nem devo descartar, nesse trabalho etnográfico, o discurso dos integrantes do grupo e daqueles "de fora"- dos que falam sobre ele. Assim, confrontei em analise os estereótipos, a dimensão moral e as distinções que se apresentam no interior e externamente a esse grupo expressas pelas atitudes de acusação, as relações e demarcações das diferenças, os conflitos, os fechamentos. Enfim, o esforço foi de incluir na análise toda a sociabilidade existente em cada "pedaço" do grupo "Capa Preta".

Nesse sentido, a proposta foi trabalhar analisando as descrições dos discursos e das praticas sociais dos jovens, objeto do meu estudo, valorizando igualmente tanto um como o outro em minhas analises. Identifiquei também, pelas primeiras aproximações com membros do grupo, a categoria "galera" como a formação de subgrupos no seu interior, que são

demarcadas por algumas afinidades e praticas; entre esses subgrupos, também identifiquei alguns critérios de diferenciações de ordem moral. Nesse sentido, cada marca deixada pelo discurso e cada pratica foi analisada e valorizada de forma atenta igualmente para o que dizem e fazem os membros do grupo e para o que dizem e fazem aqueles que falam sobre eles. Foram objeto de reflexão as categorias de acusação, os estereótipos, os valores, os estigmas, depreciações, etc.

Entender o uso da roupa preta enquanto parte da cultura da cidade e o uso que os jovens do grupo "Capa Preta" fazem dela efetivamente é realizar um estudo de caso que leva em conta a existência de possíveis tensões e rupturas, assim como de permanências entre o instituído e o vivido no cotidiano da vida urbana. Neste contexto, existem procedimentos que devem ser decifrados para se entender melhor os modos utilizados pelo jovem "Capa Preta" em suas buscas cotidianas de ser *"*um" dentro de "nós", e, ao mesmo tempo, ser identificado com o "nós*",* isto é como manter os traços individuais tão valorizados pelos jovens e ao mesmo tempo garantir uma identidade coletiva com o grupo de "chegados" a que pertencem. Essa situação se aplica à afirmativa de Simmel (2008) que "Toda a história da sociedade transcorre na disputa, no compromisso, nas conciliações lentamente conquistadas e rapidamente perdidas, entre a tendência de se fundir ao nosso grupo social e a tendência a se dissociar individualmente dele." (p. 163).

Gilles Lipovetsky (2009) afirma que a consciência de ser um individuo com destino particular está longe de ser um fenômeno periférico, e que a vontade de exprimir uma identidade singular, ou seja, a celebração cultural da identidade pessoal, forma o que ele denomina uma "força produtiva" - o motor da moda. Segundo Lipovetsky, houve uma revolução na representação das pessoas e no sentimento de si, modificando profundamente as mentalidades e valores tradicionais, desencadeando a exaltação da unicidade dos seres e a promoção social dos signos da diferença pessoal. Outro autor que nos ajuda a compreender essa característica juvenil é Simmel (2008), ao discutir as tendências opostas da moda como uma tentativa de acomodar a dupla satisfação ao estado de cada cultura individual à social. O autor afirma que

> As condições de existência da moda como um fenômeno corrente na história de nossa espécie estão aqui circunscritas. Imitação de um modelo dado, a moda satisfaz uma necessidade de apoio social, ela leva o singular à via seguida por todos, ela indica uma universalidade que reduz o comportamento de cada um a mero exemplo. Ela também satisfaz, no entanto, a necessidade de distinção, a tendência à diferenciação, à variação, ao destaque.
> (...) moda não é nada além de uma forma de vida entre outras, através da qual se conjuga, em um mesmo agir unitário, a tendência à uniformização social, a tendência à distinção individual, à variação. Se interrogarmos a história da moda, que até agora só foi pesquisada naquilo que diz respeito ao desenvolvimento de seus conteúdos,

> sobre seu significado para a forma do processo social, veremos que ela é a história das tentativas de acomodar ao estado de cada cultura individual e social a satisfação dessas duas tendências opostas. (p.165).

Simmel (2008) afirma que a moda de um grupo pode significar a união com os pares ou mesmo promover uma unidade que exclui os de fora num circulo definido por ela, possibilitando a realização do que a principio seria uma oposição lógica, e cumprindo assim a dupla função indissolúvel de unir e distinguir ao mesmo tempo.

Com estas questões em mente, procurei entender as maneiras habituais de proceder destes jovens estudados no espaço urbano, em sua apropriação da roupa preta e outros costumes, e ainda, procurei ressaltar o papel ativo dos mesmos na relação estabelecida entre sua subcultura e aquela determinada por uma cultura juvenil que se faz presente e atuante no cotidiano da cidade de diversas formas: luta por autonomia, autoafirmação na expressão de valores e manifestações individuais e coletivas que fogem muitas vezes dos padrões valorizados e legitimados pela sociedade mais ampla.

A justificativa do estudo fruto desta tese teve como fundamento o fato de que neste inicio de século XXI, a avançada e acelerada evolução da tecnologia da informação e novas mídias na reestruturação do capitalismo introduzem uma nova forma de sociedade; uma nova organização social que penetra em todos os níveis da sociedade está sendo difundida em todo o mundo, e vem abalando instituições e transformando culturas. A cidade de Montes Claros não ficou imune às transformações sociais e econômicas características deste período. Ao pensar o estudo da historia e da cultura do grupo de jovens “Capa Preta” busquei analisar as formas mais explicitas que demarcam no contexto social local a cultura do grupo e sua organização social à luz das discussões das Ciências Sociais sobre grupos urbanos, a despeito das transformações de caráter global.

Quanto à dimensão estética do grupo “Capa Preta” que é aqui relacionada ao urbano, no seu aspecto visual, observei que esta relação expressa uma multiplicidade de valores que apontam para um processo de construção de identidade, demonstrada pela capacidade plástica e ritualizada de suas roupas para revelarem uma tendência social nova na cidade de Montes Claros.

Como já foi afirmado anteriormente, entender o processo histórico do grupo de jovens “Capa Preta”, considerando sua especificidade, é entender parte dos traços da cidade e da sua sociedade, seu cotidiano, as diferenças culturais que permeiam o espaço urbano de Montes Claros, sendo a grande meta estabelecida o entendimento através do uso da roupa preta feito pelos jovens desse grupo.

Os estudos sobre o grupo “Capa Preta” de forma geral objetivaram contribuir com os estudos nas Ciências Sociais sobre cidade e sociedade, no que concerne à formação de subculturas por jovens. Especificamente busquei: a - analisar a constituição identitária destes jovens; b - identificar e analisar aspectos centrais na historia e na cultura do grupo de jovens “Capa Preta”; c - analisar o ideário do grupo “Capa Preta” e, neste, qual o papel atribuído à roupa preta; e d - observar, descrever e analisar como a roupa preta é apropriada e usada por membros desse grupo.

O texto dessa tese está estruturado em nove partes (incluindo essa introdução). No capítulo “METODOLOGIA: O caminho e o caminhar da pesquisa” apresento minhas escolhas metodológicas e as estratégias que utilizei para desenvolver a pesquisa de estudo de caso etnográfico. No capítulo “ANTROPOLOGIA URBANA: Pressupostos Teórico-Metodológicos” apresento a continuidade das minhas escolhas metodológicas detalhando os pressupostos teóricos e metodológicos que nortearam a minha pesquisa. Na quarta parte do texto apresento uma breve “Revisão da Literatura” referente à tentativa de conceituar o que seriam os temas centrais da minha tese, sendo eles: jovem e juventude; o uso de roupas/ moda; e ainda, trago uma discussão sobre fofocas. Na quinta parte do texto apresento a Cidade de Montes Claros enquanto o lugar da pesquisa, traçando seu histórico e a sua composição urbana atual, e situo a Avenida Deputado Esteves Rodrigues (Avenida Sanitária) como o recorte para a realização da pesquisa de campo, por ser o principal *lócus* de encontro e sociabilidade do grupo de jovens “Capa Preta”. Nessa mesma parte do texto trago também uma breve discussão sobre o espaço urbano à luz das Ciências Sociais. Na sexta parte do texto apresento o objeto da pesquisa: o grupo “Capa Preta” e a porosidade de suas fronteiras. Apresento por meio do histórico do *Heavy Metal* e do *Headbanger* em Montes Claros como se originou o grupo “Capa Preta”. Na sétima parte apresento o mapeamento do campo e dedico atenção especial à “mancha” da Avenida Sanitária que abriga meu objeto de estudo. A oitava parte foi destinada à apresentação das categorias nativas - os “*Na Veia*”, os “*Na Veissima”* e, os “*Fantasia*” - identificadas no discurso dos atores da pesquisa como formas de distinção e manutenção da identidade do grupo. Por fim, nas considerações finais apresento à guisa de conclusão e arrematando o fio da meada por mim trabalhado, as considerações que a pesquisa propiciou.

2 METODOLOGIA: O caminho e o caminhar da pesquisa

A pesquisa foi de natureza qualitativa. Tal escolha foi orientada pela existência de vários códigos na análise do processo de socialização dos jovens "Capa Preta". Assim, procurei analisar as maneiras habituais de proceder desses jovens quanto ao uso da roupa preta como parte da sua cultura no contexto da cidade.

Ao pesquisar segui os parâmetros de um estudo de caso com uma "abordagem etnográfica", procedimento esse que permitiu a conjugação de vários instrumentos de coleta de dados. Bruyner *et al* (1982), caracterizam o estudo de caso como uma "análise intensiva" realizada em uma ou mais organizações, isto é, o estudo de situações particulares feito em profundidade. Este tipo de estudo agrega informações numerosas e detalhadas que permitem o entendimento da totalidade; ainda, como se trata de caso singular, "coloca problemas, sugere conjecturas, renova perspectivas, sugere hipóteses fecundas, ilustra uma teoria, mas não pode gerar esta última" (p. 225).

Desse modo, a pesquisa teve, como todo estudo de caso, um caráter particularizante, uma vez que foi analisada em profundidade uma experiência singular. Entretanto, considero a experiência analisada como representativa de outras experiências de jovens que se apropriam e se reúnem em espaços urbanos por terem em comum usos de roupas, símbolos, modos de vida, gostos e outras semelhanças. Não foi meu objetivo confrontar a experiência dos jovens do grupo "Capa Preta" com outros similares, mas acredito que seu estudo pode sugerir correlações possíveis com as demais experiências, o que permitiria ultrapassar sua particularidade.

Para alcançar os objetivos, optei pela fundamentação teórico-metodológica filiada ao paradigma qualitativo, cujos pressupostos de busca de resultados não foram estatisticamente generalizados; trata-se do Estudo de Caso Etnográfico, que, mais do que a escolha de um método, é uma opção teórico-metodológica que está inserida na antropologia. Portanto, conforme as demandas do Estudo de Caso Etnográfico, a pesquisa estabeleceu um dialogo permanente entre teoria e pratica que foi mantido durante todo o processo de investigação, permitindo assim, uma análise permanente dos dados.

Optei pela metodologia de estudo de caso com abordagem etnográfica porque esse procedimento permite a conjugação de vários instrumentos de coleta de dados. Conforme Günther (2006, p. 204) "num estudo de caso é possível utilizar tanto procedimentos qualitativos como quantitativos." Para Günther (2006, p. 204) estudo de caso é "uma investigação aprofundada de uma instância de algum fenômeno, é o estudo envolvendo

números estatisticamente significativos de um mesmo fenômeno, a partir do qual seria possível generalizar para outras instâncias.” Concordo com o autor citado que “uma abordagem mista não necessariamente implica numa algaravia metodológica.” (p. 207). Como participante do processo na construção do conhecimento, utilizei as varias abordagens à minha questão de pesquisa. Assim, procurarei analisar as maneiras habituais de proceder desses jovens, em sua racionalidade pratica, quanto ao uso da roupa preta, no contexto da cidade como parte de sua cultura, com objetivo de contribuir com os estudos das Ciências Sociais sobre cidade e sociedade no que tange à formação de subculturas por jovens.

Em definição de acordo com Günther (2006, p. 205) ao usar a idéias de Vogt (1993) “em seu contexto o estudo de caso, delimitado como a coleta de analise de dados sobre um exemplo individual para definir um fenômeno”. Günther (2006) acrescenta que esse tipo de estudo concebe a observação de comportamento em contexto natural, permite ainda, a realização de entrevistas, aplicação de questionários e testes.

Para Alves (1991), em se tratando de estudo de caso, o estabelecimento da unidade de analise corresponde à definição do “caso” e a descrição dos aspectos relevantes do caso deve ser incluída no projeto. Para essa pesquisadora, estar interessado em indivíduos não significa que não seja possível focalizar vários indivíduos. A autora citada exemplifica seu argumento assim: “se o ‘caso’ é uma favela, dados sobre localização, condições sanitárias e de habitação, serviços disponíveis na área (escola, postos de saúde, segurança), grupos atuantes, e outros pertinentes à questão devem ser incluídos.” (p. 58).

De acordo com André (2005), um ponto comum do debate sobre o conceito de Estudo de Caso é que "sempre envolve uma instância em ação" (p.16). Em geral, as técnicas de coleta de dados nos estudos de caso, embora esse tipo de estudo tenha se originado da psicologia, são aquelas usadas nos estudos sociológicos ou antropológicos, como por exemplo: observação, entrevista, análise de documentos, gravações, anotações de campo, mas não são as técnicas que definem o tipo de estudo, e sim o conhecimento que dele advém.

Stake (*apud* André, 2005, p.19) afirma que "estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias". O autor também enfatiza que o que caracteriza o Estudo de Caso não é um método específico, mas um tipo de conhecimento: "Estudo de caso não é uma escolha metodológica, mas uma escolha do objeto a ser estudado" (p. 17). Uma questão fundamental, segundo a autora citada, é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso. O conhecimento gerado a partir de um estudo de caso é

diferente do conhecimento derivado de outras pesquisas, porque o conhecimento gerado pelo estudo de caso é:

> - Mais concreto - configura-se como um conhecimento que encontra eco em nossa experiência porque é mais vivo, concreto, mais sensório do que abstrato.
> - Mais contextualizado - nossas experiências estão enraizadas num contexto, assim também o conhecimento nos estudos de caso. Esse conhecimento se distingue do conhecimento abstrato e formal derivado de outros tipos de pesquisa.
> - Mais voltado para a interpretação do leitor - os leitores trazem para os estudos de caso as suas experiências e compreensões, as quais levam a generalizações quando novos dados do caso são adicionados aos velhos.
> - Baseado em populações de referência determinadas pelo leitor - ao generalizar, os leitores têm certa população em mente. Assim, diferente da pesquisa tradicional o leitor participa ao estender a generalização para populações de referência. (ANDRÉ, 2005, p. 17).

André (2005) fala que Merriam (1988) em seus estudos conclui que particularidade, descrição, heurística e indução são características essenciais num estudo de caso qualitativo.

> *Particularidade* significa que o estudo de caso focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular. O caso em si tem importância, seja pelo que revela sobre o fenômeno, seja pelo que representa. É, pois, um tipo de estudo adequado para investigar problemas práticos, questões que emergem do dia-a-dia.
> *Descrição* significa que o produto final de um estudo de caso é uma descrição "densa" do fenômeno em estudo. Por descrição densa entende-se uma descrição completa e literal da situação investigada. (...) O estudo de caso engloba um grande número de variáveis e retrata suas interações ao longo do tempo. Os dados são expressos em palavras, imagens, citações literais, figuras literárias.
> *Heurística* significa que os estudos de caso iluminam a compreensão do leitor sobre o fenômeno estudado. Podem revelar a descoberta de novos significados, estender a experiência do leitor ou confirmar o já conhecido. (...)
> *lndução* significa que em grande parte, os estudos de caso se baseiam na lógica indutiva.(...). (MERRIM *apud* ANDRÉ, 2005, p. 18).

André (2005) ressalta que Stake (1995) concebe o Estudo de Caso como qualitativo, mas que prefere usar a denominação "estudo de caso do tipo etnográfico", ou seja, “um estudo em profundidade de um fenômeno (...) com ênfase na sua singularidade e levando em conta os princípios e métodos da etnografia.” (p.20).

Quanto à opção por uma abordagem etnográfica, a pesquisa buscou compreender o contexto sociocultural dos jovens do grupo “Capa Preta”, bem como entender as mediações entre as formas de procedimentos que os seus membros, no seu campo social, utilizam para produzir e reconhecer seu mundo, para torná-lo viável e familiar ao mesmo tempo em que o vão construindo.

Para a operacionalização da pesquisa utilizei uma perspectiva de construção permanente, com uma serie de recursos de pesquisa, assim descritos por Roberto DaMatta (1978). Há um primeiro momento a que o autor se refere como *teórico-intelectual*. Esta fase é caracterizada pelo “uso e abuso da cabeça”, anterior ao contato com os sujeitos da pesquisa; é a fase do conhecer teórico, universal, mediado não pelo concreto, mas pelos livros, ensaios e

artigos. É a etapa que o autor chama de “pesquisa teórica”, e que é constituída pelo levantamento bibliográfico dos referenciais teóricos sobre o “estado da arte”. No caso desta pesquisa, os temas pesquisados foram:

- os conceitos de cultura, na perspectiva antropológica do sistema simbólico, relacionada à produção humana;
- a juventude enquanto categoria construída socialmente;
- a noção de “cotidiano” relacionado ao urbano;
- a noção de “pedaço” como categoria social adequada para a reflexão sobre a forma como os jovens “Capa Preta” se reúnem nos espaços de convivência cotidiana na cidade;
- a reflexão sobre os códigos de vestuário como instrumentos de construção de identidade para os jovens do grupo “Capa Preta”.

O objetivo da pesquisa teórica foi configurar um quadro referencial que orientou a investigação e que pode ser utilizado por outras áreas da pesquisa. Esta prática, conforme Bruyner (1982), evita o risco empiricista que frequentemente cerca o estudo de caso.

A segunda fase da pesquisa teórica foi de natureza documental. É a parte da investigação em que procurei levantar dados e informações sobre a história da cidade e do local da pesquisa em todo seu contexto. Nessa fase da pesquisa utilizei, dentre outros, os seguintes documentos disponíveis em instituições da cidade de Montes Claros (Centro Cultural Dr. Hermes de Paula, Prefeitura Municipal, jornais, Policia Militar e Civil, etc.): revistas, álbuns, jornais, registros de ocorrências, leis, regimentos, atas, agendas, cartas, documentos administrativos, monografias, reportagens. Foram utilizados documentos de domínio publico e outros particulares, inclusive dos próprios integrantes do grupo estudado.

O segundo momento da pesquisa, a fase a que DaMatta chama de “período prático”, é a antevéspera da pesquisa; é a fase na qual passamos do plano das teorias mais universais para as preocupações e tomadas de decisões mais concretas do ir a campo, do planejamento do que levar, como ir, como chegar. É o momento de criar as condições que permitam o *“*como ficar”, como se inserir, de se colocar diante do que DaMatta considera o problema fundamental da Antropologia, ou seja, a especificidade e relatividade de sua própria experiência. Acredito que essa primeira inserção no campo e consequente contato com os jovens “Capa Preta” me identificando como pesquisadora pôde servir como uma espécie de “*quebra gelo”* para a imersão etnográfica necessária para a próxima fase, conforme sugere DaMatta:

> Os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema. (...). Pode ocorrer também que o investigador, baseado numa teoria, precise elaborar um instrumento, uma escala de opinião, por exemplo,

> que cogita num estudo descritivo que está planejando. Então o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com a população, obter os resultados que deseja. (TRINIÑOS, 1992, p.109).

Para esse segundo momento, (diga-se de passagem, os momentos são descritos de forma sequencial somente em nome da clareza, pois ocorreram concomitantemente) as primeiras aproximações dos membros do grupo "Capa Preta" foram feitas junto com meus alunos da graduação do Curso de Ciências Sociais/Unimontes da disciplina optativa Sociologia da Juventude nos dois semestres do ano de 2014, com os quais estava desenvolvendo estudos sobre grupos de jovens urbanos. Procurei acompanhá-los sempre que foram a campo observar e/ou entrevistar os membros desse grupo. Assim pude ter uma oportunidade de inserção mais tranquila, por dois motivos: primeiro meus alunos da graduação causam menos impacto ao buscarem aproximações do que eu por terem uma das características dos membros do grupo - serem jovens; e segundo, ao me inserir por via de professor/pesquisador que acompanha e orienta seus alunos, essa aproximação garantiu um conhecimento de situações que foram balizando o alargamento da minha busca por novos referenciais teóricos (principalmente no que tange a conflitos internos, fofocas, ao *rock*, novas categorias identificadas no grupo como subdivisões internas em "galeras", as categorias de classificação, etc.), uma capacidade de fazer as descrições preliminares do grupo objeto da pesquisa baseada nas observações e discursos dos membros nessa fase, e ainda, um nível de reconhecimento meu de alguns membros do grupo "Capa Preta" em uma recíproca que, acredito, permitiu a continuidade da pesquisa do doutoramento com uma inserção mais amigável com menor impacto de desconfianças, possibilitada por esse reconhecimento mutuo, uma vez que, por serem um grupo estigmatizado eles não são muito abertos ao dialogo com pessoas "de fora" ou "desconhecidos", principalmente em se tratando de adultos.

A terceira etapa é aquela a que DaMatta (1978) se refere como "pesquisa de campo". Esta fase foi realizada através de dois tipos de técnicas da documentação direta intensiva: observação participante e entrevistas.

Esse terceiro momento é considerado por DaMatta (1978) como fase "pessoal ou existencial". Aqui, foi necessário lançar mão de um conjunto de esforços de trabalho onde se combinam a nossa formação cientifica e/ou acadêmica e as lições que o etnólogo deve extrair do seu próprio caso. É a fase que DaMatta denomina de "globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a pratica do mundo com a do oficio" (p.25). Trata-se de um dialogo com pessoas, é o encontro entre alteridades. Nesse momento é que estive de fato imersa no campo, no qual de fato vislumbrei o *self* da etnógrafa.

Nesta fase, lancei mão do método da observação participante. Frequentei os espaços da Av. Dep. Esteves Rodrigues durante os anos de 2013, 2014 e 2015, principalmente as praças que são os pontos de encontro dos jovens do grupo "Capa Preta" e visitei outros espaços nos quais eles eventualmente se encontravam.

Melo (1949), ao fazer uma analise da arquitetura das cidades e sua relação com uma das características mais marcantes de muitas sociedades, que é o fato de "uns sempre vigiarem os outros", lança a ideia de que o traçado reto das ruas e a centralidade das praças devem ter contribuído para dar tons próprios aos encontros, uma vez que estes se tornam visíveis à longa distancia. Aproveitei para a pesquisa este espaço cujo traçado pode proporcionar e potencializar o melhor campo de observação das manifestações dos jovens "Capa Preta". Observei a construção de novos olhares e novos saberes, apenas observando e me inserindo nos "pedaços" vez e outra. Os registros dessas observações foram feitos em notas de caderno de campo e fotografias.

Para a observação busquei levar em consideração "os dez mandamentos da observação participante", depreendidos do livro "Sociedade de Esquina*"* de Foote-Whyte (2005) e que foram elaborados por Valladares (2007) para orientar o pesquisador sobre a pesquisa nessa modalidade, quais sejam: 1º) implica um processo longo; 2º) o pesquisador não sabe onde está "aterrissando" e não tem controle da situação; 3º) supõe a interação pesquisador/pesquisado; 4º) deve-se abandonar o esforço de imersão total por ser diferente do grupo; 5º) necessita de um informante chave "de dentro*";* 6º) o observador sempre é observado; 7º) deve-se usar todos os sentidos, observar o *rapport;* 8º) desenvolver uma rotina é fundamental; 9º) aprende-se com os erros; 10º) deve-se apresentar os resultados da pesquisa, "o que fica são as relações de amizade desenvolvidas durante o trabalho" (p.3).

A observação participante foi combinada com a realização de entrevistas em profundidade e conversas informais, que foram realizadas com vários integrantes do grupo (critérios de seleção definidos por afinidades e oportunidades que foram surgindo durante as minhas inserções no campo, ou seja, minhas idas e vindas à Avenida). Apresento aqui dez (10) entrevistados que foram mais significativos e que elegi para citar nessa tese. Utilizo os codinomes escolhidos por eles mesmos, no sentido de garantir o sigilo e resguardar as suas identidades:

1) Erika: é uma garota (minha primeira entrevistada) branca, tinha dezesseis (16) anos no período das entrevistas em 2013, e por ser menor de idade freqüenta esporadicamente o 4º trecho em frente à loja de conveniências *Alltime*. Fica sempre em local de pouca visibilidade; segundo ela, fica "*mocada"* por não ter autorização dos pais e nem mesmo conhecimento

quanto à sua freqüência e participação no "pedaço" "Capa Preta". Mora em bairro na zona norte[1] da cidade e é fã de *Black Metal*.

2) Yure: é um jovem branco de vinte e três (23) anos de idade e é universitário. Faz o curso de Ciências da Computação e trabalha em um Callcenter. Frequenta regularmente o bar Quintal Avenida e disse que ficava na praça nas pedras perto da arvore "*barriguda*" (3º trecho) quando não tinha "*grana"* para consumir no bar. Mora na área central da cidade, é fã incondicional da banda Sepultura e de tudo referente ao estilo metálico.

3) John: é um jovem negro de vinte (20) anos de idade. Tem o segundo grau e está prestando vestibular para o Curso de Artes/Musica. Não trabalha e é frequentador do 1º trecho que inicia na Prefeitura e fica entre a Avenida Sanitária e a Rua Engenheiro João Antonio Pimenta. Considera-se e é reconhecido pelo grupo como um verdadeiro Headbanger, um "*Na Veissima*", Mora em favela na zona noroeste da cidade.

4) Michel: é um jovem ruivo de dezoito (18) anos de idade, pratica malhação (o que o faz muito popular entre as garotas que o apelidaram de "*o ruivinho saradão*"), é estudante e está no terceiro ano do ensino médio. Pretende fazer o Curso de Educação Física e frequenta regularmente o 2º trecho em frente ao SENAC por fazer parte da "galera" que faz "*gato*" nos pontos de luz vulneráveis existentes nesse trecho. É fã do *metal black* e mora em bairro na zona sul da cidade.

5) Janis: é uma jovem branca, usa cabelo vermelho, *piercings*, ostenta uma tatuagem de Janis Joplin, tem dezenove (19) anos de idade (tornou-se minha mais fiel e devotada referencia/informante/contato dentro do grupo). Cursa o segundo período do curso de Ciências da Computação, trabalha como vendedora em uma loja de artigos e equipamentos de motocicleta. Tem uma Banda de rock a J&J com seu namorado Jimi, é frequentadora assídua dos 3º, 5º e 6º trechos, é fã de carteirinha de Janis Joplin e Jimi Hendrix. Mora em bairro da periferia norte da cidade.

6) Jimi: é um jovem mestiço de vinte (20) anos de idade, cursa o segundo período do curso de Ciências da Computação, trabalha num Callcenter, é dono da Banda J&J junto com sua namorada Janis. Frequenta regularmente os 3º, 5º e 6º trechos, diz ser fã de rock "*pesado" metal black* e detesta tudo que não é do rock ("*os babacas*" de outros estilos principalmente Emos e Sertanejos). Mora no mesmo bairro/rua da sua namorada em bairro da periferia norte da cidade.

---

[1] Identifiquei a procedência dos jovens entrevistados citando as zonas nos quais estão localizados os bairros que moram, cada uma destas têm características especificas referente à classe social dos seus moradores que é a mesma dos atores da pesquisa, assim: Zona norte – Classe média baixa; Centro – Classe média; Zona noroeste – Classe baixa, as ocupações são irregulares; Zona sul – Classe media alta e alta.

7) Mister Uruca: jovem mestiço de vinte e quatro (24) anos de idade, ostenta varias tatuagens de motivos satânicos e *piercings* em varias partes do rosto/corpo. É formado em Arte Música, trabalha como gerente de uma loja de instrumentos musicais se considera e é reconhecido na sua e em todas as "galeras" como o mais verdadeiro dos verdadeiros Headbangers, um "*Na Veissima"*, o que lhe garante um status e tratamento como uma espécie de guru do grupo "Capa Preta". Frequenta regularmente e comanda a "galera" do 1º trecho da Avenida, é fã radical do *metal black*, principalmente das bandas norueguesas. Mora em bairro da zona norte da cidade.

8) Muralha: jovem negro e corpulento (alto e robusto) de vinte e dois (22) anos de idade (o conheci em evento de que participou como egresso do curso de Artes/Música da Unimontes, me considerou/confundiu como entendedora do mundo do rock, o que me garantiu o contato com o Mister Uruca), é frequentador do1º trecho da Avenida, braço direito do Mister Uruca. Desempregado, faz bico como segurança em eventos e professor de bateria e guitarra, faz participações tocando na Banda J&J e em barzinhos da cidade, é fã de Metal Black e exibe tatuagens de emblemas de bandas do gênero. Mora em bairro da zona norte da cidade.

9) Ló: jovem branco, magro, alto, de dezoito (18) anos de idade, estudante, está no segundo ano do curso técnico em computação, é freqüentador assíduo da Praça Godofredo Guedes que fica próxima à Avenida Sanitária e é cliente da loja de conveniências Alltime que é parte do 4º trecho. Às vezes junto com sua galera fica também no 6º trecho da Avenida que fica entre o Bar Quintal Avenida e o Posto de combustíveis Ale (esse espaço é o menos disputado pelos verdadeiros roqueiros, portanto, quando vazio a "galera" da praça se sente à vontade para ficar ali). Ele e sua "galera" são considerados Emos/gays pelas outras "galeras", não aceita esse estereotipo, e se considera um roqueiro fã de Rock Romântico e de Pop Rock, mora em bairro na zona sul da cidade.

10) Aninha: jovem de dezoito (18) anos de idade, é universitária bacharel do quarto período do Curso de Direito e faz estágio em escritório de advocacia. É freqüentadora esporádica dos 3º, 5º e 6º trechos e é aceita na "galera" de Janis e Jimi. Conquistou esse direito de aparecer quando quiser pelo muito entendimento que possui e pela facilidade que tem de analisar os eventos do gênero, é fã do *heavy metal* de bandas como Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple, da Dance Music de Frank Zappa, Creedence Clearwater, Elton John, Brian Ferry e David Bowie e, ainda, de bandas de rock como Pink Floyd, Genesis e Queen. Mora em bairro na zona sul da cidade.

No tipo de entrevista não estruturada que utilizei, de acordo com Bogdan & Biklen (1994, p. 135),

> (...) o entrevistador encoraja o sujeito a falar sobre uma área de interesse, em seguida, explora mais profundamente, retomando os tópicos e os temas que o respondente iniciou. Nesse tipo de entrevista, o sujeito desempenha um papel crucial na definição do conteúdo da entrevista e na condução do estudo.

Utilizei esse tipo de entrevista, considerando a técnica dos autores citados, com o intuito de identificar as marcas dos discursos, suas unidades de significados e discriminações e/ou afinidades com o grupo e suas regras. A identificação dos nomes dos entrevistados foi mantida em sigilo; como estratégia para tal, utilizei apelidos/codinomes sugeridos pelos próprios entrevistados (alguns sugeriram o uso do nome dos seus cantores e/ou bandas de rock prediletas). Busquei perceber as marcas do discurso que fundamentaram a identificação de novas categorias nativas de pesquisa, que nos possibilitaram a estruturação e/ou reestruturação dos caminhos e opções que foram feitas em todo o percurso da investigação.

O tipo de entrevista definido para a pesquisa foi a não estruturada, o que me permitiu ao serem utilizadas delinear os focos conceituais, sendo estes pautados por quatro procedimentos básicos: a - abandonar a hipótese de que as condutas sociais são governadas por normas pré-estabelecidas; b - considerar que os indivíduos sabem explicar a coerência e regularidades da vida social; c - tratar essas descrições como aparências que os membros produzem quando utilizam procedimentos para analisar um acontecimento; e d - o entendimento de que os jovens, quando se agrupam, encontram-se fortemente preocupados com a sua identidade, que se debate no processo permanente de constituição entre o *eu* e o *nós coletivo*, como forma de garantir um grau de pertencimento e autonomia dentro dos espaços em que tramitam, sobretudo no seu *pedaço* em que é latente a solicitação de: *"para que eu seja seu deixa que eu seja eu".*

Baseada nesta ideia, e seguindo-a tanto no trato com o estudo dos jovens quanto nas definições dos instrumentos de coletas de dados, é que não considerei recomendável estruturar entrevistas previas por haver decidido que estas seriam construídas à medida em que a pesquisa fosse se concretizando na forma de estudo de caso etnográfico.

3 ANTROPOLOGIA URBANA: Pressupostos Teórico-Metodológicos.

Em uma pesquisa de natureza etnográfica, os fatos cotidianos vistos, correntemente, como naturais ou mesmo não importantes são essenciais. Para tal, a participação na vida cotidiana dos jovens "Capa Preta" foi fundamental para a observação da forma como eles criam a identidade individual e de grupo, que passa pelo consumo de informações tanto locais como universais. Essa necessidade de participação e contato direto e pessoal com o universo de pesquisa é enfatizada por Gilberto Velho em seu texto "Observando o Familiar" quando versa sobre os métodos antropológicos:

> A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou- se com os métodos de pesquisa ditos qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal, com o universo investigado constituem sua marca registrada. Insiste-se na idéia de que para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato, uma vivência durante um período de tempo razoavelmente longo pois existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia. No entanto, a idéia de tentar por-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares exige um mergulho em profundidade difícil de ser precisado e delimitado em termos de tempo. Trata-se de problema complexo pois envolve as questões de *distância social* e *distância psicológica*. (VELHO, 1978, p. 123-124)

Para isto, adotei os procedimentos de Magnani (1984), que buscou, ao pesquisar a *"*cultura popular e lazer na cidade*",* fazer parte do "pedaço*"*. Conforme esse autor a categoria "pedaço*"* é distinta das categorias de "colega*", "*chegados", "amigos*"*, etc., por se constituir de dois elementos básicos: o primeiro é de ordem espacial, que determina uma relação social que tenha pontos de referencias que delimitam o seu núcleo; o segundo é que, "para ser do pedaço, é preciso estar situado numa rede particular de relações que combina laços de vizinhança, procedência, etc." (1984, p.137). O termo "pedaço", para Magnani, designa aquele espaço "intermediário entre o privado (a casa) e o publico, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas..." (1984, p.137). Considerando esta categoria é que busquei observar nos vários "pedaços*"* das praças da Avenida Deputado Esteves Rodrigues, como e porque os jovens "Capa Preta" instituem como bem cultural a roupa preta, indumentária que os distingue dos outros que frequentam a mesma Avenida. A categoria "pedaço" foi utilizada em nossas análises também no sentido em que nossas observações apontaram que a forma de apropriação do espaço urbano pelo grupo de jovens (nosso objeto de pesquisa) traz à tona a necessidade da discussão da relação entre o publico e o privado.

Partimos do pressuposto de que a cidade é construída por sujeitos socioculturais e de que é um espaço que abriga a diversidade, com referencias identitarias múltiplas que interferem e sofrem interferências em suas dinâmicas cotidianas. Ela é um espaço de dialogo entre diferentes subculturas que se tornam parte da vida de todos como um caminho a ser construído.

Magnani (2002), ao articular suas reflexões sobre cidade e sobre etnografia, diz pensar que não são necessários "muitos malabarismos pós-modernos para aplicar com proveito a etnografia a questões próprias do mundo contemporâneo e da cidade" (p. 11). Magnani considera que desde as primeiras experiências antropológicas, essa ciência e seus atores vêm construindo em sua pratica estratégias, conceitos, modelos, revisões, criticas e releituras que representam um arsenal de informações que podem fundamentar e inspirar abordagens novas e atuais sobre os mais variados e novos objetos especificamente urbanos.

Atualmente existem muitas abordagens e estudos sobre os rumos e as consequências dos processos de urbanização. Nesse sentido, Magnani (2002) agrupa tais abordagens em dois conjuntos: "o primeiro deles reúne aquelas analises e respectivos diagnósticos que enfatizam os aspectos desagregadores do processo (...) sendo estes aplicados ao mundo subdesenvolvido ou, de acordo com o atual eufemismo dos países emergentes." (p.12). Esse grupo representa o caos urbano consequente da desordem no crescimento das cidades. O segundo grupo "projeta cenários marcados por uma feérica sucessão de imagens, resultado da superposição e conflitos de signos, simulacros, não-lugares, redes e pontos de encontro virtuais" (p.12). Esse grupo é referido às metrópoles de primeiro mundo.

Magnani enfatiza que os dois grupos levam a conclusões similares no que tange à cultura urbana: "deterioração dos espaços e equipamentos públicos com a consequente privatização da vida coletiva, segregação, evitação de contatos, confinamento em ambientes e redes sociais restritos, situações de violência etc." (p.12). Esse cenário, portanto, de acordo com o autor não impossibilita a analise das questões urbanas contemporâneas, em situações ancoradas no primeiro ou segundo grupo, por ocuparem papel numa economia interdependente, à qual ele se refere como "sistema mundial".

Em seu estudo Magnani (2002) discorre sobre alternativas de enfrentamento dos problemas urbanos sugeridos por vários estudiosos, urbanistas e por políticas públicas distintas, no sentido de planos de valorização local, e acrescenta que a antropologia não é alheia a essa discussão. O propósito de Magnani é delimitar um campo que possibilite apreciar alternativas de análises focadas na dinâmica urbana contemporânea.

Há autores que enfatizam os efeitos homogeneizadores do sistema mundial sobre

> culturas locais, também creditando tal influencia à 'grande narrativa de dominação ocidental' conforme expressão usada por Marshall Sahlins (...). Nesse artigo, o autor mostra, todavia, com base em etnografias recentes, que não há uma só visão lógica nem uma única direção no fluxo transnacional por onde transitam pessoas, mercadorias e recursos: não poucas vezes esse fluxo termina fortalecendo costumes e instituições tradicionais num dos pólos, aquele constituído pela longínqua aldeia de origem. (MAGNANI, 2002, p. 14).

Magnani (2002) propõe ainda, para o estudo etnográfico urbano, a perspectiva de um olhar *distanciado,* que considera "indispensável para ampliar o horizonte da análise e complementar a perspectiva *de perto e de dentro.*" (p. 11). Tal argumentação se apóia na percepção de que muitos estudos apontam, comprovam e apresentam os problemas do dia-a-dia nas grandes cidades, mas ele se pergunta se isso seria tudo. Se o cenário degradado apresentado contempla todas as experiências urbanas, a solução apresentada por Magnani seria a mudança do foco de analise do olhar *de longe e de fora* para *olhar de perto e de dentro* com capacidade de apreender os padrões de comportamento, não de indivíduos atomizados, mas dos múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana se dá na cidade e no uso dos seus equipamentos.

> O que se propõe inicialmente com o método etnográfico sobre a cidade e sua dinâmica é resgatar um olhar *de perto e de dentro* capaz de identificar, descrever e refletir sobre aspectos excluídos da perspectiva daqueles enfoques que para efeito de contraste, qualifiquei como *de fora e de longe.* (MAGNANI, 2002, p. 17).

Nesse sentido, Magnani propõe o olhar *de perto e de dentro* como uma nova forma de olhar que não se caracterize apenas pelas escolhas e trajetórias do pesquisador *de passagem,* e que possa se fundamentar nos *arranjos,* dos próprios atores e por eles, as diversas formas como vivem a cidade. Isso supõe um duplo investimento: "de um lado sobre os atores sociais, o grupo e a pratica que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa pratica se desenvolve entendida (...) como parte constitutiva do recorte de analise." (2002, p. 18). Velho (1978) analisa a idéia de DaMatta sobre o *familiar* e o *exótico,* idéia essa que converge com os movimentos de pesquisa propostos por Magnani, em se tratando das aproximações e distanciamentos necessários ao pesquisador em relação ao seu universo de investigação, "Sobre isso Da Matta já situou com propriedade a trajetória antropológica de transformar o *exótico em familiar* e o *familiar em exótico*. Evidentemente, em algum nível, está se falando em distância." (VELHO, 1978, p. 124).

> Assim, volto ao problema de Da Matta, para sugerir certas complicações. O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto estamos sempre pressupondo familiaridades e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente (...).
> Assim volta-se a um ponto crítico. Não só o grau de familiaridade varia, não é igual a conhecimento, mas pode constituir-se em impedimento se não for relativizado e objeto

> de reflexão sistemática. Posso estar acostumado, como já disse, com uma certa paisagem social onde a disposição dos atores me é familiar, a hierarquia e a distribuição de poder permitem-me fixar, grosso modo, os indivíduos em categorias mais amplas. No entanto, isto não significa que eu compreenda a lógica de suas relações. O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendo necessariamente os princípios e mecanismos que o' organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para a nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. Isso não significa que, mesmo ao nos defrontarmos, como indivíduos e pesquisadores, com grupos e situações aparentemente mais exóticos ou distantes, não estejamos sempre classificando e rotulando de acordo com princípios básicos através dos quais fomos e somos socializados. É provável que exista maior número de dúvidas e hesitações como as de um turista em um país desconhecido, mas os mecanismos classificadores estão sempre operando. Dentro ou fora de nossa sociedade nós pesquisadores ocidentais estamos sempre, por exemplo, trabalhando e nos referindo à categoria indivíduo como unidade básica de mapeamento. (VELHO, 1978, pp. 125-128).

Seguindo essa linha de raciocínio com idéias que dialogam diretamente com as de Velho e DaMatta, Magnani desenvolve ainda no seu estudo a ideia de totalidade como pressuposto para o estudo antropológico “sobre” e/ou “na cidade”. Segundo Magnani (2002) existem ordenamentos particularizados, setorizados; existem, portanto, ordenamentos e regularidades que devem ser considerados antes de se embarcar numa fragmentação. São duas as representações de totalidades, em sua perspectiva, que precisam ser consideradas como pressuposto da etnografia; são dois pólos de uma relação que circunscrevem, determinam e possibilitam a dinâmica que se está estudando. A primeira delas é da “clássica visão de comunidade em que os membros se conhecem, mantêm relações face-a-face, estão ligados por padrões de trocas interpessoais.” (p. 19). A segunda representação é referente “à dupla face que apresenta: de um lado a forma como é vivida pelos atores e, do outro, como é percebida e descrita pelo investigador.” (p. 19).

Ao trabalhar a ideia de totalidade de forma especifica na antropologia urbana, Magnani identifica sua possibilidade na categoria pedaço:

> ...quem já estudou terreiros de candomblé, grupos de jovens, escolas de samba, torcidas organizadas de futebol, etc. sabe muito bem que nestes e em outros casos análogos há uma totalidade vivamente experimentada tanto como recorte de fronteira quanto como código de pertencimento pelos integrantes do grupo. Tomando como exemplo a categoria *pedaço* (...), é também evidente, por parte de seus integrantes, uma percepção imediata, clara, sem nuanças ou ambiguidades a respeito de quem *é* ou *não é* do *pedaço:* é uma experiência concreta e compartilhada. O analista por sua vez, também percebe tal experiência e a descreve: essa modalidade particular de encontro, troca e sociabilidade supõe a presença de elementos mínimos estruturantes que a tornam reconhecível em outros contextos. (MAGNANI, 2002, pp. 19-20).

Nesse sentido exposto, a totalidade aplicável à etnografia “é aquela que, experimentada e reconhecida pelos atores sociais, é identificada pelo investigador, podendo

ser descrita em seus aspectos como categorias que: para os primeiros, é o contexto da experiência, para o segundo, chave de inteligibilidade e principio aplicativo." (p. 20). Magnani ressalta que, para não se restringir a dizer somente generalidades a respeito do seu objeto de estudo, o etnógrafo não pode contar com a totalidade dada *a priori*. O que se pode fazer é construí-la tendo como fundamento a experiência dos atores, as hipóteses do estudo e as teorias escolhidas, para que o significado dessa totalidade possa ser analisado a partir de algumas categorias de análise. O espaço pode ser tomado como uma referencia de análise significativa. Para Magnani (2002) "A noção de *pedaço,* por exemplo, supõe uma referencia espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimentos e comunicação entre eles." (p. 21). Nessa referencia espacial, o autor destaca a oposição "em casa*"*, referente à família, e *"*fora de casa*"*, que se divide entre "na vizinhança*"* (como locais de encontro nos limites da vizinhança, pessoas que se conhecem por morar perto ou utilizarem os mesmos equipamentos urbanos) e *"*fora da vizinhança*"*.

O "pedaço", no entanto, refere-se a esse espaço demarcado para distinção de determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, formada por dois elementos básicos: "de ordem espacial e física" e "de ordem social". O próprio autor identifica que essa categoria nativa identificada por ele transcendeu seu objeto originário, em dialogo com a oposição formulada por DaMatta (1978) - "rua*"* versus *"*casa*"* -, podendo ser utilizada para a identificação de tipos particulares de sociabilidade e apropriação do espaço urbano com atitudes, valores e comportamentos referidos ao *público* e ao *privado.*[3]

> O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 1998a, p 116).

Para *ser do pedaço*, no entanto, não basta ir e/ou frequentar o mesmo espaço. É necessário haver um tipo de reconhecimento, que segundo Magnani seria "uma rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, etc." (1998, p. 21).

> O *pedaço,* porém, apontava para um terceiro domínio, intermediário entre a rua e a casa: enquanto essa ultima é o lugar da família, à qual têm acesso os *parentes* e a rua é dos *estranhos* (onde em momentos de tensão e ambiguidade, recorre-se à formula "você sabe com quem está falando?" para delimitar posições e marcar direitos), o *pedaço* é o lugar dos *colegas,* dos *chegados,* aqui não é preciso nenhuma interpelação:

[3] Com base nessas idéias é que *lancei minha rede* para estudar o grupo urbano "Capa Preta". Dentre as categorias de análise de Magnani (2002) apresento a categoria *pedaço,* por acreditar ter maior rendimento analítico para o meu objeto de estudo.

> todos sabem quem são, de onde vêm, do que gostam e o que se pode ou não fazer. (MAGNANI, 2002, p. 21).

Os estudos de Magnani (2002) em outros espaços da cidade de São Paulo, como a região central, por exemplo, trouxeram novas diferenciações na ideia original de *pedaço,* uma vez que a realidade de vizinhança identificada na periferia da cidade sofre alteração no sentido de que, nesses novos espaços, os frequentadores não tinham vínculos de convivência diária[4] como nos bairros, mas se identificavam por portarem os mesmos símbolos, terem os mesmos gostos e se assemelharem por orientações, valores, hábitos de consumo e estilos de vida. É dessa forma que se processa a tessitura da sociabilidade no *pedaço*:

> O componente espacial do *pedaço*, ainda que inserido num equipamento ou espaço de mais amplo acesso, não comporta ambiguidades desde que esteja impregnado pelo aspecto simbólico que lhe empresta a forma de apropriação característica. (p. 22).

Nesse sentido, o "pedaço" a que pertencem passa a ser referido pelos usos que fazem de roupas, falas, posturas, preferências, etc. pelos denominados grupos, gangues, turmas, galeras, etc. Conforme Magnani, não se referem mais, no ponto de encontro, aos vínculos de moradia, vizinhança: a busca, nesse caso, é por construção de laços, seja de onde vierem.

De acordo com Magnani (2002), a chamada "antropologia urbana" seria a delimitação para a "antropologia das sociedades complexas", e seu significado seria a aplicação ao "estudo de grupos sociais e suas praticas quando propriamente inscritos na trama da cidade, isto é, articulados com a paisagem, equipamentos ou instituições urbanas, considerados não um mero cenário, mas uma parte constitutiva dessas práticas" (p.25). Nesse sentido, o domínio de entendimento sobre o movimento e os arranjos próprios dos atores sociais, mesmo que coletivos e percebidos pelo *olhar de perto e de dentro* etnográfico, é que podem apontar para uma lógica mais geral, isto é, para um *olhar distanciado* e significativo de uma antropologia da cidade.

> Isto mostra não a feliz coincidência ou a mágica do encontro entre pesquisador e objeto com que tenha afinidade, mas sim o caráter de interpretação e a dimensão de subjetividade envolvida neste tipo de trabalho. A "realidade" (familiar ou exótica) sempre é filtrada por um determinado ponto de vista do observador, ela é percebida de maneira diferenciada. Mais uma vez não estou proclamando a falência do rigor científico no estudo da sociedade, mas a necessidade de percebê-la enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa.
> Este movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto à construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-Io sem paranóias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros. (VELHO, 1978, p. 129).

---

[4] Aqui, mais uma vez, vejo ser possível o uso da categoria para o estudo dos "Capa Preta", pois, nos termos formais o *pedaço* foi descrito e discutido por Magnani e outros autores aplicado a outros espaços, mediado por símbolos, enfim, o que permitiria sua aplicação em outros contextos.

Lopes (2004) relata que para desenvolver sua pesquisa sobre o mundo artístico do Heavy metal na cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos foi necessário o processo de estranhamento em relação ao familiar e de uma reflexão sobre os desafios da proximidade orientados por Velho, em função de ser fã do gênero desde os quinze anos de idade e freqüentador do mesmo espaço utlizado pelos atores da sua pesquisa. No meu caso esse movimento foi mais em sentido contrario, no sentido de aproximação do exótico, em função de eu pouco conhecer sobre o universo do rock apesar de, também por motivos diferentes dos atores da minha pesquisa, costumar freqüentar o mesmo espaço, seja como transeunte ou como usuária dos mesmos equipamentos urbanos.

Janotti Jr (2003) identifica nas características de grupos urbanos a ideia de *tribo* que privilegia a questão da partilha sentimental, apesar de dar pouca visibilidade às disputas e tensões que fazem parte tanto da apropriação dos produtos culturais como na manifestação na paisagem urbana. Isto descaracterizaria, portanto, a ideia de que nos grupos urbanos os indivíduos participam de complexas negociações que envolvem tanto a desterritorialização quanto as pressões presentes nesses processos. Nessas negociações permeadas por "*tensões e disputas*", salientadas por Janotti Jr (2003), os meios de comunicação de massa assumem uma posição central. Isto torna, assim, igualmente importante entender como a mídia desempenha um papel essencial para a articulação dessa partilha e, assim, da constituição desses grupos. A esse respeito Velho (1978) salienta o papel dos meios de comunicação de massa nessa apropriação e familiaridade por grupos de estilos de forma desterritorializada, a exemplo do grupo "Capa Preta" em relação ao rock e roqueiros em dimensão global.

> A comunicação de massa - jornal, revista, rádio, televisão, traz fatos, notícias de regiões e grupos espacialmente distantes mas que podem se tornar familiares pela freqüência e intensidade com que aparecem. Basta pensar, por exemplo, no jet-set internacional e nos artistas de Hollywood como grupos com que um gigantesco número de indivíduos desenvolve uma certa familiaridade, sabendo detalhes mais ou menos verdadeiros a respeito de suas vidas, famílias, roupas, preferências, etc. Por outro lado recebemos com maior ou menor freqüência notícias e imagens de lugares tradicionalmente definidos como exóticos - índia, África, etc.. Há, sem dúvida, cenários e grupos dentro do próprio país ou até dentro da própria cidade de que muitas vezes nem ouvimos falar, que não são temas dos órgãos de comunicação de massas, às vezes por censura, muitas vezes por simples desconhecimento. Desta forma, há indivíduos, situações, grupos de outras sociedades e culturas que nos são mais familiares do que muitas facetas e aspectos de nosso próprio meio, sociedade. Evidentemente coloca-se o problema de criticar essas noções e imagens mais ou menos estereotipadas que nos chegam através desses veículos e perceber como e quanto podemos conhecer sobre essas realidades espacialmente distantes.

Sob essa perspectiva, cabe lembrar a ideia de Thornton (1996) sobre a cultura *club* de grupos juvenis britânicos da década de 1980. A autora identifica que essa cultura seria uma *cultura de gosto*, e constrói uma abordagem que enfatiza a questão da partilha comum de

afinidades, interesses, expectativas e valores, bem como da territorialidade. Thornton explora também questões relativas tanto à elaboração de hierarquias culturais particulares quanto às negociações que envolvem seus participantes e os meios de comunicação:

> [...] As culturas *club* são culturas de gosto. Os grupos *club* geralmente estão congregados na base de seu gosto musical comum, no consumo de uma mídia comum e, mais importante, suas preferências por pessoas com gostos semelhantes aos deles. Participar da cultura *club* é construir, por sua vez, afinidades maiores, sociabilizar os participantes a partir de um conhecimento dos (e frequentemente uma crença em) gostos e de suas aversões, significados e valores da cultura. Clubes e *raves*, então, alojam comunidades *ad hoc* com fronteiras fluidas que podem se juntar e se dissolver em um único verão ou resistir por alguns anos. Crucialmente, as culturas *club* cingem suas próprias hierarquias do que é autêntico e legítimo na cultura popular (THORNTON, 1996: 3).

Acredito que a cultura, nesta perspectiva de Thornton (1996), se aproxima das praticas do grupo de jovens montesclarenses "Capa Preta" no que tange ao seu consumo em espaços sociais de lazer, englobando códigos comuns como atitudes, rituais de pertença, tipos específicos de roupas, gosto musical e escolha de ambientes. Estes definiriam, assim, suas características e a delimitação de espaços de convivências específicas como locais de convergência no estabelecimento de referências para constituir as relações de sociabilidade e laços afetivos.

Adotar os procedimentos de distanciamento e aproximações físicas e psicológicas, na perspectiva do *olhar de dentro* e *olhar de fora* orientados por Magnani e do *tornar familiar o que é exótico* ou *exótico o que é familiar* de DaMatta e Velho, foi fundamental para que eu pudesse transcender minhas limitações em meu entendimento desse grupo urbano "Capa Preta" no que tange às limitações referentes ao meu entendimento precário do *rock* enquanto gosto musical dos jovens desse grupo e das minhas diferenças de idade com relação aos jovens pesquisados, representando assim o exotismo encontrado; e em relação à familiaridade que tenho com o espaço urbano apropriado e uso dos mesmos equipamentos utilizados pelos atores da minha pesquisa. Como diz Velho:

> Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo *de estranhar o familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. O estudo de conflitos, disputas, acusações, momentos de descontinuidade em geral é particularmente útil, pois, ao se focalizarem situações de drama social, podem-se registrar os contornos de diferentes grupos, ideologias, interesses, subculturas, etc., permitindo remapeamentos da sociedade. O estudo do rompimento e rejeição do cotidiano por parte de grupos ou indivíduos desviantes ajuda-nos a iluminar, como casos limites, a rotina e os mecanismos de conservação e dominação existentes. (VELHO, 1978, p. 131-132).

4 REVISÃO DA LITERATURA

Nessa parte da tese o meu objetivo é apresentar a tentativa de conceituação no bojo das Ciências Sociais do que vem a ser jovem/juventude; na sequência, apresento as principais idéias de vários autores sobre temas que acredito servirem para balizar as analises para o entendimento do comportamento social do grupo de jovens "Capa Preta", no que tange ao estilo de vida, gostos, valores, e ainda, sobre questões referentes ao que dizem os outros sobre eles.

4.1 – Tentando conceituar jovem e juventude: ou seria jovens e juventudes?

Optei por manter uma perspectiva histórica da juventude, atenta às condições concretas de existência dessa categoria social considerando os aspectos não homogeneizantes tanto no nível das praticas como das representações, seguindo as observações de Velho (1990) ao identificar nos estudos comparativos de estilos de vida metropolitanos a diversidade de ser jovem na sociedade brasileira. No que tange a uma tentativa de conceituação de juventude, sigo a perspectiva deste autor quando diz que numa observação e investigação atenta "... salta aos olhos a evidência de diferenças suficientemente significativas para o estabelecimento de fronteiras mesmo que elásticas e fluidas" (VELHO, 1990, p. 1). Ou seja, existem muitos encontros e desencontros entre autores de varias áreas sobre o conceito e/ou definição do que vem a ser jovem/juventude, seja por via da psicologização que associa juventude a adolescência, ou por outras que a demarcam por via geracional ou numa fase etária, encontrando eco no Brasil no recém-assinado Estatuto da Juventude de 05 de agosto de 2013, que a define como aqueles que têm de 14 a 29 anos de idade. Embora haja uma serie de tentativas de conceituação, é fato que nas Ciências Sociais é basicamente consensual a ideia de que não podemos tratar de jovem/juventude e sim de jovens/juventudes por não haver fronteiras rígidas nem no interior dessa categoria social ou entre ela e outra qualquer, uma vez que a vida em sociedade apresenta diversidade, fluidez e está em constante transformação. Conforme Vianna (1997, p. 14) "Acima de tudo essa vida social deveria ser caracterizada por sua diversidade e não pela busca daquilo que é uniforme".

Nesse sentido, definir e caracterizar o jovem, segundo Rezende (1990), é uma tarefa árdua e até mesmo impossível. Para a antropóloga, a noção de 'jovem' tem raízes determinadas pelo contexto sociocultural com localização no tempo e no espaço, que na sociedade ocidental assume a ideia de "fase de transição pontuada por crises e conflitos" (p.

7). Ela ressalta que nem sempre foi assim, e que também não se apresenta da mesma forma em outras culturas. Para Rezende (1990), ao falar em juventude, não basta relativizá-la no tempo e no espaço; devemos considerar os diversos contextos socioculturais que compõem as sociedades complexas, principalmente no meio urbano, que abriga uma pluralidade de formas de ser jovem, "... em nossa própria sociedade, distinguimos não uma, mas várias juventudes". (p. 7).

Nesta perspectiva Souza (2003), em seus estudos, ressalta que o jovem não deve ser visto como uma figura abstrata, desvinculada do universo econômico sociocultural em que se encontra, e sim numa estrutura global, e ainda, como categoria histórica,

> Mais do que um alargamento da situação juvenil, sob a orientação dos meios de comunicação e do mercado de consumo, no momento atual ocorre um processo de 'juvenilização' (...) da cultura ocidental: juventude, associada a valores e estilos de vida e não propriamente a um grupo etário especifico, transformou-se em modelo que todos querem adotar (...) os atributos tradicionais da juventude como fase de transição-incerteza, mobilidade, abertura para a novidade e a mudança, instabilidade, amplas possibilidades, experimentação de diferentes identidades sociais - parecem ter se deslocado para além de limites biológicos a fim de se tornarem modelos culturais que os indivíduos assumem em diferentes estágios da vida. Nos dias de hoje, a vida adulta preserva traço adolescente que afirma a possibilidade de vir a ser diferente e exalta a 'metamorfose ambulante'. (p. 46-47).

Ainda, conforme a autora citada, a juventude surge como tema de discussão acadêmica para a sociologia a partir da década de 60 do século XX, apontando que é nesta fase de transição entre a infância e a vida adulta que podem surgir "falhas" ou "desvios" no processo de integração social. É nesse sentido, segundo a autora, que a sociologia, sobretudo na sua vertente funcionalista, supõe um caráter potencialmente problemático na juventude, fase da vida fundamental para o processo de transmissão da herança social.

As sociedades latino-americanas sofreram transformações estruturais entre 1950 e 1980 que, conforme Souza (2003) não se limitaram ao campo demográfico e socioeconômico, mas tiveram repercussões também de âmbito cultural que configuraram a situação juvenil vinculada à busca de mobilização e aos anseios de transformações. No Brasil, também o jovem, nas análises sociológicas da década de 70, esteve assentado na concepção de agente transformador, capaz de introduzir mudanças reais numa sociedade em crise ou em processo de modernização. Tal concepção implicava a classificação do jovem como radical, alienado ou conformista, dependendo do grau de sua contestação e do nível de consciência desenvolvido. A mobilização política dos jovens tem sido assim, e há décadas, tema recorrente dos estudos sociológicos que ora tentam explicar os movimentos estudantis dos anos 60, ora pretendem entender a postura das novas gerações e os meios tradicionais de

participação política. Ainda, conforme a autora citada, na conjuntura política e sociocultural dos anos 80 e 90, as manifestações juvenis assumiram novas características, que, se mantidas as categorias de analises anteriores, apresentam uma visão dos jovens como incapazes de uma atuação critica à ordem social e de uma atuação transformadora, submissos a idéias e valores estabelecidos, passivos e carentes de imaginação utópica.

Outra vertente de estudos sobre juventude a analisa na dimensão do lazer, envolvendo diversos setores sociais, que configuram a juventude com base na ação da industria cultural e dos meios de comunicação, especialmente no âmbito do lazer.

Conforme Abramo *apud* Souza (2003, p. 51),

> A juventude do pós-guerra distingue-se pelo lazer - por exemplo, ouvindo rock 'n' roll em lanchonetes, o maior símbolo da nova cultura juvenil – e pelo consumo de novas mercadorias (refrigerantes, chicletes, jeans, jaquetas de couro, motocicletas), elementos expressivos de um novo padrão de comportamento que inclui maior liberdade e autonomia para os jovens, paralelamente a uma valorização do prazer e do consumo como fontes de gratificação imediata. As novas atividades, os espaços de diversão e os padrões de comportamento juvenis produzem uma série de atritos e conflitos com as normas e as instituições vigentes, associando a juventude à rebeldia e aos conflitos familiares.

Souza discute que, em São Paulo, sobretudo no final da década de 70 e durante a década seguinte, as manifestações que chamaram atenção da sociedade em geral e despertaram o interesse dos acadêmicos foram os grupos articulados em torno de um "estilo espetacular" que se diferenciava pela musica, pela roupa, por adereços, posturas e comportamentos no lazer.

> Os grupos espetaculares articulados em torno do estilo são interpretados (...) como formas de elaboração de identidades coletivas e de respostas a valores correntes da sociedade, como formas de intervenção no espaço social e de equacionamento e expressão de questões com que se defronta a juventude em determinada conjuntura. É por meio da criação de um estilo próprio que essas questões são equacionadas por alguns grupos de jovens, que definem espaços específicos de diversão e atuação e criam seus próprios bens culturais, na tentativa de fugir da massificação e da imposição da indústria da moda. (SOUZA, 2003, p.51).

Creio que neste estudo em que abordo a juventude devo considerar a existência de culturas juvenis, num quadro de constrangimentos e determinações históricas e sociais em que jovens buscam alternativas de se organizarem pela escolha de um estilo de vida. Isto é, seguindo a perspectiva de *ethos* em Geertz (1973), considerei os aspectos morais e estéticos, bem como os elementos valorativos, que dão sentido à vida do grupo "Capa Preta". Ao mesmo tempo considerei os jovens do grupo "Capa Preta" numa dimensão em que cada um vive em condições determinadas por diferentes agrupamentos concretos (família, escola, religião, vizinhança, etc.), em que cada um também permanece condicionado por sua relação

com o modelo ou os modelos vigentes de juventude.

Observei, pelos estudos relatados acima, que os segmentos juvenis privilegiados pelos estudos sociológicos de outrora eram aqueles que atingem certo grau de visibilidade social, ou pela via dos movimentos estudantis, ou por meio de formas espetaculares de aparição publica, ou ainda, pela situação de violência e exclusão em que se encontram. Contudo, são os jovens das extremidades da escala social – quer como vitimas, quer como promotores de problemas sociais, representando algum nível de ameaça à estabilidade do sistema – os segmentos dantes enfocados por estudos e pesquisas acadêmicas. Assim, focalizei meus pressupostos nos estudos sociológicos e/ou antropológicos, que desde meados da década de 1980 vêm privilegiando o estudo sobre jovem/juventude enquanto construção social especialmente do ponto de vista de suas vivências e expressões simbólicas, que contornam e produzem esboços de diversas juventudes, a exemplo dos estudos de Abramo (1992; 1994); Bourdieu (1998); Vianna (1997); Barbosa (2012); Dayrel (1999); Caccia-Bava (2004); Magnani (1984, 1998, 2002, 2007); Velho (1990); Rezende (1990); Coelho (1990), Fiúza (1990), e outros pesquisadores sobre jovens na cidade que procuram descrever, analisar e entender práticas culturais, formas de sociabilidade, modalidades de apropriação do espaço urbano, *ethos*, trajetos, relações de trocas e conflitos internos e externos daqueles que se agrupam**.**

Nesse sentido, uma série de pesquisas têm evidenciado que a juventude precisa ser compreendida como fenômeno social, e que a formação de sua identidade como processo social não pode mais simplesmente ser pensada a partir de uma concepção reducionista que privilegia os aspectos biológicos e psicológicos, de forma generalizante. Primeiramente, o que se busca é definir a juventude como grupo social, para que se possa revelar o que a caracteriza enquanto grupo a partir de suas expressões culturais e de suas redes de sociabilidade, as quais lhes possibilitam criar espaços próprios com símbolos, práticas e relações diferenciadas, e apontam elementos para que os jovens possam se afirmar como sujeitos e com identidade própria. Segundo Pais (2003), trata-se de uma categoria socialmente construída e "formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo" (PAIS, 2003, p. 37).

Como categoria recentemente construída, a juventude começou a ser percebida em sua pluralidade a partir de estudos que a transformaram em campo de pesquisa, ou seja, passou a ser compreendida em suas múltiplas expressões e vivências, sendo definida além de critérios de idade ou biológicos. Portanto:

> A juventude é uma categoria socialmente construída. Ganha contornos próprios em contexto históricos, sociais distintos, e é marcada pela diversidade nas condições sociais [...], culturais [...], de gênero e até mesmo geográficas, dentre outros aspectos. Além de ser marcada pela diversidade, a juventude é uma categoria dinâmica, transformando-se de acordo com as mutações sociais que vem ocorrendo ao longo da história. Na realidade, não há tanto uma juventude e sim jovens, enquanto sujeitos que a experimentam e sentem segundo determinado contexto sociocultural onde se insere (DAYRELL, 2007 p. 4).

Diante de um novo olhar presente nas produções mais recentes sobre juventude, que busca entender o jovem, torna-se fundamental que se busque romper com visões preconceituosas e sem fundamentos a seu respeito. É preciso percebê-lo como "indivíduo que ama, sofre, se diverte, pensa a respeito das suas experiências e possui desejos e propostas para melhorar sua condição de vida" (DAYRELL, 2007 p. 5).

A *priori* considerei juventudes montesclarenses, especificamente os pertencentes ao grupo "Capa Preta". Assim, eles primeiramente são compreendidos como:

- Provenientes não somente dos estratos mais pobres, mas de camadas médias e de elite da população local;
- Suas praticas podem propiciar condições, tanto subjetivas, como materiais, de se entender o uso da roupa preta;
- Distanciados das manifestações coletivas mais amplas, mas considerados para a pesquisa em seus "pedaços", nos ambientes das praças e equipamentos da Avenida Deputado Esteves Rodrigues;
- *Incluídos*, no sistema e no mundo do consumo.

4.2 – Sobre o Uso de Roupas/Moda

Embora não tenhamos ainda identificado um referencial teórico especifico sobre roupa preta, dado que ainda não conseguimos encontrar pesquisas a esse respeito, varias interlocuções colocaram-se como possíveis para embasar o estudo de caso que propus realizar com uma abordagem etnográfica. Tomei como base a teoria da recepção de Martin-Barbero (1997) sobre as mediações culturais, a partir da qual discuto a roupa como elemento de informação, entendendo-o como resultante das diferentes maneiras de aquisição enquanto bem cultural, conforme Bourdieu (*apud* Martin-Barbero, 1997:111): "Em matéria de cultura o modo de adquirir se perpetua no que é adquirido sob a forma de certa maneira de usá-lo, o modo de aquisição expressa em si mesmo as relações objetivas entre as características sociais daquele que adquire e a qualidade social do adquirido". O autor citado conceitua "habitus" e

seu modo de operação caracterizado pela moldagem das praticas segundo diferentes modos de relação com a aquisição dos bens culturais. Ainda segundo Martin-Barbero (1997:113), "é a partir das praticas relacionadas às situações que se produz a inovação e a transformação". Para fundamentar esta ideia, o autor ressalta a importância das reflexões sobre o outro lado das praticas desenvolvidas por Certeau (1980), que propõe uma teoria "dos usos como operadores de apropriação":

> Sempre em relação a um sistema de praticas, mas também de um 'presente', a um momento e um lugar, instauram uma relação de criatividade dispersa, oculta, sem discurso, a da produção inserida no consumo, a que se faz visível só quando trocamos não as palavras do roteiro, mas o sentido da pergunta: que fazem as pessoas com o que acreditam com o que compram com o que leem com o que veem (p. 114).

Lipovetsky (2009), na sua obra *O império do efêmero*, ao analisar a moda e seu destino nas sociedades modernas, identifica que, no período entre os anos de 1950 e 1960, transformações organizacionais, sociais e culturais alteraram a tal ponto a construção anterior que se pode afirmar que uma nova fase da história da moda surgiu. Nesse período é que se origina o vestuário de espírito juvenil, mais livre, mais audacioso, mais despojado, sem as preocupações de períodos anteriores com a perfeição a distinção de classe - é a moda *prêt-à-porter*. "A indústria do *prêt-à-porter* não conseguiu constituir a moda como sistema radicalmente democrático senão sendo ele próprio sustentado pela ascensão democrática das aspirações coletivas da massa" (LIPOVETSKY, 2009, p. 132). Segundo esse autor, além da cultura da busca por prazeres imediatos de cunho hedonista, o surgimento da cultura "juvenil", ligada ao *baby boom* e ao poder de compra dos jovens, liga-se mais profundamente a uma manifestação ampliada da dinâmica democrática individualista.

Conforme Lipovetsky (2009), a partir dos anos 1980 observa-se uma sociedade com uma considerável redução da busca de diferenciação social e pessoal por rivalidades e invejas, antes percebidas por uma privatização das existências e um impulso aos valores individualistas e, por outro lado, um menor individualismo do que nos séculos anteriores. O individualismo passa a ser mais livre e menos decorativo, mais opcional, mais autônomo e sujeito à característica pessoal. Nesse período começa a se configurar o que o autor chama de "*moda consumada*", o que representa a extensão do processo da moda a instâncias cada vez mais vastas da vida coletiva. Ela deixa de ser um setor específico e periférico para tornar-se uma forma geral em ação no todo social. Lipovetsky (2009) diz estarmos imersos na moda que exerce, um pouco em toda parte, e cada vez mais, a tríplice operação de definir o *efêmero*, a *sedução* e a *diferenciação marginal*. Nesse sentido ele diz:

> Uma nova geração de sociedades burocráticas e democráticas faz sua aparição, como dominante "leve" e frívola. Não mais a imposição coercitiva das disciplinas, mas a socialização pela escolha e pela imagem. Não mais a Revolução, mas a paixonite do sentido. Não mais a solenidade ideológica, mas a comunicação publicitária. Não mais o rigorismo, mas a sedução do consumo e do psicologismo. [...] A moda consumada não significa desaparecimento dos conteúdos sociais e políticos em favor de uma pura "gratuidade esnobe", formalista, sem negatividade histórica. Significa uma nova relação com os ideais, um novo investimento nos valores democráticos e, ao mesmo tempo, aceleração das transformações históricas, maior abertura coletiva à prova do futuro, ainda que nas delícias do presente. (LIPOVETSKY, 2009, p. 180- 181).

Nesta perspectiva, podemos perguntar: o que fazem os membros do grupo "Capa Preta" com a roupa preta que adotam a partir das regras compartilhadas pelo grupo e que normatizam um estilo de vestuário para ser usado naquele espaço? E ainda, eles criam outras normas? Quando e porque usam aquela vestimenta? E ainda, o uso da roupa preta e os procedimentos desses jovens justificam as inúmeras fofocas que são geradas sobre eles em seu entorno? Quais são estas "fofocas" e seus fundamentos? Concordamos com Martin-Barbero que não há uma só lógica que abarque todas as artes do fazer. Para este autor, existe um modo de fazer caracterizado mais pelas *táticas* que são um modo de luta, cuja ação é dependente do tempo, muito permeável ao contexto, sensíveis especialmente à ocasião. São as *táticas* que compõem um *estilo* como modos de operações que determinam os *usos como operadores de apropriação.*

Outro referencial importantíssimo para o desenvolvimento da pesquisa e que permitiu as nossas reflexões de campo é a historia da roupa, elaborada por Ariès (1973) quando este autor estuda *A historia social da criança e da família.* Ariès, ao fazer os seus estudos, relata como se deu na França o estabelecimento das formas de utilização da roupa, e como esta determinou o comportamento e as atitudes do individuo por idade dentro dos padrões de civilidade estabelecidos para cada tempo/espaço social.

Essa abordagem de Áries (1981) muito contribui para o entendimento da identidade do jovem. De acordo com ele, no séc. XVII, na França, foi adotado um traje diferenciado para a criança, de modo que esta se constituísse em um grupo distinto dos adultos. Trata-se de um costume que informa que a criança deveria ser reconhecida como uma entidade separada. Esta separação da criança do mundo adulto, pela distinção por roupas, entre outras formas, deixou esta espécie de lacuna entre estas duas etapas da vida, que foi se definindo como o mundo jovem e/ou adolescente. No traje esta distinção ficou bem marcada séculos mais tarde, quando na década de sessenta do século XX, a adoção do tecido que era usado para o macacão do trabalhador - a calça de lona azul - torna-se o *blue jeans* que os jovens usam com orgulho, como o signo visível de sua adolescência livre e despojada. Senão, recordemos um jingle de

uma peça publicitária que tentava popularizar uma marca de jeans, veiculada pelo radio e televisão em rede nacional, no Brasil, neste período,

> Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada, que você pode usar do jeito que quiser...
> Não usa quem não quer.
> US TOP... seu jeito de viver...
> *Jeans* é um jeito jovem de ser.

Ariès ressalta ainda que o uso diferenciado de trajes por faixa de idade aconteceu mais cedo nas famílias burguesas, pois no século XVII não existia um traje propriamente popular: "... os pobres usavam as roupas que lhes davam ou compravam em belchiores" (p.79). A roupa do povo era uma roupa de segunda-mão; logo, o homem do povo vestia segundo a moda do homem de sociedade de algumas décadas atrás. "Durante o século XVIII, essa evolução se interrompeu e fixou-se em consequência de um afastamento moral mais acentuado entre ricos e pobres..." (p. 79).

Outro aspecto relevante é o entendimento de que nos grupos juvenis urbanos identifica-se uma noção de comunidade constituída a partir de rituais de pertença e vivência de sentimentos comuns. Conforme Simmel (2008), pessoas que se vestem igualmente tendem a se comportar relativamente da mesma forma. Para esse autor os grupos inventam modas bem particulares para demarcar sua coesão interna, assim como sua diferenciação externa.

Especificamente sobre o significado da roupa preta, Simmel discute seu significado relativo ao luto:

> O traje de luto, especialmente o feminino, pertence igualmente a esses fenômenos negativos da moda. Exclusão ou evidência e união ou igualdade aparecem aqui também. O simbolismo da roupa preta coloca a pessoa de luto à parte da agitação colorida dos outros, como se ela pertencesse, por sua ligação com os mortos, em certa medida, ao reino dos não vivos. Na medida em que isso é igual para todos, as pessoas de luto formam uma comunidade ideal ao se separarem do mundo daqueles que estão, por assim dizer, completamente vivos. Mas como essa comunidade não é de natureza social – apenas igualdade e não unidade – falta então a possibilidade de uma moda. O que comprova o caráter social da moda é o fato de que, mesmo a roupa apresentando seus momentos de separação e de ligação, a ausência de intenção social conduz a moda a seu extremo contrário, a saber, à invariabilidade essencial do traje de luto. (SIMMEL, 2008, p.170).

Outros referenciais foram adotados nessa tese como Barthes (1980), cuja obra é útil para situar a roupa preta no sistema da moda extrapolando a sua finalidade inicial de pudor e proteção do corpo. Ao discutir a cultura na sociedade contemporânea, nas analises sobre os bens simbólicos e materiais, considerei que na dinâmica social são necessárias varias mediações na busca do entendimento das instancias socializadoras como as diversas instituições, como os grupos de convivência, a mídia e outras depositarias deste papel.

4.3 – Sobre Fofocas

Elias e Scotson (2000), ao desenvolverem seus estudos sobre as relações de poder numa pequena comunidade, afirmam que a fofoca é um traço universal em qualquer figuração do tipo estabelecidos e *outsiders*, sendo 'estabelecidos' "os grupos e indivíduos que ocupam posições de prestigio e poder... um grupo que se autopercebe e que é reconhecido como uma 'boa sociedade'" (p. 7). Os *outsiders* seriam os não membros da "boa sociedade", os que são excluídos dela e não constituem propriamente um grupo social: "trata-se de um conjunto heterogêneo de pessoas unidas por laços sociais menos intensos do que aqueles que unem os *estabelecidos."* (p. 7).

> O grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus próprios membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [*praise gossip*] no caso dos que os observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [*blame gossip*] contra os suspeitos e transgressores. (ELIAS e SCOTSON, 2000, p.20).

Nesse sentido, Elias e Scotson (2000) ressaltam que a estigmatização é um aspecto da relação entre *estabelecidos* e *outsiders* que acaba por ser associada, muitas vezes, a "um tipo especifico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido. Ela reflete e, ao mesmo tempo, justifica a aversão – o preconceito – que seus membros sentem perante os que compõem o grupo outsider*"* (p. 35). O estigma social atribuído aos *outsiders* passa a ser um estigma material, chega a ser coisificado; em consequência disso, "... a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo *outsider* tem todas as características emocionais do que, num contexto, aprendeu-se a chamar de 'medo da poluição'" (p.26). Assim, nesse sentido, conforme Comerford (2001), a aversão pode ser associada tanto à evitação quanto à afirmação de distinções de fronteiras de uma ordem dada.

Nesse sentido, a ideia de fofoca na perspectiva de Elias e Scotson (2000) se aplica ao grupo de jovens "Capa Preta", em relação ao qual circulam depreciações de sua imagem, no que pode ser considerado um traço constante de sua configuração na cidade. Conforme Elias e Scotson: "essa linha de raciocínio que está por trás do emprego de um pequeno cenário como paradigma empírico de relações entre estabelecidos-outsiders que, muitas vezes, existem em outros lugares" (p. 49).

5 O LUGAR DA PESQUISA: A Cidade de Montes Claros.

A sede do município de Montes Claros, historicamente considerada pólo de desenvolvimento do Norte de Minas Gerais, exerce notória influência sobre as demais cidades da região, na condição de centralizadora, em virtude do importante papel que desempenha como centro urbano comercial e de prestação de serviços, além de parque industrial.

Nesse sentido, embora seja considerada como cidade de porte médio, Montes Claros apresenta características inerentes aos grandes centros urbanos, entre as quais se destaca a coexistência de diversos grupos urbanos com demandas socioculturais especificas.

Esse aspecto urbano que se intensificou na cidade interfere diretamente na vida cultural do município. Podemos considerar que nessa escala de cidade de porte médio há uma maior facilidade de comunicação com o resto do mundo, principalmente pela tendência recente da horizontalidade das relações entre as cidades na rede urbana. Nesse sentido, a cidade não fica imune aos impactos e interferências contundentes dessa relação global em sua cultura urbana. O crescimento populacional também interfere diretamente no aspecto cultural da cidade ao diversificar a cultura, o que explica a maior ocorrência de movimentos culturais ou diversidade de grupos urbanos.

Dentre os grupos urbanos de Montes Claros o grupo “Capa Preta” se destaca, no sentido de que é composto por jovens que se diferenciam da grande massa da juventude da cidade. Acreditei (fundamentada pelas minhas primeiras aproximações nas observações em pesquisa de campo) que isto se deve não só ao jeito de se vestir, mas também a toda uma cultura que se manifesta por um gosto musical e uma maneira de apropriação do espaço urbano, reveladores de uma forma diferente de entender a sociedade.

Nesta parte do trabalho, o objetivo é descrever os aspectos e as condições que caracterizam a história de Montes Claros e da Av. Deputado Esteves Rodrigues (também conhecida como Avenida Sanitária – assim que os montesclarense num geral se referem a essa Avenida), enfocando questões culturais da cidade que esclareçam o contexto sócio histórico em que surgiu e a territorialidade do grupo conhecido como “Capa Preta”.

5.1- Breve Histórico da Cidade de Montes Claros/MG.

De acordo com Carneiro (2003), as incursões coloniais no Norte de Minas datam de meados do século XV. A ocupação e colonização efetiva, entretanto, só ocorreriam a partir do século XVII.

A Expedição Espinosa - Navarro, composta por doze homens, talvez espanhóis e portugueses, foi a primeira a pisar as vastas terras da Região do Norte de Minas, habitada pelos índios Tapuias. De acordo com Moreno (2003), com o declínio da atividade açucareira no Nordeste, e com as descobertas de ouro, principalmente em Vila Rica (Ouro Preto) e Ribeirão do Carmo (Mariana), a economia colonial sofre profundas transformações e o centro econômico da colônia se desloca para as Minas Gerais.

Ainda de acordo com Moreno (2003), bandeirantes partiram de São Paulo, procurando pedras preciosas, e embrenharam-se pelo sertão do Norte da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro. Antônio Gonçalves Figueira, que pertencia à Bandeira de Fernão Dias, acompanhou-a até às margens do Rio Paraopeba onde, com Matias Cardoso, abandonou o chefe, regressando para São Paulo e lá chegando dois anos depois.

Seduzidos pela fertilidade do Sertão Mineiro e, talvez, na esperança de conquistarem riquezas, Antônio Gonçalves Figueira e Matias Cardoso retornaram, tornando-se colonizadores, caçando índios e construindo fazendas, cujas sedes se transformaram em cidades. As explorações pecuárias conduzidas no Norte de Minas, de forma estratégica, promoviam o abastecimento das regiões mineradoras, tornando-se a rota de maior viabilidade de deslocamento do Nordeste ao novo centro econômico da colônia. Essa condição contribuiu para a intensificação do povoamento na região norte mineira.

Segundo Carneiro (2003) foram criadas três grandes fazendas na região: Jaiba, Olhos d'Água e Montes Claros, esta, situada nas cabeceiras do Rio Verde, pela margem esquerda, próxima a montes formados por xistos calcários, com pouca vegetação. Foi documentado pelo alvará de abril de 1707 que Antônio Gonçalves Figueira obteve a sesmaria de uma légua de largura por três de comprimento, que constituiu a Fazenda de Montes Claros. Encravado dentro do latifúndio, fundou, primeiro, o povoado de Cruzeiro, que se localizava nas proximidades do local onde hoje está situado o clube campestre Lagoa da Barra. Entretanto, uma epidemia de varíola forçou o êxodo dos cruzeirenses para um outro ponto da sesmaria, à margem de um córrego piscoso, de água potável, nas imediações da atual Praça da Matriz. Formou-se, assim, a partir de 1768, em local diferente da primitiva sede de Antônio Gonçalves Figueira, em torno da Capela erguida por José Lopes de Carvalho, o próspero Arraial de Formigas, que com o passar dos tempos foi adquirindo outras nomenclaturas como: Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José de Formigas, Vila de Montes Claros de Formigas e, por fim, cidade de Montes Claros.

Em 1831, conforme os estudos de Moreno (2003), cento e vinte e quatro anos após obtenção da Sesmaria por Antônio Gonçalves Figueira, dono e construtor da Fazenda de

Montes Claros, já estava o Arraial de Nossa Senhora de Conceição e São José de Formigas suficientemente desenvolvido para se tornar independente, desmembrando-se de Serro-Frio. Portanto, podemos dizer que Montes Claros, principal cidade da região, tem suas origens na Fazenda Montes Claros, fundada no inicio do século XVIII. O Arraial foi elevado a Vila pela Lei de 13 de outubro de 1831, recebendo o nome de "Vila de Montes Claros de Formigas"[1]. Este fato significava uma importante conquista: dentro do contexto do império as vilas tinham autonomia político-administrativa. Posteriormente, em 1857, a Vila Montes Claros de Formigas teria pouco mais de 2.000 habitantes, mas os políticos já pleiteavam a elevação a cidade, pois os melhoramentos existentes eram os mesmos de quase todos os municípios da Província. Assim, pela Lei 802 de 03 de julho de 1857, a Vila passou à categoria de cidade - Cidade de Montes Claros. Assim, em 1857, quando a vila recebe o titulo de cidade, já existiam condições e ambiente propicio para a arrancada do município rumo ao desenvolvimento.

O historiador montesclarense Urbino Viana (1982), ao narrar a história de Montes Claros, ressalta que em 1916 a cidade foi sede da comarca e município de mesmo nome, denominada nos seus primeiros tempos Arraial de Nossa Senhora da Conceição e São José e depois Vila das Formigas, que se achava edificada na parte mais ampla da planície compreendida nas terras do Mucambinho, dependência que foi o vasto latifúndio da fazenda de Antonio Figueira, situado nos campos de Tabatinga entre as cabeceiras dos rios Verde e Pacuhy, da Sesmaria concedida àquele sertanista no segundo trimestre de 1707.

Viana (1982) assinala ainda que, reclinado sobre o riacho Vieira, corre as suas plantas, fertilizando os campos, sem, no entanto ter suas águas aplicadas no uso domestico pela percentagem de elementos orgânicos. A cidade, principalmente à margem dessa corrente, se foi estendendo para o Sudeste, Sul e Sudoeste.

A sede do município se instalou num lugar cujas características são de vales de terras férteis e produções pastosas, que segundo o autor, traziam ao espírito dos moradores “consolação e esperança”.

Conforme Viana (op.cit, p. 27), a região,

> ...assemelhava-se a um trecho do oceano, cujas águas e brisa levemente encrespara, as lavouras de em torno, agitadas pelos ventos tomam a feição de ondas que se formam e se desfazem indo se quebrar na rocha, ao longe, ao pé da capelinha, não conseguindo vencer a cripta.

---

[1] Cf. OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins de; RODRIGUES, Luciene. *Formação Social e Histórica do Norte de Minas.* Montes Claros/ MG: UNIMONTES, 2000.

O perímetro urbano do município é assim descrito pelo historiador:

> ...sob a forma de um casario branco, flocos de espuma na cabeça das ondas, salpicados aqui e ali, por algum ponto que se destaca escuro algum edifício que se distingue a distancia ocupa a superfície de um polígono irregular, cujos lados fossem dispares, o maior apoiado na direção nordeste sudeste, medindo 24 hectares o todo desta área que sempre se alonga. As lavouras verde-mar se escapam pelos vales, coleando em abraço fraternal a terra, aqui e ali aparecendo nos tons avermelhados de argila. (p.28).

Podemos destacar o papel fundamental das instituições católicas na historia da formação da cidade de Montes Claros. Conforme ressaltou Paula (1979), em Montes Claros a religião católica é praticada desde o principio do século XVIII, quando Gonçalves Figueira, transformando a sesmaria em fazenda, construiu ao lado da sede uma capela rústica, batida de barro, sob a invocação de Nossa Senhora.

Em 1769 uma nova capela mais bem acabada foi construída, recebendo o nome de Capela de Nossa Senhora da Conceição e São José, tendo como primeiro capelão o padre Teotônio de Azevedo.

O padre Teotônio celebrou, na capela do Arraial de Formigas (antigo nome de Montes Claros), e assentou um cruzeiro à margem da estrada, em terras pertencentes ao Sr. Ilídio dos Reis, na fazenda Sanharó, onde surgiu um arraial, dizimado em 1808 pela varíola que, segundo o referido autor, vitimou também o referido sacerdote.

Ainda segundo o autor, em 1955 Padre Navarro (Auspilculeta Navarro) foi o primeiro sacerdote católico que pisou as terras *inculta* do atual município de Montes Claros, como um dos chefes da *Expedição Espinosa Navarro*.

O arraial foi elevado à categoria de Freguesia pelo decreto de 14/07/1832, tendo como filial o curato do Nosso Senhor do Bonfim de Macaúbas. Só em janeiro de 1835 chegava o primeiro vigário – Antonio Gonçalves Chaves, provisionado por dois anos, chefiou o partido liberal, foi presidente da câmara durante 12 anos e deputado provincial.

Como pode ser inferido, no decorrer do seu desenvolvimento a cidade de Montes Claros teve influencia da religião Católica, cuja Igreja atuou como elemento estruturador da vida urbana, contrapondo-se à vida rural, visto que ela era responsável pelos eventos que proporcionavam e fomentavam as relações sociais entre a população, o que se dava através das festas e das procissões. Nesse sentido a Igreja controlava toda a vida civil, como nascimento, casamentos e enterros.

Ainda conforme Paula (1979, p. 274), em 27 de julho de 1835, em sessão da Câmara Municipal, o então presidente, Pinheiro Neves, propôs:

> Que tendo sido acolhido canonicamente o vigário Antonio Gonçalves Chaves para esta Freguesia e havendo tomado posse nessa Câmara e remetendo sua proposta ao Governo para ser apresentado nessa mesma Igreja pede sua permanência nesse lugar como vigário de Freguesia, alem de ser útil ao bem das almas pelo desempenho de suas funções tão bem se tornou assas interessante ao Bem Publico por sua adesão ao sistema de liberdade e coadjuvação apta para a causa pública.

Exemplo da contribuição católica ao desenvolvimento foi o fato do Padre Antônio Augusto Alkimim, ressalta o referido autor, substituto do Vigário Chaves, ter contribuído com trezentos mil réis do seu bolso, para o inicio da construção do cemitério e para fazer reparos na Matriz.

No inicio do século XX, o recenseamento de 1900 feito no Brasil, o segundo do regime republicano, registrava para o município de Montes Claros uma população de 54.356 habitantes.

Durante o Segundo Império, os liberais e conservadores, também chamados de Chimangos e Cascudos, que eram famílias tradicionais da cidade, tiveram suas lutas, ora vencendo um, ora outro, mas, apesar de tudo, unidos para o progresso da cidade que crescia sempre, porém num ritmo vagaroso.

Conforme ainda o autor referido, com o advento da Republica, os *Camilistas* passaram a se chamar *Estrepes* e os *Honoralistas Pelados*. Com isso, as desavenças eram muitas vezes violentas, com ataques a bala e bombas, especialmente nas ocasiões de vitória de uma das partes nas eleições municipais. *Camilistas* e *Honoralistas* eram as designações popularmente conhecidas das famílias Camilo e Honório e seus seguidores. Os apelidos *estrepes* e *pelados* foram dados em função do primeiro grupo ser mais hostil e violento; já o apelido *pelados* é para o grupo menos preparado em armas, mas não era facilmente vencido nas batalhas.

Conforme Carneiro (2003), em 1903, chegara ao Brasil os Filhos de São Norberto, uma Ordem religiosa, e as Irmãs do Sagrado Coração de Maria. Os religiosos da Ordem puderam escolher qualquer paróquia na Diocese de Diamantina. Dois padres premonstratense, os cônegos Carlos Antonio Vincart, que havia sido nomeado vigário, e Francisco de Paula Moureau escolheram Montes Claros para fixar residência e desenvolver suas atividades eclesiásticas.

Viana (1916)[1] ao falar sobre o cônego Vincart, ressalta que este nunca se interessou pela política, preocupou-se apenas com as obrigações religiosas e o desenvolvimento cultural dos montesclarenses. Como a ajuda do Cônego Francisco Moureau, imprimiu na paróquia um trabalho religioso que envolvia a comunidade de forma nunca vista antes na região.

Tanto Viana (1916) quanto Paula (1979) ressaltam que o Cônego era homem de valor e educação que fez de sua casa o ponto de reunião dos rapazes das principais famílias. Com ele foram fundados a Confraria do Sagrado Coração, o Apostolado da Oração e a Confraria de São Vicente de Paula.

Conforme Paula (1957), em maio de 1905, chegou à cidade o cônego Benoit Manssen (Padre Bento). Os padres fundaram naquela ocasião o Colégio São Norberto, para meninos, e depois o Clube São Genesco, grêmio dramático. O ano de 1907 merece destaque nos anais da missão norbertina do Sertão de Minas. Alem do Colégio os padres também fundaram um jornal semanário na cidade denominado "A Verdade". Com esse jornal o padre Carlos Vincart prestou grandes serviços à cidade. Ao referir-se ao referido padre, Viana[5], citado por Paula (1957, p.42), assinala que, "pode-se dizer que trouxe para Montes Claros, onde foi Pró-Vigario Geral do Bispado, uma nova era de civilização, cimentada por inúmeros benefícios".

O padre também organizou e administrou um observatório meteorológico, que funcionou por dez anos ou mais; era um pequeno Museu de História Natural. Também coube ao padre a tarefa de fundar o Colégio Imaculada Conceição, para moças, com externato e internato, alem de criar também o curso primário, para crianças menores de sete anos. Ele ainda promoveu a vinda de Dom Joaquim Silvério de Sousa, Bispo Coadjutor da Diocese de Diamantina para Montes Claros.

Conforme Carneiro (2003, p. 72),

> Numa comparação entre os padres norbertinos e as Irmãs do Sagrado Coração de Maria que vieram para montes claros e que concentraram suas ações na área de educação, percebe-se que, ao contrario das primeiras Irmãs que chegaram na cidade que não dispunham de capacitação adequada para a função, os padres eram melhores preparados intelectualmente. A criação de um jornal pode ser considerado um exemplo da melhor preparação dos padres em relação às Irmãs.
> A vinda desses grupos de religiosos para Montes Claros, a partir do século XX, propiciou o surgimento de varias instituições católicas na cidade. Entre elas está o Colégio Imaculada Conceição, com o regime de internato e semi-internato para moças; a Santa Casa de Misericórdia, tendo as Irmãs do Sagrado Coração de Maria atuando como enfermeiras; o Colégio São Norberto para meninos e o Colégio Marista São José, que funcionava em regime de internato e semi-internato para meninos.

A instalação dessas instituições católicas na cidade serviu como garantia de valores do catolicismo, uma vez que a Igreja era competente em mediar e minorar as tensões entre os grupos políticos da cidade.

Como em Montes Claros, as escolas católicas tiveram papel importante na educação de contingentes significativos da população brasileira, sobretudo daquela localizada no

---

[1] VIANA, Urbino de Sousa. *Monographia História Geographica e Descriptiva de Montes Claros.*Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.

interior do país. No inicio do século XIX, essa população levava uma vida de relativa monotonia sem muitas perspectivas, já que quase nada havia para fazer, a não ser o desenvolvimento de atividades basicamente centradas no esforço físico e o acesso à educação não representava uma prioridade. Apenas nas capitais, como Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Vila Rica, onde a população, em decorrência do declínio da mineração, preocupava-se em encontrar alternativas para se desenvolver economicamente buscando novas profissões, é que surge a vontade e o desejo de adquirir conhecimento, reconhecendo a importância e a necessidade da instrução, do saber.

Conforme Silveira & Collares (1995), no sertão norte mineiro também se percebe esse interesse, um ano antes da emancipação política, quando o ainda Arraial de Formigas teve a sua primeira *Escola* publica.

O historiador montesclarense Pereira (2003), ao escrever sobre a história política da Cidade de Montes Claros em seu livro *A cidade do favor*, identificando neste o coronelismo, cita que, a exemplo de grande parte das cidades brasileiras, Montes Claros também sofreu influência da participação dos grupos oligárquicos no desenvolvimento social, econômico, político e até mesmo religioso. Para esses grupos, seria interessante transformar a cidade em pólo educacional religioso com o intuito de atender aos anseios da elite latifundiária de toda a região que se estendia até o sul da Bahia. Certamente, o importante para a cidade seria que outras famílias, alem daquelas existentes na região, que tinham poder político em suas localidades mantivessem seus filhos matriculados nos Colégio – internos – católicos de Montes Claros. Estando sempre na cidade para visitar seus filhos, haveria maiores possibilidades de uma inter-relação econômica entre latifundiários distanciados geograficamente, o que lhes permitiria realizar negócios, ampliar suas relações comerciais e sociais, e, consequentemente, conseguir melhores condições de inserção em um mercado mais amplo.

A implantação do Colégio Imaculada Conceição, em 1907, com o apoio da Igreja e da oligarquia dominante poderia facilitar uma maior aproximação entre os filhos e as filhas dessas famílias tradicionais, permitindo maior intercâmbio político e econômico em um espaço geográfico maior, já que Montes Claros, como cidade pólo, constitui-se no centro de convergência de decisões políticas e econômicas de toda a região. Havia também, por parte dos pais, a preocupação – mesmo que não declarada abertamente – de conseguir a união de seus filhos, o que, de certa forma, era a oportunidade de manter relações estreitas entre as famílias tradicionais, principalmente levando-se em conta que, naquela época, era comum, ou quase, uma função institucionalizada, ou seja, a definição do casamento dos filhos por parte

de seus pais. O laço de parentesco efetivado garantiria o que o referido historiador Pereira (*op.cit*, p 27) identificou como *a* "condição solidária entre as famílias locais".

Manoel (1996), ao abordar a questão da expansão da rede escolar católica no Brasil, entre 1858-1959, ressalta que ela foi viabilizada pela aliança entre Igreja conservadora e a Oligarquia, com complacência do Estado, que afinal de contas tem sido a expressão política da própria classe dominante. Já Gaeta (1991) ressalta que um exemplo da expansão desses estabelecimentos por todo o Brasil pode ser encontrado no fato de que não faltavam congregações e ordens européias no Brasil para a direção de instituições, trabalhos em hospitais e, principalmente, na educação e formação religiosa. Estas trouxeram consigo uma verdadeira cultura européia de disciplina rígida e padrões éticos em relação ao trabalho, família e sexualidade. Explicações mais abrangentes como essas ajudam a esclarecer o fato de que a Igreja católica e a oligarquia tiveram, portanto, importante e determinante papel na formação histórica da cidade de Montes Claros.

Aos poucos a antiga "Vila de Formigas" começa a tomar ares de cidade, ainda que trazendo consigo traços típicos da cultura, da economia e da forma de organização característica dos vilarejos, das pequenas cidadezinhas que se formam no interior do país. Começa a se formar a infraestrutura do município, sendo que a chegada da energia elétrica foi o grande acontecimento do inicio do século XX, para a população local.

De acordo com Pereira (2002),

> A energia elétrica foi instalada para uso domestico em 1917. Até 1944, a Usina do Cedro, situada na Fazenda do Cedro, forneceu energia à cidade. Em 1944 foi inaugurada a ligação de Montes Claros com a Usina de Santa Marta, situada no município de Grão Mogol. Apesar de bem superior à Usina do Cedro, essa solução não foi definitiva. O racionamento de energia ocorria em todos os períodos de estiagem. No inicio da década de 1950, o problema apresentava-se mais grave, crescia a população urbana, aumentando o consumo de energia. Em outubro de 1956, na gestão de João Ferreira Pimenta, foi iniciado o calçamento do centro da cidade pela Prefeitura, como serviço de embelezamento urbano para as festividades do centenário da cidade. (p. 56).

Nas três décadas entre 1940 e 1960, a população na zona urbana de Montes Claros praticamente triplicou. Em 1940 essa população era de 15.316 pessoas; em 1950 subiu para 21.913, e chegou a 43.097, em 1960.

A chegada da energia elétrica foi um acontecimento que mudou o cotidiano dos montesclarenses. O medico e historiador Paula (1979, p.59) narra da seguinte forma tal acontecimento:

> A 20 de Janeiro de 1917, desde pela manha ate os últimos lampejos do sol, notava-se um movimento fora do comum, movimento esse que subiu e cresceu logo foi

> distribuído o programa das festas organizado pela Comissão Central. Às sete e meia da tarde já o trecho da rua em frente ao paço municipal regurgitava de povo. Quando enfim, o cronômetro feriu as oito horas e a luz se fez clara, brilhante e majestosa, um verdadeiro delírio se apossou de todos os circunstantes, que romperam em vivas e palmas uníssonos e entusiásticos. O Exmo. Sr. Dr. João José Alves, ilustre Presidente da Câmara, assumiu a presidência, e declarou solenemente instalada a iluminação da cidade.

Passados cinco anos da implantação da energia elétrica em Montes Claros, no ano de 1922, outro evento trouxe novos estímulos ao crescimento da cidade, dando mais um passo importante rumo ao desenvolvimento. Tratava-se da chegada do *trem de ferro*. A linha férrea construída em 1922 foi a primeira da região Norte de Minas Gerais. O trem de ferro passou a ser o principal meio de transporte para Montes Claros e região, tanto no que se refere ao transporte de passageiro, quanto para as mercadorias. Iniciou-se a partir de então uma nova fase para o desenvolvimento econômico, social e cultural da cidade de Montes Claros. De acordo com Silveira & Colares (1995, p. 64), "o trem de ferro acelerou o progresso em todos os setores, educacionais, sociais, religiosos e comerciais".

Conforme Pereira (2007) as perspectivas favoráveis ao desenvolvimento econômico, social e da cidade, a partir da implantação da energia elétrica e da chegada da linha férrea, impulsionaram o surgimento de diversas instituições ou a consolidação e crescimento das já existentes. É a chegada da linha férrea que consolida Montes Claros como principal cidade do Norte de Minas, estreitando suas relações com grandes centros como Belo Horizonte e Rio de Janeiro, especialmente no que tange ao comercio de gado. Na mesma época o comercio atacadista também ganha peso ao impulsionar o desenvolvimento da cidade, que passou a centralizar o poder econômico e político regional. Nesse sentido, Montes Claros passa a ser popularmente conhecida como a "capital do sertão mineiro", "princesinha do norte", "coração robusto do sertão".

Segundo Brasil (1935, p.235)

> ...os traços modernos adquiridos pela cidade, entre 1940 e 1960, dizem respeito ao crescimento dos setores comercio e serviços, indicando a ampliação do espaço urbano e o incremento do aparato institucional. Eles trouxeram rotinas mais aprimoradas ao processo de crescimento das burocracias publicas e privadas. (OLIVEIRA, 2000, p. 55).

Segundo Pereira (2007), de acordo com o ideário desenvolvimentista da época, que era hegemônico em todo o país, a cidade de Montes Claros também buscou alternativas para atrair recursos e incentivos estaduais e federais, principalmente para alimentar os setores de energia e transportes e também a indústria. As fichas eram depositadas nessa ultima, vista como aquela que inseriria o município no *ranking* do desenvolvimento.

Vale ressaltar que, de acordo com Pereira (2007), até então a cidade de Montes Claros era considerada entroncamento rodoviário entre o nordeste e o sul do país, atraindo para si como ponto de passagem um contingente de imigrantes nordestinos rumo a São Paulo. Essa situação era ponto de preocupação e de incomodo para as elites locais, por não quererem a imagem da cidade associada aos problemas dos retirantes nordestinos, com pobreza e suas consequências. Esse discurso, no entanto, se modificou a partir de 1958, uma vez que a cidade e região procuraram se associar ao Nordeste, como área do polígono da seca, no intuito de atrair os novos incentivos pela recém-criada Superintendência de Desenvolvimento dos Estados do Nordeste (SUDENE) no governo de Juscelino Kubistchek.

Os recursos da Superintendência só vieram efetivamente para Montes Claros a partir de 1965; conforme Oliveira (2000), a industrialização ficou concentrada em Montes Claros, que até 1979 havia recebido basicamente 54,8% dos projetos incentivados. Ainda de acordo com o autor, foi na década de 1970 que a cidade teve maior crescimento industrial, por já possuir uma infraestrutura mais adequada, com a Usina de Três Marias, a pavimentação asfaltica até a capital mineira e com a implantação do Distrito Industrial. Vale ressaltar que não resta duvidas de que o fator predominante para o avanço da industrialização em Montes Claros foram os incentivos recebidos pela SUDENE. Entre as décadas de 1960 e 1990 Montes Claros contava com 179 indústrias.

Montes Claros, segundo Pereira (2007), exerceu uma atração especial dos elementos mais dinâmicos e empreendedores. A cidade de Montes Claros passou a ser sede dos órgãos gestores de investimentos, de apoio técnico e de órgãos governamentais; consolidando-se cada vez mais como pólo regional, passou a ser sede dessas instituições, em sua maioria ligadas ao poder Publico Estadual. Essa concentração de instituições estatais em Montes Claros acaba por criar uma relação de dependência maior dos demais municípios da região, uma vez que esses têm que se deslocar para essa cidade toda vez que necessitam fazer solicitações de procedimentos, participar de reuniões ou outros eventos. Esse fato reforçou o status de Montes Claros como pólo regional, aumentando mais ainda o dinamismo do seu comercio, transportes, estabelecimentos hospitalares e de educação. Nesse sentido, Montes Claros passa a ser a responsável pela maior parcela do PIB regional pelas diversas atividades, principalmente, referentes às agropecuárias.

O crescimento econômico do município de Montes Claros nas ultimas décadas, devido ao processo de industrialização e urbanização, direcionou para a cidade uma forte corrente migratória. De dispersora de população a principal cidade norte mineira, tem mostrado potencialidades para fixação de seus habitantes, bem como atrativa para emigrantes.

Essa dinâmica se explica fundamentalmente pela centralidade que ela exerce na região em que se insere nos setores de saúde, educação e serviços (PEREIRA, 2007). Atualmente é classificada como média pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE e por geógrafos urbanos pelo tamanho populacional de 361.915 hab. (IBGE, 2011) e por sua importância econômica regional urbana.

Conforme já tratamos na introdução dessa parte da tese, o aspecto urbano que se intensificou na cidade interfere diretamente na vida cultural do município. Podemos considerar que nessa escala de porte médio a cidade se comunica com mais facilidade com o resto do mundo, principalmente pela tendência recente da horizontalidade das relações entre as cidades na rede urbana. Além disso, as relações de subordinação a uma hierarquia rígida não são mais característica contundente de nosso modelo urbano. O crescimento populacional também interfere diretamente no aspecto cultural da cidade quando diversifica a cultura, o que explica a maior ocorrência de movimentos culturais ou diversidade de grupos urbanos.

Dentre os grupos urbanos de Montes Claros se destaca o grupo "Capa Preta", por ser composto por jovens que se diferenciam da grande massa da juventude da cidade. Acredito (fundamentada pelas minhas primeiras aproximações nas observações em pesquisa de campo) que esta diferenciação se dá não só pelo jeito de se vestir, mas também por toda uma cultura que se manifesta por um gosto musical e uma maneira de apropriação do espaço urbano que, podemos supor, são reveladores de uma forma diferente de entender a sociedade. E ainda, principalmente pela feição que desenham no urbano da cidade a partir da territorialização vivida de um espaço público.

Dentre os locais de encontros desses jovens, se destaca um pequeno trecho da Avenida Deputado Esteves Rodrigues[1], também conhecida por Avenida Sanitária pela canalização do esgoto sanitário centrada em toda sua extensão e coberta por uma praça bem arborizada convidativa aos encontros de amigos e descanso dos transeuntes. Na avenida o uso do solo predominante é o comercial, concentra estabelecimentos prestadores de serviços, um grande número de bares, restaurantes, lanchonetes e pizzarias.

A partir desse uso ratifica-se que a função da avenida é proporcionar o lazer à população que durante toda a semana e potencialmente nos finais de semana frequenta esses estabelecimentos.

É importante ressaltar que esses comércios que proporcionam lazer são de médio a alto padrão socioeconômico, frequentados por uma classe média a alta da cidade, sendo símbolo de *status* social de uma parcela da sociedade e tornando o espaço altamente excludente e segregado.

No entanto, nesse mesmo espaço “segregacionista” o grupo de jovens “Capa Preta” se reúne, “apoderando-se” dele em sua dimensão pública, enquanto praça planejada e construída para a sociabilidade e acesso. Coexistem assim harmoniosamente dois territórios antagônicos entre si no mesmo espaço, um do capital, da sociedade convencional, e o outro representando um grupo minoritário avesso à cultura dominante e afeito a uma postura alternativa à sociedade, frente ao consumismo e às desigualdades sociais.

5.2- Aspectos Gerais e Atuais da Cidade de Montes Claros.

De acordo com os Dados Gerais do Município de Montes Claros, elaborados pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico Turismo, Ciência e Tecnologia - SMDETCT (2011), a cidade está situada na Bacia do Alto Médio São Francisco, ao norte do Estado de Minas Gerais.

De acordo com dados do Instituto de Geociências Aplicadas – IGA, a sede do município tem área total de 3.576,76 km², enquanto sua sede ocupa área de 97 km²**.** Vejamos na Tabela 1 as distancias de Montes Claros até as principais capitais brasileiras.

Tabela 1 - Distância de Montes Claros às principais capitais brasileiras

CAPITAIS BRASILEIRAS	DISTÂNCIAS DE MONTES CLAROS
Belo Horizonte	418 km
Brasília-DF	694 km
Rio de Janeiro	850 km
São Paulo	1.002 km
Salvador	1.122 km
Vitória	943 km

Fonte: DER-MG-2005.

[1] Trata-se de trecho urbano do Rio Vieiras edificado com recursos estatais na década de 1980, viabilizando pelo projeto viário do município, como parte da Política de Desenvolvimento e Urbanismo do governo do Prefeito Antonio Lafeta Ribeiro e gerido pelo seu sucessor Prefeito Luiz Tadeu Leite.

Mapa 1 – Distância de Montes Claros até às principais capitais brasileiras

Fonte: Prefeitura Municipal de Montes Claros (2011).

O clima da cidade de Montes Claros é do tipo tropical semiárido, quente e seco, com período de chuvas concentradas entre os meses de outubro a março. A precipitação média anual é de 1.060 mm. A temperatura média anual é de 24,20 C. Segundo dados EMATER-MG (2011), o Município de Montes claros caracteriza-se por localizar-se em uma área de transição entre o Brasil Úmido e o Brasil Semiárido, o Brasil florestal e o de vegetações abertas (campos cerrados, caatingas matas secas, campos de altitude). O município dispõe de um grande parque de reflorestamento de eucalipto com fins industriais, implantados nas chapadas de cerrado de, aproximadamente, 30 mil hectares.

Os dados hidrográficos do município de Montes Claros (2011) identificam que a cidade está situada na Bacia do Rio Verde Grande, região do Alto Médio São Francisco, sendo dotada de várias nascentes e cursos d'água de regime perene e semi-perene, destacando-se dentre outros: Rio Verde Grande, Rio do Sítio, Rio do Peixe, Rio Vieira,

Córrego dos Bois, Córrego do Cedro, Rio Canoas, Ribeirão Traíras, Rio Pacuí, Rio São Lamberto, Riachão, Rio do Vale e Rio Pradinho.

Conforme informações da SMDETCT (2011) as condições de logística oferecidas pela cidade estão embasadas nos meios de comunicação e de transportes existentes na região. O Plano Rodoviário Nacional classificou Montes Claros como o segundo maior entroncamento rodoviário do país. Além de contar com a BR-135, BR-365, BR-251 e BR-122, sua malha viária municipal é constituída por, aproximadamente, 5.500 km de estradas vicinais, que ligam a sede do município aos distritos e diversas comunidades rurais. É servida por linhas regulares de ônibus municipais, intermunicipais e interestaduais.

Ainda, segundo a SMDETCT (2011) quanto ao transporte aéreo, a cidade dispõe de aeroporto com 2.100 metros de extensão, permitindo o pouso e decolagem de aeronaves do tipo Boeing 737. Operam na cidade linhas regulares com vôos diários para Belo Horizonte e Salvador.

Além disso, para o transporte de cargas, o município é servido pela Ferrovia Centro Atlântica – FCA, que liga Montes Claros a vários centros do Norte/Nordeste e Sul do País, inclusive ao Porto de Vitória-ES, através de conexão com Belo Horizonte.

A cidade de Montes Claros se prepara para implantar sua Zona de Processamento de Exportação – ZPE, em virtude dos avanços e da dinamicidade dos processos tecnológicos, os quais, ao permitirem comunicações imediatas com as mais remotas regiões do planeta, tornam possíveis os mais diversos negócios com variados e distantes países. Neste sentido, o comércio exterior adquire cada vez mais importância para as empresas aqui instaladas, bem como para a economia regional, mediante a expectativa do ingresso de divisas e geração de emprego e renda pelas exportações que vierem a ser realizadas. Assim, ações de ordem política e econômica começam a ser tomadas pela Poder Público Municipal, em parceria com outras esferas governamentais e com a esperada participação da atividade privada. Depois de implantada, a ZPE de Montes Claros poderá tornar-se uma grande promotora do desenvolvimento econômico e social não só da cidade, mas também de toda a região Norte de Minas.

Conforme informações da SMDETCT (2011) Montes Claros é servida por telefonia fixa e móvel, com atuação de diversas empresas concessionárias desse serviço, destacando-se a Oi Fixo, Vivo, TIM, Claro e Oi. Dispõe de várias emissoras de rádio AM e FM. Por meios de comunicação, Montes Claros dispõe, ainda, de dois canais retransmissores de TV (Globo e Cultura). Quanto à imprensa escrita, existem três jornais com sede na cidade (Jornal de Notícias, Gazeta do Norte de Minas, O Norte), além de sucursais do Jornal Hoje em Dia e

Estado de Minas. Há, também, a Revista Tempo, de circulação mensal. Existem também no município provedores de internet banda larga, dentre os quais se destacam: Mastercabo, Oi Velox, Provenorte, Connect e Embratel.

Os serviços de Água e Esgoto são fornecidos pela COPASA, instalada em 09/09/1976, responsável pela captação, tratamento e distribuição de água, além do esgotamento sanitário, essa companhia atende a de 99% da população total

Montes Claros tem dois Mercados Municipais. O Mercado Central fica situado à Av. Deputado Esteves Rodrigues, região central da cidade.[1]

O Mercado Sul esta situado à Av. Leonel Beirão de Jesus s/n – Bairro Morrinhos. Os principais produtos comercializados em ambos os mercados são: carnes, hortifrutigranjeiros, temperos, cereais, enlatados e bebidas.

Além do poder público municipal, vários órgãos das esferas estadual e federal atuam no município, destacando-se dentre eles:

- CODEVASF – Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco;
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (local);
- EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (regional);
- IMA – Instituto Mineiro de Agropecuária;
- IEF – Instituto Estadual de Floresta;
- IBAMA – Instituto Brasileiro de Meio Ambiente;
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
- DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra as Secas;
- Superintendência Regional da Fazenda Norte;
- Sub-delegacia do Ministério do Trabalho;
- Justiça do Trabalho – Primeira Vara;
- Justiça do Trabalho – Segunda Vara;
- IDENE – Instituto de Desenvolvimento do Norte e Nordeste de Minas Gerais;
- Fórum de Justiça, onde funcionam as 06 Varas Cíveis, 03 Varas Criminais Família e Sucessões, 01 Vara da Infância e Juventude, 02 Varas da Fazenda Pública, de Registros Públicos, de Falências e Concordatas, 01 Vara de Execuções Criminais. A justiça de Montes Claros dispõe de 15 Juízes de Direito, 15 Promotores de Justiça e diversos Escrivães e Serventuários;
- Procuradoria Seccional da União;

[1] É nas imediações dessa instituição na Av. Dep. Esteves Rodrigues o ponto preferencial de encontro do Grupo "Capa Preta".

- Procuradoria Seccional da Fazenda Nacional;
- Vara da Justiça Federal.

Montes Claros dispõe de diversos órgãos e entidades de classe. Dentre eles, citam-se:

- SESC – Serviço Social do Comércio;
- SESI – Serviço Social da Indústria;
- SEST – Serviço Social do Transporte;
- SESEF – Serviço Social das Estradas de Ferro;
- SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial; [1]
- ACI – Associação Comercial e Industrial de Montes Claros;
- CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas de Montes Claros;
- AMANS – Associação dos Municípios da Área Mineira da SUDENE;
- SEBRAE – Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas;
- Conselho Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente;
- FIEMG – Norte - Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais;
- CUT – Central Única dos Trabalhadores;
- FETAEMG – Federação Trabalhadores da Agricultura de Minas Gerais.

Conforme já relatamos no histórico desse texto, o município de Montes Claros dispõe de um Distrito Industrial, que de acordo com SMDETCT (2011) tem hoje em dia uma área de 5,2 milhões de m², com diversas empresas nele instaladas. Atualmente, estuda-se a implantação do Distrito Industrial, com área prevista de 1,5 milhões de m2, de modo a possibilitar a ampliação das atividades industriais e de prestação de serviços na cidade. Ressalta-se que o município continua recebendo grandes investimentos no setor industrial, podendo-se destacar o grupo Coteminas que gera aproximadamente 4.636 empregos diretos na cidade e tem expandido os seus negócios através de aquisições e fusões com outras empresas do setor têxtil e expansão das suas instalações.

Destaca-se, também, a Valleé Nordeste, empresa fabricante de produtos veterinários, que possui em seu quadro 585 funcionários e está instalada na cidade desde 1979. O Grupo Novo Nordisk, sucessor da Biobras e que possui aproximadamente 816 funcionários, é o maior fabricante de insulina na América Latina, tendo investido em torno de US$ 200 milhões em recente ampliação de suas atividades. Está prevista, ainda, uma nova expansão desse setor que requer investimentos de aproximadamente US$ 50 milhões. Implantada em 2008, encontra-se já em funcionamento uma Usina de Biodiesel da Petrobras, com investimento da ordem de R$ 80 milhões. Ainda, conforme a SMDETCT (2011) outras empresas mostram-se

interessadas em implantar empreendimentos na cidade, como exemplo o Laboratório Farmacêutico Hipolabor, com previsão de 700 empregos diretos e investimento de R$ 125 milhões.

Os dados sobre Segurança Pública da SMDETCT (2011) destacam que, além de Uberlândia, Uberaba, Governador Valadares e Juiz de Fora, Montes Claros sedia uma das cinco Regiões Integradas de Segurança Pública (RISP) implantadas em Minas Gerais.

Os dados a seguir, a respeito das características demográficas da população, foram extraídos do Censo do IBGE (2000) *apud* SMDETCT (2011) e estimativas parciais posteriores feitas por aquele órgão de pesquisa. Segundo a SMDETCT (2011) pelo Censo 2000, o município tinha uma população de 306,9 mil habitantes, dos quais 289,1 mil (94%) na zona urbana e 17,8 mil (6%) na zona rural. Estimativa divulgada em agosto/2009 pelo mesmo órgão classifica Montes Claros como a 6ª cidade mineira em população (363,2 mil habitantes), o que representa um crescimento de 1,38% em relação ao ano de 2008. A densidade demográfica é 98,4 habitantes/km². A taxa de mortalidade infantil é 18,1 p/1.000 habitantes.

A faixa etária predominante da população, em 2000, é de 10 a 19 anos, com 68,8 mil habitantes, o que representa 22,4% do total. Em seguida destacam-se as faixas etárias de 20 a 29 anos (19,1%) e de 30 a 39 anos (14,8%). A esperança de vida ao nascer é de 72,2 anos.

Dos 306,9 mil habitantes em 2000, 148,4 mil são do sexo masculino (48,3%) e 158,4 mil são do sexo feminino (51,7%). O índice de adultos alfabetizados, segundo dados do Censo IBGE 2000, atinge 90,08%. A renda *per capita* da população é de R$ 245,43 por ano, abaixo da renda *per capita* de Minas Gerais, que é de R$ 273,00 e acima daquela calculada para o Norte de Minas, que é de R$ 133,00. Segundo a Ouvidoria da Polícia Militar de Minas Gerais, o *Índice de Gini* do município de Montes Claros é de 0,62. Esse índice mede o grau de igualdade/desigualdade na distribuição de renda entre a população, numa escala que varia de 0 (zero) a 1 (um), em que 0 significa distribuição perfeita de renda e 1 a distribuição imperfeita de renda.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi criado pela Organização das Nações Unidas – ONU - a partir de 1990, para permitir a comparação de estágios de desenvolvimento entre países. Nesse caso, a metodologia da ONU foi adaptada para Montes Claros e, de acordo com o Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil, o município apresenta IDH médio de 0,783, assim distribuídos: Índice de educação (IDHM-E): 0,872; Índice de longevidade: 0,787; Índice de renda: 0,691.

Conforme vimos durante os relatos sobre a historia do município, a economia do município foi, durante seu processo de desenvolvimento, e continua a ser hoje, diversificada pelas atividades agropecuárias, industriais e de prestação de serviços. De acordo com Moreno (2000), a predominância maior hoje está centrada no setor terciário, com seus diversos segmentos de comércio e prestação de serviços de toda a natureza, notadamente nas áreas de educação e saúde. Em seguida, destaca-se o setor secundário, com seus complexos industriais de grande porte, bem como unidades produtivas de pequeno e médio porte.

Conforme Moreno (2000), o PIB por setor do município de Montes Claros em 2002, segundo dados do IBGE, foi em torno de R$ 1,63 bilhões, distribuídos conforme a seguir: Setor primário: R$ 66,88 milhões; Setor secundário: R$ 718,23 milhões; Setor Terciário: R$ 850,99 milhões. Atualmente, o PIB do município de Montes Claros, segundo a Fundação João Pinheiro, é estimado em R$ 2,57 bilhões. Isso faz com que o PIB *per capita* do município seja da ordem de R$ 7 mil.

A cidade é servida por ampla rede bancária. Além das diversas instituições financeiras privadas e cooperativas de crédito que atuam na cidade, Montes Claros conta ainda com agências do Banco do Brasil, da Caixa Econômica Federal e do Banco do Nordeste. Operando várias modalidades de crédito sob amparo do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE e repasses do BNDES e do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, o Banco do Nordeste é, atualmente, a maior instituição financeira de fomento às atividades agrícolas, industriais e comerciais da região (MORENO, 2000).

A cidade tem ainda quatro parques para o lazer da população, sendo eles três municipais e um da iniciativa privada: Parque da Sapucaia, Parque Municipal Milton Prates e Parque Guimarães Rosa (ligados à Secretaria Municipal de Meio Ambiente) e Parque de Exposições (ligado à Sociedade Rural de Montes Claros).

O Mapa a seguir mostra o Centro Comercial de Montes Claros, no qual podemos observar e destacar a Av. Dep. Esteves Rodrigues como de importância central na localização geográfica das principais agências bancárias, locadoras de veículos, hotéis, restaurantes e pontos de táxi da cidade.

Mapa 2 - Centro Comercial de Montes Claros

Fonte: Prefeitura Municipal de Montes Claros. Documentos Cartográficos da SEPLAN/2011.

Consta na SMDETCT (2011) que o município de Montes Claros dispõe de 144 escolas de ensino fundamental e 45 de ensino médio. Quanto ao ensino superior, as universidades e faculdades atuantes na cidade oferecem em torno de 50 cursos de graduação, além de pós-graduação e mestrado, em que estudam aproximadamente 30 mil universitários. Duas instituições públicas oferecem cursos gratuitos:

- UNIMONTES – com 30 cursos de graduação nas áreas de Ciências Exatas, Humanas, Sociais Aplicadas e Biológicas e da Saúde; Mestrado em Ciências Agrárias, Biológicas e Sociais; Doutorado em Ciências da Saúde e Desenvolvimento Social;
- UFMG – com 06 cursos de graduação em Administração (foco em Agronegócio), Agronomia, Ciências de Alimentos, Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Florestal e Zootecnia, além de Mestrado em Ciências Agrárias.

Por sua vez, 16 privadas de ensino superior estão instaladas na cidade, com cursos diversos em várias áreas do conhecimento. Segundo Moreno (2000) a cidade é referência regional na prestação desse tipo de serviço.

Na área da saúde, segundo dados do IBGE (Censo 2000) *apud* SMDETCT (2011) o município dispõe de 876 leitos hospitalares, dos quais 739 para atendimento ao SUS. Conta, com 28 postos municipais de saúde que atendem a população das regiões periféricas da cidade com consultas medicas em varias especialidades, vacinação, exames clínicos, atendimentos odontológicos. Ainda, o município oferece o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência – SAMU. Como no caso da educação a saúde também representa o pólo de convergência de usuários de toda a Região Norte de minas e do sul da Bahia.

Na cidade durante todo o ano acontecem festas típicas, feiras e eventos, entre as quais destacamos as seguintes:

- Exposição agropecuária (anual);
- Feira do Cavalo Mangalarga (anual);
- FENICS- Feira Nacional da Indústria, Comércio e Serviço (anual);
- Feira de Artesanato (semanal);
- Feiras populares (semanais, nos bairros Major Prates, Delfino Magalhães, Santos Reis e Renascença);
- Festas de Agosto (catopês, anual);
- Festival Internacional de Danças Folclóricas (anual);
- Comida de Boteco (anual);
- Carnamontes (carnaval temporão, anual);
- Festa Nacional do Pequi (anual).

5.3- Breve Discussão Sobre o Espaço Urbano

Falar de uma Montes Claros urbana, portanto, é falar do discurso da urbanidade que se desenrola nesse contexto. Isso implica perceber as diversas facetas pelas quais a cidade se articula culturalmente. A convivência entre a pluralidade de grupos, em diversificadas manifestações, é reflexo do crescimento das cidades no contexto da modernidade. Não faz parte da minha discussão do espaço urbano um juízo de valor sobre esse crescimento nem se as aglomerações urbanas representam ou não algo que seja benéfico. É meu objetivo aqui trazer à luz uma compreensão do quão importante é o espaço urbano, no caso, as cidades,

sejam elas pequenas, de médio porte, grandes metrópoles ou megalópoles na configuração de agrupamentos sociais que estabelecem o *ethos* ligado à experiência urbana.

Esse crescimento, como já foi apresentado no relato do histórico de Montes Claros, não é recente. O século XX, desde seu início, mostra em seu âmago a necessidade de obtenção de mão de obra por um lado, além da suposta promessa de "uma vida melhor" nos centros urbanos. Como consequência, há um constante remodelamento das cidades, bem como o surgimento de novas configurações do uso do espaço urbano. Nesse sentido, o crescimento demográfico das cidades tem por si só remodelado as sociedades.

A recorrência mundial do crescimento das cidades, portanto, indica a necessidade de criação de novas formas de sociabilidade, mas, em primeira instância, uma demanda que vise atender a uma questão de ordem econômica, no caso, o bom funcionamento do capitalismo. Para que isso ocorra, principalmente em espaços urbano-industriais, é necessária a formação de um corpo de profissionais capacitados para produzir, vender, divulgar, bem como para consumir, manter, sustentar a conjuntura econômica que se reflete diretamente no modo de vida das pessoas.

Como já foi dito, a cidade de Montes Claros, tendo se tornado o pólo comercial, industrial e rodoviário que é atualmente, é palco de uma infinidade de mudanças, bem como passa a atrair novos moradores, num crescimento desordenado, antes de tudo. O êxodo rural seria um dos principais movimentos pelos quais esse espaço urbano, em específico, se constitui. Seja através de movimentos sazonais (nos quais os trabalhadores rurais vão para a cidade, mas residem no campo e vice-versa) ou mesmo da migração de pessoas, Montes Claros vai adquirindo assim várias faces, sejam elas voltadas para o sentimento rural ou urbano, sejam situadas na interseção desses dois vieses. A migração de pessoas de grandes centros e de outros países também é comum. Com a chegada de grandes empresas, indústrias e novas possibilidades para o comércio, além da presença de um pólo universitário bastante dinâmico e desenvolvido, a necessidade de mão de obra especializada e a demanda para atender uma grande quantidade de estudantes, mais a promessa de uma vida melhor na cidade, face às dificuldades enfrentadas no campo, fazem com que pessoas oriundas de capitais brasileiras, cidades menores e vilarejos, além de cidades de outros países, se instalem em Montes Claros. Em muitos casos, não apenas indivíduos se mudam, mas famílias inteiras. Não apenas pessoas ou grupos de pessoas, mas homens, mulheres e crianças que, a princípio, vêm de contextos culturais distintos, com costumes, hábitos e significados peculiares, alguns provavelmente recorrentes no espaço da cidade, outros não.

Assim, uma grande quantidade de pessoas de origens distintas acaba por encontrar nos espaços urbanos oportunidades de trabalho, de crescimento econômico e pessoal, novas formas de entretenimento, dentre outros. Podem também não encontrar o que buscam, gerando verdadeiros quadros de pobreza e miséria, além de constituírem espaços que condizem com essas condições. Nesse sentido, as pessoas procuram formas alternativas de viver e conviver na cidade, buscam se associar por convivências grupais, que também são culturais. Assim, a cidade tem mostrado diferenças subjacentes, relacionadas a escolhas, a agregações sociais que surgem de contextos específicos, ligados a condições culturais e sociais peculiares. Sentimento "rural" e "urbano", neste caso, pode significar muitas coisas diferentes. Vale dizer que esses "sentimentos", esses "discursos" são multifacetados por natureza, pois nem um espaço, nem o outro apresentam um único modo de vida, bem como se encontram em uma variedade enorme de locais.

Como já foi apresentado anteriormente, Montes Claros, na atualidade, possui uma universidade estadual, uma extensão de uma universidade federal e mais de cinco faculdades particulares, em modalidade presencial. Além disso, um número significativo de Institutos e Faculdades que operam na modalidade à distância (EaD) complementam o atendimento à demanda universitária oriunda principalmente do Norte de Minas Gerais e sul da Bahia. A cidade, no entanto, como pólo regional para esses e demais serviços oferecidos, acolhe pessoas originarias de outras localidades próximas e distantes. Assim, para que alguém se sinta "em casa" numa cidade, há a necessidade de haver elementos com os quais essa pessoa se identifique. A recorrência de signos e de funcionalidades em diversas cidades ao longo do mundo torna evidente o fato de que determinados processos, bem como conceitos, espaços e produtos são de fato mundializados. O que acontece, a partir daí, é o que Ortiz chama de uma desterritorialização de processos e de elementos. Sendo assim, "os espaços urbanos acabam dotados de "não lugares", locais anônimos, serializados, capazes de acolher qualquer transeunte, independentemente de sua idiossincrasia" (ORTIZ, 2006, p. 106). Trata-se, portanto, de "espaço impessoal" no qual o indivíduo se transforma em usuário, isto é, em alguém capaz de decodificar a inteligibilidade funcional da malha que o envolve. Entretanto, para Ortiz, não são apenas os espaços que são recorrentes nessa cultura mundializada. Acontece que os símbolos que orientam esses locais também são parte de um discurso mundializado. Em quantos lugares do mundo pode-se achar uma lanchonete do *Mcdonalds*? Seria difícil comprar uma *coca-cola* em um lugar que não fosse uma capital? Como fazer para ouvir *rock*, para onde se deve ir? Elementos como esses, carregados de valor simbólico, estão presentes na vida das pessoas, nos mais diversos espaços. Não se trata apenas de uma difusão

de marcas, pensamentos e estilos, mas sim de concepções que têm raízes no que Harvey (2006) chama de “acumulação flexível do capital”. Não mais se produz em um único local, mas sim em diversos. Como exemplifica Ortiz,

> ... um carro esporte Madza é desenhado na Califórnia, financiado por Tóquio, o protótipo é criado em Worthing (Inglaterra) e a montagem é feita nos Estados Unidos e México, usando componentes eletrônicos inventados em Nova Jérsei, fabricados no Japão” (ORTIZ, 2006, p. 108).

Os processos e produtos são praticados e vendidos no mundo inteiro. Isso faz com que as estruturas da modernidade se internalizem em vários locais, criando os “lugares-comuns” e os “não-lugares” característicos da modernidade. O mesmo pode ser dito da composição de grupos de estilo no espaço urbano. Isso caracteriza novos contextos. Dessa forma, produtos e processos tão comuns nas cidades ao redor do mundo não são conhecidos apenas porque são vendidos ao longo do globo, ou porque as pessoas os conhecem pela internet, ou pela televisão via satélite - sequer precisam viajar para tanto. Tudo é próximo. Como pensar em espaços urbanos sem pensar nos processos de mundialização pelos quais os elementos do mundo ocidental moderno se enraízam nas concepções de cada local? Hall (2006) afirma que, mais do que isso, tem havido certa “ocidentalização”, de forma que as lógicas de consumo, de trabalho e de concepção artística se tornam embasadas no pensamento ocidental. Entretanto, há sim a constante negociação do que é “ser” no espaço urbano, a que pertencer, como se manifestar.

As resultantes da modernização são diferentes nos mais diversos espaços nos quais ela se aplica. Nesse sentido, Canclini *apud* Leme (2003) mostra que, no projeto de modernização dos meios produtivos na América Latina, há uma grande diferença em relação ao que aconteceu nos países desenvolvidos:

> As oligarquias liberais do final do século XIX e início do século XX teriam feito de conta que constituam estados, mas apenas organizaram algumas áreas da sociedade para promover um desenvolvimento subordinado e inconsistente; fizeram de conta que formavam culturas nacionais e mal construíram culturas de elite, deixando de fora enormes populações indígenas e camponesas que evidenciam sua exclusão em mil revoltas e na migração que “transtorna” as cidades. Os populismos fizeram de conta que incorporavam esses setores excluídos, mas sua política igualitária na economia e na cultura, sem mudanças estruturais, foi revertida em poucos anos ou se diluiu em clientelismos demagógicos (CANCLINI *apud* LEME, 2003, p. 44).

A compreensão de Leme acerca do pensamento de Canclini se mostra bastante útil para este trabalho. Admite-se aqui a variedade de contextos que se formam a partir da ideia de modernização da América Latina, mesmo que numa postura que evidencia as diferenças de poder e exercício da dominação de países desenvolvidos sobre os periféricos. Parece óbvio

que a intenção nunca foi "igualar" o mundo. Porém, não se pode negar que, a partir dessa "ocidentalização" (HALL, 2006) das coisas, dos conceitos e das práticas, muitas são as resultantes. Isso porque cada local que recebe o projeto da modernização o faz de uma forma diferente. Na ótica de Canclini, portanto,

> A modernidade é pensada através de quatro projetos básicos: um projeto emancipador (secularização dos campos culturais e desenvolvimento de mercados autônomos), um projeto expansionista (incremento do lucro, desenvolvimento industrial), um projeto renovador (reformular várias vezes os signos de distinção que o consumo massificado desgasta) e um projeto democratizador (ampliar a educação, difundir a arte e os saberes especializados) (LEME, 2003, p. 44).

Como é mostrado pela própria autora, esse projeto de construção da modernidade é conflituoso por si só e, segundo Canclini, se mostra basicamente inconclusivo, sobretudo na realidade dos países periféricos, em específico na América Latina, que é o foco de sua análise. A realidade fragmentada e segmentada observada na tessitura urbana na atualidade, por sua vez, aparece como parte dos resultados desse mundo capitalista, moderno, "ocidentalizado" e desigual.

O surgimento de grupos juvenis urbanos, por sua vez, é um reflexo dessas constantes negociações e reconfigurações sociais que se processam nas cidades. Para tanto, entendendo a cidade como um discurso (BARTHES *apud* HARVEY, 2006, p.69), pode-se perceber que ela traz consigo, em seu próprio espaço, uma gama de relações sociais que se processam graças a sua arquitetura, segundo argumentos do próprio Harvey, dinâmica social, bem como estratificação – que, nos tempos atuais, vai além das relações de classes por si só.

Nesse sentido, um grupo juvenil acaba por expressar uma linguagem que não apenas reflete, mas é meio de expressão das formas urbanas de ser e agir. Mas também é fruto de escolhas individuais e coletivas, da necessidade de consumo de símbolos e artefatos. Não se descarta também a possibilidade de uma pessoa se integrar a diversas manifestações grupais. Nos dias atuais, graças à já citada possibilidade de mobilidade das populações ao redor do mundo, pode-se receber uma quantidade imensa de pessoas de várias origens diferentes, refazendo assim as relações étnicas, de classe, de gênero, bem como criando novas formas de socialização como os grupamentos produzidos pela urbanização – seja como representação de sua conformidade ou reação.

As diferentes combinações de pessoas que povoam Montes Claros geralmente são da mesma nacionalidade, com uma quantidade de estrangeiros pequena, o que acaba por compor minorias que não são suficientes para configurar um "bairro" inteiro. As separações se dão mais por "gostos culturais" diferenciados, bem como as aglomerações (leia-se como a

formação de bairros, principalmente) acontecem mais por uma divisão de poder econômico, além das práticas de cada comunidade. Contudo, a variedade de concepções que se encontram dentro de uma única classe é enorme, sendo que, por exemplo, num bairro pobre, as pessoas se diferenciam não por não serem ricas, mas sim pelas concepções, gostos e escolhas que fazem, criando assim uma estratificação que vai além da ideia de classe, o que possibilita inclusive constantes encontros e formações de grupos e comunidades de estratos diferentes (fato que realmente acontece na cidade, em especial na cena juvenil do grupo "Capa Preta").

Segundo Harvey (2003), os grupos, as pessoas que migram para as cidades, não importando a sua procedência, trazem consigo ideais que se sobrepõem àqueles que já estão estabelecidos. Os resultados podem ser muitos, como estruturas arquitetônicas diferenciadas, impactos econômicos, sociais, culturais, e grupais, por conseguinte. Visto a variedade de pessoas de concepções e origens diferentes que podemos encontrar nas cidades na atualidade, grupos juvenis nesse caso podem funcionar como uma linguagem em que as pessoas passam a se reconhecer, bem como se comunicar, numa nova forma de sociabilidade. O contrário também pode acontecer, uma vez que as composições grupais, assim como agregam, podem segregar, na representação ou mesmo na forma de afirmação de determinados grupos. As relações que as pessoas têm com o lugar estabelecem sua identidade. Trata-se da cultura do gosto (HARVEY, 2006) ou da necessidade de composição de grupos distintos, entendendo ainda que a cidade, conforme a ótica de Barthes, citado por Harvey, se mostra enquanto um discurso; indo além, conclui-se que a cidade é uma grande quantidade de óticas, linguagens e discursos. Assim, o espaço urbano (ou os espaços urbanos) traz em seu âmago novas possibilidades de socialização, bem como de formação de novas comunidades. Tudo isso se pauta principalmente na viabilidade (ou inviabilidade) econômica das cidades, uma vez que suas configurações sejam elas pólos comerciais, de prestação de serviços ou mesmo industriais, tornam possível a sustentação de ideais capitalistas, na obtenção de mão de obra ou na formação de mercados consumidores.

Esse meio "mercantilizado" dos centros urbanos, aliado ao desenvolvimento tecnológico e à conjuntura moderna atual das cidades enquanto grandes aglomerados de pessoas com identidades (leia-se discursos) variadas permitem o surgimento de grupos urbanos dos mais diversos formatos e concepções. Nesse sentido, podemos dizer, nos termos de Magnani (2007), que são várias as realidades que coabitam a geografia da cidade de Montes Claros nesse tempo moderno. Uma Avenida, uma praça, um posto de gasolina, uma loja de conveniência vinte e quatro horas e assim por diante, "pode (...) ter significados diferentes para grupos culturais completamente diferentes. Além disso, os significados podem

deslizar uns sobre os outros, trocando de significados conforme o contexto. A metrópole é mesmo uma selva...” (MAGNANI, 2007, p. 11). Ao estudar dois grupos de jovens da cidade do Rio de Janeiro (jovens católicos e jovens estudantes de teatro), Coelho (1990) na analise dos seus achados assim descreve a cidade moderna:

> Novidade, mudança, transformação, tudo isso é moderno. Metrópole, individuo, fragmentação, tudo isso também é moderno. Da fragmentação típica do moderno surge a sua maior característica, a de comportar tudo, inclusive o que não é moderno porque não o invoca. Se a modernidade é um período, ela é também um tom e estilo desse período. É assim que é possível, jovens católicos, atualizar uma tradição de dois mil anos na modernidade, lado a lado com os atores, moderno no seu desejo de ser vanguarda. Porque é possível estar na modernidade sem ser moderno. É esta habilidade de assumir qualquer mascara, qualquer rosto, de estar em constante metamorfose, que faz a modernidade moderna. (COELHO, 1990, p. 45).

Acreditamos que os membros do grupo “Capa Preta” também podem apresentar, como os jovens estudados por Coelho, experiências determinantes de uma identidade moderna representativas de uma maneira de estar no mundo. É essa maneira o que procurei desvendar e exponho nos próximos capítulos.

6 O OBJETO DA PESQUISA: O Grupo "Capa Preta" e suas fronteiras porosas...

> O que é a cultura, ou o mundo simbólico, senão um jogo que as pessoas inventam para tornar a realidade bruta dos "fatos" mais interessante, divertida, tolerável, manipulável, ou compreensível? Seres humanos diferentes, de culturas diversas, inventam maneiras diferentes para lidar com as mesmas realidades.
> (MAGNANI, 2007).

> ...Filhos da mesma agonia
> e a cidade que tem braços abertos
> num cartão postal
> com os punhos fechados na vida real
> lhe nega oportunidades
> mostra a face dura do mal...
> (Paralamas do Sucesso).

Falar dos jovens montesclarenses é falar da cidade e das suas oportunidades ou falta delas. Falar especificamente dos jovens pertencentes ao grupo "Capa Preta" requer uma serie de esclarecimentos. Primeiro esclarecerei sobre sua denominação: o que vem a ser, de onde vem e o porquê do nome "Capa Preta"; segundo, sobre o que considero aqui ser um grupo e como defini utilizar essa caracterização em minha abordagem e não outras. Portanto, embora seja redundante, "comecemos pelo começo".

Parcela significativa das informações referentes ao grupo, nesta parte do texto, está fundamentada em uma pesquisa monográfica sobre o *Heavy Metal* em Montes Claros apresentada como trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em Artes/Música da Unimontes e elaborada pelo acadêmico Alkimim (2013) e numa pesquisa acessória, na qual venho orientando meus alunos de graduação em Ciências Sociais da disciplina optativa 'Sociologia da Juventude', em trabalho de campo sobre grupos juvenis urbanos da cidade de Montes Claros/MG. O contato com os membros do grupo "Capa Preta" foi feito por intermédio de algumas aproximações; por vezes, apenas caminhamos pelo "trajeto" desses jovens no trecho da Av. Deputado Esteves Rodrigues, observando sua sociabilidade e sabendo que também éramos observados por eles. Em outras, procuramos entabular algum assunto banal (sobre o tempo, solicitação de informações sobre estabelecimentos do entorno, etc.), em outros momentos marcamos e/ou realizamos entrevistas abertas utilizando apenas um roteiro que continha questões sobre identificação do entrevistado, do grupo, forma de adesão ao grupo, significado do estilo adotado, etc.

A denominação "Capa Preta" não é de origem interna ao grupo. Trata-se de uma forma comum como os citadinos de Montes Claros se referem ao grupo considerado *outsider*, nosso objeto de estudo. Vale ressaltar que não é a única denominação externa ao grupo; já ouvi outras referências sempre depreciativas, tais como: Os drogados; os *Blacks* Bruxos,

Beberrões, Arruaceiros; Moleques; RPGs, Satanistas, Emos, Roqueiros, Urubus e outras. São muitos os nomes dados a esse grupo. Adotei a denominação "Capa Preta" por ser a mais utilizada, e até porque diz menos sobre um valor e mais sobre um estilo de vestir desses jovens que utilizam roupas e adereços pretos, e que acredito ser menos pejorativa dentre as identificadas até então. É a forma pela qual venho tratando o grupo e que como uma estratégia metodológica se manterá no decorrer do estudo, uma vez que desde as minhas primeiras aproximações não tenho percebido uma rejeição contundente a esse tratamento, embora os jovens se identifiquem por seu gosto musical como roqueiros deixando em segundo plano a sua forma de vestir, tratando-a como consequência do seu gosto musical.

Vejamos como os entrevistados Erika (16 anos) e Yure (23 anos) trataram essa questão:

> *Sei que tem um tantão de nomes que as pessoas dão para nossa galera, mas nós mesmos nos identificamos como roqueiros, na verdade sem nome... Isso é uma regra dos outros não nossa.* (ERIKA, 09/10/2013 às 00h03mins).
>
> *Capa Preta... Não gostam nem desgostam... Tanto faz. É por causa das bandas né... das roupas das bandas.*(YURE, 17/07/2013 às 11h45mins).

Conforme Souza (2013) os jovens que se reúnem na Avenida Dep. Esteves Rodrigues (Avenida Sanitária) podem ser considerados como *Headbangers*[1]. Essa designação é um termo usado para designar a subcultura de fãs de *Heavy Metal* e suas variantes. Campoy (2006) diz que através do "vestuário" o *Headbanger* "mostra que faz parte do grupo e reconhece aqueles que compartilham o habitat" (p.44).

Enfim, feito esse primeiro esclarecimento, me permito agora, pegando o gancho da primeira epigrafe dessa parte do texto, seguir na trilha das idéias de Magnani e outros autores sobre a questão de tratá-los como um *grupo.*

Considerá-los como grupo cultural é considerar uma sociabilidade baseada em gostos e códigos compartilhados. Segundo Schutz (1979), pertencer a um grupo funciona como compartilhar um conjunto de preceitos, ações e expressões cuja interpretação de seus membros, cria um sistema de relevâncias e tipificações, geradas por modos distintos de se relacionar.

---

[1] O termo *Headbanger* foi criado como denominação ao grupo, pelo hábito de praticarem *headbanging* habitualmente. Já o nome *Metalhead* (mais utilizado na Europa), vem do próprio gênero musical. Os cabelos compridos, casacos de couro, coletes jeans, *patches* de bandas de metal entre outros acessórios ajudam a promover um sentido de identificação na subcultura. No Brasil e em Portugal são frequentemente chamados de *metaleiros*. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Headbanger - Acesso em 18/12/2013).

Esses modos são demarcados por uma lógica de um *ethos* especifico que influencia diretamente seus hábitos, seu estilo de vestir, sua forma de apropriação do espaço urbano, sua visão de mundo, etc. Segundo Erickson (1972, p. 133) *apud* Rezende (1990, p. 13),

> Os jovens poderão tornar-se extraordinariamente dedicados ao clã, intolerantes e cruéis na sua exclusão de outros que são "diferentes", na cor da pele ou formação cultural, nos gostos e talentos e, frequentemente, em aspectos mesquinhos de vestuários e gestos, arbitrariamente selecionados como sinais de "ser do grupo" ou "não ser do grupo" (...) tal intolerância pode ser, por algum tempo, uma defesa necessária contra um sentido de perda de identidade.

Vários outros conceitos podem ser usados para pensar as formas como as pessoas se agrupam como, por exemplo, o de 'rede'. Para Rezende (1990) um grupo se define por se tratar de formação de indivíduos que se associam com interesses e fins comuns e uma "rede, enquanto conexão entre pessoas não definidas pelos mesmos objetivos e fronteiras" (BOTT, 1971 *apud* REZENDE, 1990, p. 8).

É na busca da autoafirmação identitária que os jovens em seus processos de vivências criam seus próprios espaços, elaborando possibilidades de pertencimento ao mundo cultural, deixando de ser meros espectadores passivos e assumindo-se como protagonistas de suas ações criativas.

Assim, como afirma Pais (1993, p. 96) "[...] as culturas juvenis, para além de serem socialmente construídas, têm também uma configuração espacial".

> *Na verdade eu não chamo de grupo, pois pra nós é um ciclo de amizade, grupo pra mim é quando algumas pessoas se encontram para realizar algum tipo de tarefa e depois cada um vai para o seu lado e pra nós é mais que isso, a gente ouve e entende o próximo, não estamos aqui apenas realizando um encontro sem fins, (houve concordância de outro membro)... como se trata de amizades com algo em comum, fomos nos encontrando, marcando baladas, filmes e até açaí (risos), e com isso, uma pessoa conhecia outra e apresentava aos demais, depois essa pessoa também passava a sair com a gente, hilário que todos nós tem coisas bizarras que já aconteceu na vida.* (ERIKA, 09/10/2013 às 00h03mins).

Observo como descreve minha entrevistada Erika que o espaço, assim como o tempo da convivência com seus amigos do grupo "Capa Preta", representa dimensões importantes em seu processo de socialização. Este espaço emerge do cotidiano vivido e é o lugar de se relacionar com o outro, de trocar saberes. O entrevistado Yure também falou sobre como e porque da sua participação no grupo, e os motivos de estarem na Avenida,

> *Mais é os meninos mesmo... e não tinha lugar para a gente ficar conversando fiado...a gente ia para lá e ficava lá... Eu comecei com uns colegas meus de escola,*

> *a gente combinava e encontrava lá... ficava conversando fiado...então você vai só conhecendo gente...conhecendo gente...assim, quando cê vê, cê vicia de ir lá.* (YURE, 17/07/2013 às 11h45mins).

Analisando a fala de Yure podemos perceber que a historia de constituição do grupo "Capa Preta" é marcada por esse tipo de associação que se dá na informalidade, isto é, trata-se das fronteiras porosas da natureza de um grupo informal. São jovens da cidade que por falta de outros espaços de lazer nas noites dos finais de semana e feriados se encontram nas praças da Avenida para bater papo e *falar* de *rock*. Foi e ainda é assim que o grupo vem se sustentando enquanto tal. É gente que chega, é gente que sai, é gente que cria vínculos e permanece.

Conforme o entrevistado Yure, os integrantes mais antigos começaram a se encontrar na Avenida por volta de meados da década de 1980, período em que começaram a surgir alguns eventos e bandas relacionadas ao *rock* na cidade. Não existe nenhum registro sobre o histórico desse grupo; o que o define é a assiduidade dos encontros entre seus integrantes no trecho das Praças da Avenida Deputado Esteves Rodrigues. E o que define a inserção de cada um como integrante é também a assiduidade e a permanência nesses encontros.

6.1- Origem do grupo "Capa Preta" via histórico do *Heavy Metal* e do *Headbanger* em Montes Claros.

Foi em meados da década de 1980 que os primeiros vestígios do *Heavy Metal* começaram a se manifestar em Montes Claros, período em que, conforme Souza (2013), era difícil o acesso a informações, a equipamentos como discos e outras manifestações características do *Headbanger*[1] no Brasil. Aqui na maior cidade do Norte de Minas o acesso era complicado, mas não impossível. Conforme Carvalho (2010) o *Heavy Metal* está entrelaçado ao cenário do *rock*, e em Montes Claros é uma "pratica" ligada ao *rock*, mas que "pode ser entendida como bastante peculiar em relação às demais" (p. 149).

Sobre o *metal*, Carvalho ainda afirma que "(...) ele agrega uma quantidade considerável de pessoas que têm códigos, pensamentos e concepções distintas sobre o que seja *rock*, dentro desse próprio contexto (...)" (CARVALHO, 2010, p. 149).

---

[1] Lembro que em sua monografia Souza (2013) se refere ao estilo do Grupo "Capa Preta" como *Headbanger*. Quando utilizo esse termo é fazendo referencia ao estudo deste autor sobre a origem do estilo desse grupo, meu objeto de estudo, ao qual me refiro como "Capa Preta".

Souza (2013) relata ter seu entrevistado Ricardo Guimarães afirmado que tanto o *metal* como o *rock* vieram para Montes Claros por volta dos anos 1984 e 1985, quando ele e seu grupo de amigos se reuniam no Centro Cultural Hermes de Paula para trocarem informações sobre novas bandas e sons.

> Foi entre 1985 e 1986 que os *Headbanger* começaram a aparecer na cena montesclarense, são jovens com "visual, totalmente inovador e provocador para a época, impressionava quem passava pelas ruas e chegava a causar estranhamento (...). Tênis largo, calças mais apertadas e, lógico, camisas pretas, crucifixos e outros adornos do estilo" (GUIMARÃES *apud* SOUZA, 2013, p.34).

Souza alerta que, apesar das informações do seu entrevistado numa pesquisa sobre *rock* em Montes Claros, Carvalho (2010) identificou que esse tipo de música já vinha sendo apresentado a Montes Claros por visitantes oriundos de cidades grandes em finais da década de 1950, mas que foi mesmo a partir da década de 1990 que, por influencia do movimento *punk* foi criada a banda autoral montesclarenses "Solução Suicida", pioneira na cidade em *rock* mais agressivo. Foram criadas também outras bandas que faziam apresentações *cover* de bandas *Pop* que se tornaram posteriormente também de *rock* pesado, como é o caso da banda "*Vomer"* que vem representando o *heavy metal* na cidade até os dias atuais.

> Neste mesmo período os ouvintes de *Rock* e *Heavy Metal* de Montes Claros ainda encontravam grande dificuldade a ter discos e instrumentos, segundo o baixista da Solução Suicida, o seu primeiro baixo foi construído por ele e alguns amigos. (GUIMARÃES *apud* SOUZA, 2013).

Ainda conforme Souza (2013), os eventos importantes relacionados ao *rock* começaram a se difundir em Montes Claros a partir do ano 2000. Nesse período o cenário *headbanger* foi marcado por altos e baixos, com o surgimento e desestruturação de muitas bandas. Dentre os eventos importantes Souza destaca o "Agosto Pro *Rock*", o "*Metal* Moc". Foram criadas também na cidade casas de *show* que abriam as portas para estas bandas, como a "*Chernobyl*" e a "Casa da Juventude".

> ...anterior a estes eventos e casas de *show*s era comum às próprias bandas realizarem seus próprios eventos onde ficaram muito comuns as suas realizações no "Garajão São Francisco23" e "Hotel Samaritano24" entre outros. Foi neste período também que surgiram as várias instituições e iniciativas de apoio, entre elas a "Associação do *Rock* de Montes Claros e Região (ARMCR)", o "Coletivo Retomada", o "Instituto Gerais" e o "*Plug*!" (CARVALHO *apud* SOUZA, 2013, p 34).

Souza identificou em sua pesquisa monográfica que os *headbangers* montesclarenses são radicais quanto ao *heavy metal*, se abstendo de ouvir outros gêneros musicais. Até mesmo aquele fã de *metal* que não é musico busca ficar informado sobre novas músicas e seus

detalhes, tais como os instrumentos musicais utilizados, as técnicas vocais, os efeitos de distorção utilizados pelo guitarrista, e outras informações.

> As pessoas inseridas no *Heavy Metal* em Montes Claros assim como nas várias outras regiões do mundo onde se manifesta a socialização entre os *Headbangers* encontramos semelhanças em sua forma de se vestir, nos cabelos, na faixa etária e em seu comportamento, o vocabulário e até mesmo na comunicação gestual feita com a mão em forma de "chifres", denominada "Malocchio"[1]. (SOUZA, 2013, p. 35).

Foto 1 – Jovens do Grupo "Capa Preta" em seu P*edaço* na Avenida Deputado Esteves Rodrigues fazendo o sinal do *Malocchio*

Fonte: Imagem fotográfica parte dos registros da pesquisa de campo com acadêmicos do Curso de Ciências Sociais da Disciplina Sociologia da Juventude da Unimontes. 2013.

A forma dos jovens do Grupo "Capa Preta" se vestirem é característica dos *headbangers*. De acordo com Souza (2013), em algumas situações os *headbangers* vestem roupas de forma totalmente comum sem nenhuma relação com o universo do *heavy metal*, mas em geral se vestem da seguinte forma:

[1] O *Malocchio*, segundo Souza (2013), é um sinal feito com as mãos inserido no h*eavy metal* pelo roqueiro Ronnie James Dio; segundo ele, os seus avós utilizavam este sinal para espantar o mau olhado.

- Os homens com camisas pretas geralmente de alguma banda, alguns com os cabelos longos, tatuagens e *piercings*, calças desbotadas e rasgadas, correntes, braceletes com *spike* e coturnos;
- As mulheres costumam usar as mesmas roupas dos homens ou vestidos pretos. Utilizam também maquiagens fortes no rosto.

> Atualmente observa-se entre os jovens uma profusão de estilos em torno dos quais se constituem tribos, que podem ser reconhecidas por meio de determinados signos, principalmente de ordem estética, como a maneira de se vestirem, de se portarem, de falarem, o corte de cabelo, etc. (HÜBSCHER *apud* SOUZA, 2013, p.35).

Segundo Souza algumas "galeras" dos *headbangers* costumam se inspirar no estilo e forma de se vestir do inicio da década de 1980, "... utilizando coletes com *Pets*[1] e *Spikes*, calças apertadas e cabelos longos. Também encontramos *Headbangers* inspirados na forma de se vestir das bandas de *Black Metal*, utilizando a pintura "*Corpse Paint*"[2] no rosto" (SOUZA, 2013, p. 36). Mas o estilo *headbanger* não se restringe às formas de vestir. Seu vocabulário também é característico de ouvintes do *heavy metal.* Souza (2013) relata que percebeu em seu trabalho de campo a utilização pelos jovens (objeto de sua pesquisa) de vários termos que são utilizados por roqueiros em outras partes do mundo "como o "*poser*" que significa o "*falso headbanger*" e o "*mosh*" que é uma espécie de roda feita no momento em que alguma banda toca, além de ser comum a utilização de gírias entre os ouvintes de *metal*" (SOUZA, 2013, p. 36).

Além da Avenida são vários os outros lugares de sociabilidade dos *headbangers*, nossos jovens do grupo "Capa Preta" em Montes Claros. Souza (2013) identificou em seus estudos que além dos bares, *show*s de *heavy metal* e casas noturnas, os *headbangers* montesclarenses se encontram em diferentes localidades e regiões da cidade, tais como o Parque Municipal Milton Prates localizado no bairro Morada do Parque, em diversas praças da Avenida Sanitária e outros locais distribuídos por toda a cidade:

> ... Entre elas se destaca a Praça Doutor Chaves, conhecida popularmente como a "Praça da Matriz", por estar situada em frente à Igreja "Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José", localizada no centro da cidade. (SOUZA, 2013, p. 37).

De acordo com esse autor em suas observações de pesquisa, as reuniões no Parque municipal, via de regra, acontecem nas tardes dos domingos.

---

[1] Trata-se de pedaços de pano com a logomarca de bandas costuradas sobre as jaquetas e coletes.
[2] É o tipo de maquiagem utilizada por Ney Mato Grosso e seus colegas nas apresentações do extinto grupo de *Rock* nacional "Secos e Molhados" na década de 1980.

Alguns *headbangers* permanecem lá até a noite e só saem quando expulsos pelos seguranças noturnos. A frequência é bastante fluida, variando a quantidade, e os frequentadores não são os mesmos a cada domingo. Quanto às atividades realizadas não houve variações: os *headbangers* sempre ficavam discutindo sobre assuntos referentes ao universo *heavy metal*, tocando violão e trocando informações sobre novidades, como novas bandas, sons, musicas, eventos, etc. Outro entretenimento do grupo é o que Souza denomina de "batalha de celulares", uma espécie de disputa na atualização do cenário do *metal* pela exibição de sons de novas bandas pelos alto falantes externos de seus aparelhos de celulares e de outros aparelhos de áudio portáteis.

As semelhanças nas características da sociabilidade dos *headbangers* do Parque foram identificadas também em outros espaços da cidade com pouquíssimas variações: entre elas, os frequentadores do Parque, apesar da variação na frequência, eram todos conhecidos e formavam uma mesma aglomeração ou "galera" conforme denominação dos próprios jovens, e tomada aqui como uma categoria nativa. Já nas praças e na Avenida eles se reúnem em pequenos grupos de "chegados" por diversos estilos pertinentes ao *rock* como *heavy metal* e outros gêneros musicais como *rappers*, *punks* e r*eggaeiros.*

Mas, conforme Souza é a Avenida Sanitária (forma como os "Capa Preta" se referem à Avenida Deputado Esteves Rodrigues e nosso *lócus* de pesquisa), o principal ponto de encontro dos *headbangers*, que se dividem em seis "pedaços" por grupos de "chegados", "galeras" conforme suas preferências de estilo e referencias de sons que curtem, assim:

> A Avenida Deputado Esteves Rodrigues conhecida pelos *Headbangers* como "Avenida Sanitária" é o principal ponto de encontro onde o *Heavy Metal* é socializado em Montes Claros, isto porque é o local onde se reúne o maior número de *Headbangers* contando com os que frequentam Parque Municipal, a Praça da Matriz e os vários outros lugares onde se manifesta o *Heavy Metal* na cidade, além disto, é na Avenida Sanitária que foi encontrada as principais características dos aspectos socioculturais do *Metal* em Montes Claros.
> (...)
> Segundo os *Headbangers* a Avenida Sanitária pode ser dividida em seis partes, a primeira é conhecida como "*Dark Side*", traduzido ao português como "lado escuro", esta localizada entre a prefeitura municipal e o cruzamento da Avenida Sanitária com a Rua Engenheiro João Antônio Pimenta, para eles esta parte foi batizada desta maneira porque durante um período longo havia pouca iluminação, para alguns outros, este termo foi criado porque o clima e ambiente do local é "tenso". A segunda parte da Avenida não tem nenhum rótulo e fica localizada em frente ao SENAC, a terceira parte é conhecida como "Barriguda" e fica localizada ao lado do semáforo da Avenida Mestra Fininha cruzando com a Avenida Sanitária, a quarta parte é em frente a loja de conveniências *All Time*, a quinta parte é o bar Quintal Avenida e por fim, o ultimo lugar não é exatamente na Avenida Sanitária mas sim na Praça João Antonio Pimenta de Carvalho conhecida como a "Praça do Choque" localizada na Avenida Coronel Prates bem próximo a Avenida Sanitária. (SOUZA, 2013, p. 39).

Conforme Souza os frequentadores do trecho da Avenida denominados *dark side* se consideram serem os legítimos *headbangers*. Eles geralmente são os mais antigos, e já curtem o *heavy metal* há mais tempo. Sua sociabilidade se dá por troca de informações sobre esse tipo de som e consumo de bebidas alcoólicas. Os novatos não frequentam esse "pedaço" "isto porque são julgados como "*poser*", que significa uma espécie de "*Falso Headbanger*"". (SOUZA, 2013, p. 40). Nas minhas conversas identifiquei na fala dos meus entrevistados essa categoria de acusação como os "*Fantasia*", ou seja, aqueles contrários aos verdadeiros roqueiros denominados por eles como os "*Na Veia*" e os "*Na Veissima*", respectivamente atribuídas aos verdadeiros roqueiros e aos mais verdadeiros ainda, aqueles que carregariam no 'próprio sangue' as verdadeiras inspirações e características de fã e/ou fazedor de *rock*. Janis, em uma entrevista logo que retornou de sua ida ao Rock 'n' Rio, se refere a alguns frequentadores do "circuito" dos "Capa Preta" na Avenida Sanitária e faz referência a essa diferenciação:

> *Ô Lets,*[1] *ta vendo aquela galera ali, sãos os "Fantasia" eles ficam aqui, mas não tem nada a ver com a gente que carrega o rock "na veia", se duvidar eles nem sabem o que é o rock, nem conhecem nenhuma banda, nem mesmo nunca foi a um show. Enfim, eles vestem que nem a gente, ficam aqui pegando mal. Acho que acham que nos drogamos ou coisa parecida, porque o que eles fazem mesmo aqui é encher a cara de bebida e drogas. Um dia só pra checar eu me aproximei e tentei conversar com uma galera dos "Fantasia" que tava ali bebendo em frente ao All Time, e você não vai acreditar eles estavam falando do show que foram de Luan Santana e Wesley Safadão...aff! Dei vontade de vomitar. Falei com eles para irem La pras bandas da Pizzaria Papaula que lá eles iriam encontrar outros babacas que nem eles, kkkkkkk.*(Entrevista com Janis em 09/10/15).

Entre os frequentadores do "pedaço" de frente ao SENAC estão tanto os mais antigos como os novatos. O que os atrai para essa localidade não é só a afinidade interpessoal ou de estilo, mas sim a existência de uma fiação de um poste de iluminação publica que é vulnerável, ou seja, solta, o que possibilita com uso de alguns "gatos" a ligação de aparelhos e instrumentos musicais mais potentes que eles utilizam durante toda a noite para curtirem o h*eavy metal*.

Os outros "pedaços" da Avenida são utilizados em função dos equipamentos existentes como é o caso do estabelecimento *All Time*, no qual eles compram bebidas, e procuram em suas imediações locais para sentar, e assim, consumi-las. É importante que seja possível curtir seu gênero musical preferido, o r*ock* em suas diversas variações.

[1] É a forma usual carinhosa e jocosa com que passei a ser tratada pelos jovens do grupo "Capa Preta" variando entre os apelidos Lets e Sherlocka, sendo esse ultimo uma alusão ao investigador da ficção Sherlock Holmes.

No outro estabelecimento do estilo, o bar “Quintal Avenida”, a socialização acontece entre aqueles que têm mais condições financeiras para consumir os produtos e curtir a musica selecionada e disponibilizada por seus proprietários, que contratam bandas locais como a banda “*Vomer*” para se apresentarem ao vivo e/ou oferecem um som mecânico de *rock*. Os demais ficam sentados nas calçadas próximas a esse bar para também curtirem o *rock* e o *heavy metal* ali disponibilizado.

O sexto local de encontro e sociabilidade dos jovens do grupo “Capa Preta”, denominado “Praça do Choque”, é um adendo da Avenida. Por sua proximidade geográfica, é o *point* dos que estão começando a se inserir e a freqüentar o circuito *heavy metal*,

> ...geralmente quando se tem violões ou aparelhos de som é quando os *Headbangers* mais antigos estão presentes na Praça, apesar de serem poucos estes momentos estes sujeitos mais “antigos” não costumam frequentar a Praça do Choque porque dizem que lá só tem “Poser” e que ficariam com o “filme queimado” se ficarem frequentando a praça. (SOUZA, 2013, p. 41).

Os frequentadores dessa praça são os considerados falsos roqueiros pelos integrantes mais antigos. Conforme o depoimento do entrevistado Yure, eles são considerados uma “sub-raça” e são rejeitados pelos integrantes mais antigos.

> *É uma sub- raça, né. Eles falam que é roqueiro, mas não é roqueiro não. Ó eles ficam só entre eles, porque o povo não aceita eles não. Não conversa... e... de vez em quando sai até na porrada...mas isso é muito extremo, né? De vez em quando os meninos fazem até covardia com eles lá... bate neles (...) Mas os mais novos que tem lá mesmo são os Emos... os meninos mais novos...tem muita gente de menor bebendo...esses trem... Fumando. Ai não dá certo não.* (YURE, 17/07/2013 às 11h45mins).

Enfim, as informações dessa parte do texto permitem-nos entender o nível de porosidade do grupo desde sua gênese até os dias atuais. Suas fronteiras não permitem demarcações rígidas, característica *sine qua non* de grupos urbanos informais que se revelam como um verdadeiro “pedaço” nos moldes da conceituação proposta por Magnani, por compartilharem símbolos, espaços e estilos que são determinantes de um *ethos* de um grupo que se mantém pela assiduidade e frequência dos seus membros. Ao diferente é reservada uma atitude de evitação, mas isso não significa a ausência de violência. Quando um freqüentador da Avenida rejeitado (como é o caso dos Emos citados pelo entrevistado Yure) insiste em ocupar espaços e/ou os “pedaços” dos jovens “Capa Preta” (conquistados pelo critério de antiguidade na ocupação), pode acontecer algumas estratégias de exclusão, até mesmo a violência física, nos moldes dos embates entre estabelecidos e *outsiders* relatados por Elias & Scotson (2000): “Muitas questões diferentes podem expor às claras as tensões e

conflitos entre estabelecidos e *outsiders"* (p. 37). Estas podem ser expressas desde "cabos-de-guerra silenciosos" a "lutas francas". No período em que estive no campo, presenciei apenas ameaças de brigas, que se dissipavam por intervenção de alguns pacifistas do grupo que bancavam o "deixa disso". Não presenciei nenhuma violência física de fato.

7 MAPEANDO O CAMPO: O campo como questão.

> *Ando devagar porque já tive pressa... Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe, eu só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei. Conhecer as manhas e as manhãs, o sabor das massas e das maçãs... Cada um de nós compõe a sua própria história, e cada ser em si carrega o dom de ser capaz de ser feliz...* (Renato Teixeira).

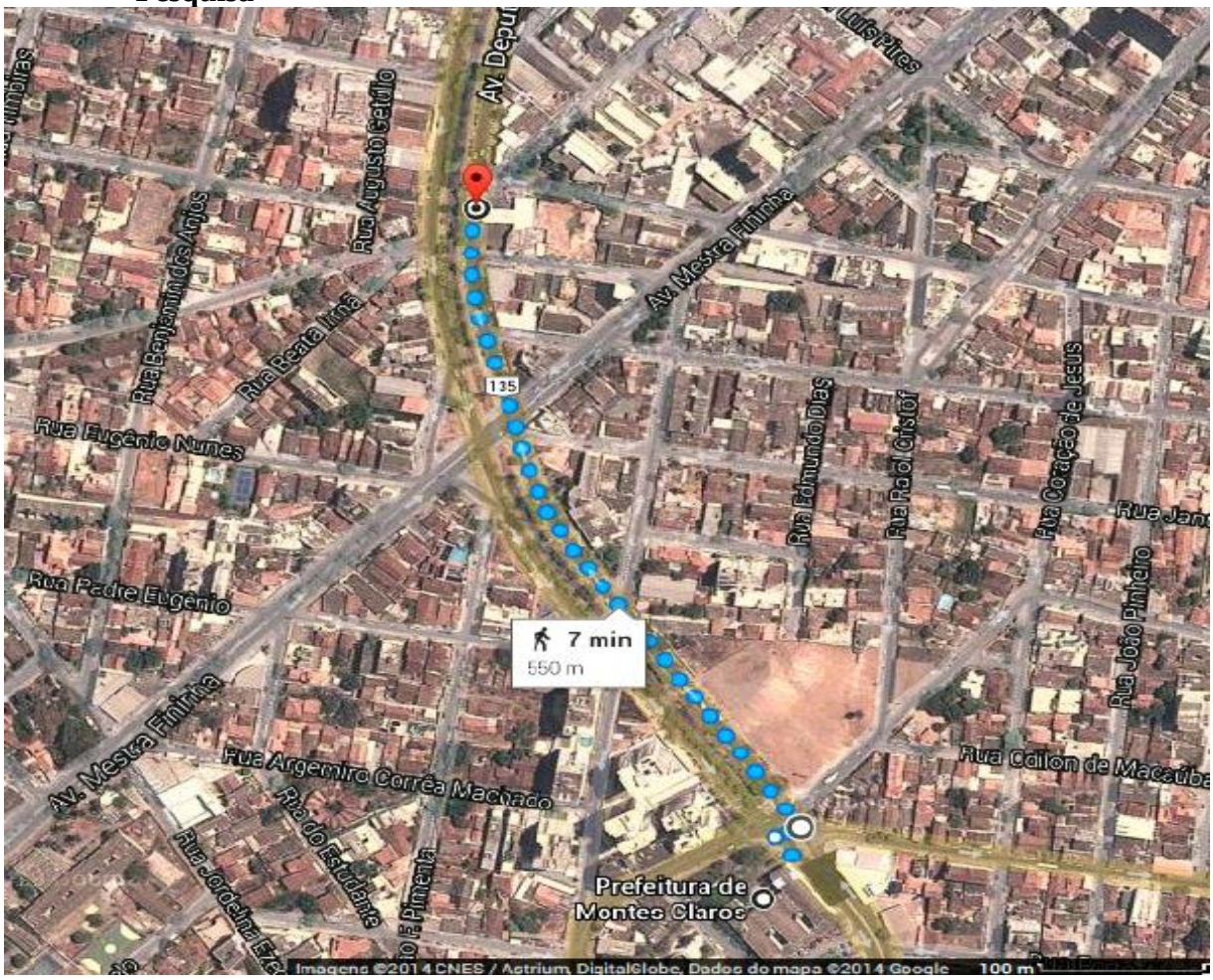
Para a tarefa de mapear o local de encontro do grupo “Capa Preta” busquei etnografar a Avenida como local/referencia espacial para vários grupos na busca do entendimento do que esse pode revelar sobre e/ou para meu objeto de pesquisa. Optei primeiro por descrever o cenário de parte da Av. Dep. Esteves Rodrigues que constitui um espaço de lazer urbano. Sob a ótica de uma observação etnográfica procurei descrevê-lo por meio da observação do movimento e da constituição da interação dos atores com o cenário. Primeiro faço a descrição como um todo desse cenário apropriado pelos citadinos e pelos jovens do grupo “Capa Preta” e em seguida trago as observações especificas dos “pedaços” desse grupo, objetivando dar clareza à composição dos espaços, significados e relações de um com o outro, bem como à relação dos atores com o cenário. Procuro descrever minhas observações sobre o *cenário*, os *atores* e os *scripts/ regras* seguindo de perto o trabalho feito e descrito por Magnani (1996) sobre o projeto intitulado "Os Pedaços da Cidade" numa atividade coletiva inovadora, realizada pelos membros do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU). Fundamentada nos estudos desse autor e de diversos outros conceitos e autores fundamentais para a compreensão da dinâmica urbana e da pesquisa de campo é que entrei no cenário.

O primeiro momento foi a identificação do local de pesquisa - a Av. Deputado Esteves Rodrigues na região central da cidade de Montes Claros/MG -, que representa um espaço de lazer urbano. A avenida é mais conhecida como Av. Sanitária por sua extensão margear o Rio Vieiras para o qual em tempos atrás era direcionado o esgoto da cidade. Com a abertura da Avenida o esgoto foi canalizado em rede própria de tratamento sanitário, sendo essa a origem da designação popular da Avenida como Sanitária. Ressalto que utilizaremos nessa tese essa designação nativa da Avenida, que é aquela utilizada pelos usuários e principalmente pelo grupo nosso objeto de pesquisa.

Segundo Magnani (1996, p. 17), o "cenário" é “produto de práticas sociais anteriores em constante diálogo com as atuais”. A delimitação de um "cenário" de acordo com Magnani (1996) não é apenas definir ruas e/ou pontos de intersecção a partir da presença ou não de equipamentos, mas sim da presença desses equipamentos em relação à prática rotineira dos

que usam o espaço, os “atores". Para a descrição do cenário limitei minhas observações ao trecho da Avenida Sanitária no qual acontece a sociabilidade do grupo “Capa Preta” que fica situado no percurso de 550m compreendido a partir do prédio da Prefeitura Municipal de Montes Claros até o posto de combustíveis “Ale” localizado no número 516, o que representa uma caminhada convencional de sete minutos de uma ponta a outra. Este trecho apresenta uma topografia plana, característica de cidade que apesar de ser entre as montanhas de Minas Gerias é bastante plana, motivo pelo qual leva o nome dos dois únicos morros - os Montes Claros. Lembro que o caminho da pesquisa literalmente foi se construindo nesse caminhar tocando em frente em minhas observações desse espaço urbano. O trecho das minhas caminhadas é apresentado em destaque azul no Mapa a seguir da Avenida Sanitária e o seu entorno conforme a delimitação descrita.

Mapa 3 - Avenida Dep. Esteves Rodrigues (Av. Sanitária). Delimitação do Trecho da Pesquisa



Fonte: Google Maps, Abril de 2014. Demarcações com Grifos de Ana Paula Gusmão. In: *Etnografia Urbana- um olhar sobre o cenário do lazer montesclarense*, 2014 (Trab. Didático de graduação em Ciências Sociais/ Disciplina Etnografia Urbana/pdf.).

Na minha primeira caminhada com fins de mapeamento do campo fiz o percurso do trecho delimitado para o reconhecimento da área e dos seus pontos de referência para os diversos tipos de usuários. Essa caminhada de uma ponta a outra durou aproximadamente três horas. Estacionei meu carro no pátio da Prefeitura Municipal às 19h30min e segui a pé no sentido Prefeitura/Posto Ale. Ressalto que nessa feita não tive a preocupação de observar somente os jovens do grupo “Capa Preta”, mas sim todos os usuários do trecho delimitado. Procurei identificar as práticas de lazer, entretenimento e outros usos na área, buscando relacionar informações sobre o cenário e seus atores. Pude identificar a pertinência de alguns conceitos e categorias de Magnani (1996), que ajudaram a definir o local pesquisado. Um desses conceitos é o de "mancha" que, conforme Magnani é um espaço para reunião de pessoas para utilização dos equipamentos existentes, não envolvendo as afinidades características do “pedaço”. Os equipamentos que ali existem “são pontos de referência para a prática de determinadas atividades” e há a circulação de pessoas das mais diferentes origens. Uma “mancha” não restringe seu significado apenas à concentração de equipamentos para o lazer: ela pode ser uma concentração de equipamentos para as mais diversas atividades, tal como um aglomerado de clínicas médicas e laboratórios, de lojas, de lanchonetes, etc. Há que se levar em conta que, mais do que uma relação comercial, nela acontecem relações sociais entre seus frequentadores, que passam a trocar informações e estabelecer certo contato através do uso desses equipamentos.

A “mancha” pesquisada na Av. Deputado Esteves Rodrigues contém um grande número de equipamentos para o lazer e de outras atividades existentes nesse trecho, tais como bares, casas noturnas, lanchonetes, instituições de ensino, estabelecimentos bancários, sendo predominantemente área comercial e de entretenimento, a qual congrega um volume denso de pessoas, que frequentam o local para os mais diversos fins, com *scripts* diferenciados dependendo dos dias e horários de uso. A busca por entretenimento é maior nas noites de sexta-feira e principalmente aos finais de semana.

Minhas observações da “mancha” nessa primeira caminhada possibilitaram compreender a subdivisão do trecho delimitado na “mancha” da Av. Sanitária em seis subtrechos como os “pedaços” do grupo “Capa Preta” que, conforme Souza (2013) se organiza em seis subgrupos de “chegados” por “galeras” que são caracterizados por suas preferências de estilo e referências de sons segundo o tipo de rock que curtem. Assim:

1º Trecho: A partir da Prefeitura Municipal de Montes Claros até o cruzamento entre a Av. Sanitária e a Rua Engenheiro João Antonio Pimenta,

Foto 2 - Primeiro Trecho com menor iluminação da Mancha

Fonte**:** Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

- 2° Trecho: Em frente ao Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC,

Foto 3 - Fachada do SENAC

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

- 3° Trecho: Localizado ao lado do semáforo da Avenida Mestra Fininha no cruzamento com a Avenida Sanitária, onde há uma árvore conhecida e denominada popularmente como “Barriguda”. É uma espécie de paineira típica da Caatinga e do Cerrado, caracterizada por seu formato arredondado ao meio, lembrando uma barriga volumosa.

Existe junto dessa árvore um jardim de gramas com algumas pedras muito bonitas, com ângulos diversos, que nos dão a impressão de terem sido esculpidas pela mão humana.

Foto 4 - Trecho da Arvore Barriguda e jardim das Pedras

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

- 4° Trecho em frente à loja de conveniências *Alltime*,

Foto 5 - Estabelecimento Loja de Conveniência "*Alltime*" esquina de interseção entre as Avenidas Mestra Fininha e Dep. Esteves Rodrigues

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

- 5° Trecho: Depois da loja de conveniência "*Alltime*" até o bar "Quintal Avenida"

Foto 6 - Bar "Quintal Avenida"

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

- 6° Trecho: Depois do bar "Quintal Avenida" até o posto de combustíveis "Ale".

Foto 7 - Um dos estabelecimentos do 6º trecho "Point do Açaí"

Fonte: Registro de Imagem: Hernane Alves, 2014.

Foto 8 - Posto de Combustíveis "Ale"

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

Fiz ainda mais caminhadas de observação da "mancha" da Av. Sanitária nas quais observei de forma mais minuciosa o "cenário" e as relações estabelecidas entre os atores, e dos atores com o cenário. Estas caminhadas aconteceram no período de seis meses (durante o período da pratica de pesquisa de campo com meus alunos da disciplina Sociologia da Juventude) em dias e horários coincidentes e diferenciados em relação àqueles nos quais os jovens do grupo "Capa Preta" os frequentam, com o objetivo de compreender as diferenças de uso dos espaços em tipos e significados atribuídos por aqueles que tramitam por ali e/ou utilizam os estabelecimentos existentes na "mancha".

As caminhadas e as observações advindas delas me permitiram constatar que a cena dos jovens do grupo "Capa Preta" realmente interfere na paisagem. O cenário fica matizado de preto pelas suas roupas e adereços; esses novos ocupantes nas noites das sextas-feiras e dos finais de semana é que passam a dominar a cena, com um jeito diferente de se movimentar no espaço, com um caminhar mais lento, um gingado peculiar e um arquear de corpo como se todos estivessem tocando uma guitarra imaginária ou como se carregassem na postura os sinais do uso constante desse instrumento musical tão caro ao *rock.* O interessante também é que eles só andam em bando, nunca se vê um deles sozinho, estão sempre em pares ou grupos maiores, entretidos em conversas ou utilizando aparelhos eletrônicos, principalmente celulares com fones de ouvido que são retirados de vez em quando e compartilhados para curtirem juntos algum som.

A movimentação entre os jovens do grupo “Capa Preta” não é muito intensa. Normalmente chegam por volta das 21hs e ocupam o espaço regular de cada “galera” na Avenida. O movimento mesmo fica restrito às chegadas, às saídas e ao uso dos equipamentos existentes, prioritariamente a loja de conveniências All Time e o bar “Quintal Avenida”. A permanência na Avenida às vezes vai até mais ou menos às 3hs da manhã. Esse horário varia conforme o teor das novidades: sempre que há algum evento, seja local, regional, nacional ou mesmo internacional, importante referente ao *rock*, o assunto rende mais e, portanto, os motivos para ficar um pouco mais aumentam. Observei isso antes e depois do *Rock* ‘in’ Rio, por exemplo, e também em períodos que antecedem a Exposição Agropecuária de Montes Claros – EXPOMONTES -, que acontece no mês de junho de cada ano, quando na programação de shows está prevista a participação de bandas de *rock* (embora isso raramente aconteça porque esse evento é de característica rural). O fato de não haver eventos de/ou com *rock* na cidade também é motivo de muito assunto, principalmente de indignação, entre os jovens do grupo “Capa Preta”. Portanto, quando isso acontece (e é raro) em qualquer espaço ou tipo de evento da cidade a expectativa e participação desses jovens são certas. Nesse sentido, a Avenida passa a ser o local em que eles programam o como e, com quem ir. E após os eventos é o tempo de se encontrar ali para avaliar os acontecimentos.

7.1-Um olhar atento sobre a “mancha” da Avenida. Sanitária

Foto 9 - Inicio da Avenida Busto em Homenagem ao Dep. Esteves Rodrigues

Fonte: Imagem registrada por Hernane Alves, 2014.

Como minha intenção neste momento foi fazer observações sobre a “mancha” somente com o fim de descrever o cenário, busquei fazê-las em momentos distintos na busca de identificar as marcas que diferenciam os usos e a sociabilidade tanto nos finais de semana como no início desta. Assim o fiz comparando as terças-feiras a partir do dia 15/03/2014 com as sextas-feiras.

Vale lembrar que para esse momento que considero como segunda fase da pesquisa após uma pesquisa bibliográfica preliminar, não só busquei vivenciar cuidadosamente as orientações de DaMatta sobre os três momentos da pesquisa já descritos na metodologia dessa tese, me preparando para ir e permanecer no campo, como também segui as recomendações de Magnani (1996) quando em “Quando o campo é a cidade” ele diz ser necessário que, mesmo numa caminhada de reconhecimento, o pesquisador tenha um plano pré-estabelecido e procure manter seu caminhar mais lento que o do usuário comum e mais regular que o do passeante, seguindo o fluxo do andar e do parar que permita uma observação contínua de todo o cenário. Esta deve ser sistemática, mas não necessariamente exaustiva.

Magnani (1996) recomenda que o pesquisador durante o percurso deva deixar-se impregnar pelos estímulos sensoriais, observando atentamente “principalmente à materialidade da paisagem: relação entre espaços vazios e construídos, disposição das edificações e equipamentos, escala, volumetria, ruídos, cores, cheiros.” (p.16). Ao contrário de buscar identificar o inusitado, o inesperado, cabe ao pesquisador focar sua atenção no reiterativo, no padrão, na norma. Para isso, é necessária a delimitação prévia do percurso e a cobertura do trajeto em sua totalidade sem interrupções como condição “para se captar a diversidade de uma rua, por exemplo, sem se deixar levar pela fragmentação que, à primeira vista, ela parece exibir. Deve haver uma ordem, um ritmo, regras” (p.17). Sem se dar conta, os usuários obedecem a essa ordem, no sentido de que esta já se encontra internalizada.

Assim, para identificar essas regras, cabe ao pesquisador evitar a dispersão do olhar que ao caminhar pelo cenário está sujeito a múltiplos estímulos. O que Magnani propõe é “o seguinte esquema destinado a dirigir e organizar, desde o início, a observação: cenário / atores / script ou regras” (p.17).

Etnografar o cenário não é se ater “a um conjunto de elementos físicos, nem deve sugerir a ideia de um ‘palco’ que os atores encontram já montado para o desempenho de seus papéis” (MAGNANI, 1996, p.17). Ele deve ser entendido como produto de práticas social anteriores e em constante diálogo com as atuais - favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas. O ponto é que fazer etnografia não é trabalhar a *posteriori* numa mera descrição ou recolha de dados. A forma como o pesquisador ordena,

observa, o que se observa, já nas primeiras observações obedece a algum princípio de classificação, para se evitar um olhar meramente baseado em senso comum:

> Delimitar o cenário significa identificar marcos, reconhecer divisas, anotar pontos de intersecção - a partir não apenas da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas, mas desses elementos em relação com a prática cotidiana daqueles que de uma forma ou outra usam o espaço: os atores. (MAGNANI, 1996, p.17).

Seguindo essa linha de ação apresento a descrição do cenário de acordo com a delimitação com subdivisões por espaços, e a cada espaço e na sequência ressalto as diferenças observadas nas noites das sextas-feiras.

No primeiro espaço, situado a partir da Prefeitura Municipal de Montes Claros até o SENAC, no início da Avenida que a limita com a Avenida Cula Mangabeira sentido Centro, na praça central está o busto do Dep. Esteves Rodrigues. Observo não ser possível sua identificação, pois a placa com informações sobre o busto foi arrancada, não mais sendo substituída. É um local de pouca iluminação pública, o que talvez seja o motivo da pequena circulação de pessoas a pé nesse espaço, pois a má iluminação acarreta em riscos. É um lugar como o descrito por Magnani:

> Lugares que já não pertencem ao *pedaço* ou *mancha* de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e, como tal, apresentam a "maldição dos vazios fronteiriços". Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras *liminares* e para a realização de rituais mágicos - muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados... (1996, p.21)

E pelas razões descritas desse espaço trata-se do local - “pedaço” - preferido dos que se consideram os “verdadeiros” *headbangers,* ou seja, “Capas Pretas”. É aqui que eles encontram o sossego necessário para falar e curtir o que consideram como o “verdadeiro” ser/papo/viver do/de/o *rock*. Discutirei essa classificação mais adiante. John traduz assim sua aversão aos não *headbangers* e o porquê da iluminação precária:

> *Os “Fantasia” nem tentam vir aqui, acho que eles têm medo de nós, e deve ter mesmo, a gente não tem paciência com essa galera não, é melhor ficar aqui só os “Na Veia” mesmo, sempre achei e acho que o medo impõe respeito. Deixa aqueles babacas lá longe com suas babaquices. Eles têm medo do escuro também, kkkk, são uns bichinhas mesmo. É por isso que quando a prefeitura vem aqui e troca as lâmpadas quebradas a gente torna a quebrar, se é assim que podemos ficar em paz, assim será.* (John, entrevista em Agosto/2014).

Existe ali um semáforo que controla o fluxo de veículos na intercessão entre as duas Avenidas. Logo no inicio, também no lado direito da Avenida sentido Centro, no local havia o

estabelecimento comercial "*Point* do Açaí", o pátio alternativo da Prefeitura e a casa da cultura, que movimentavam bastante o espaço nas noites e nos finais de semana. Hoje, toda a área construída foi demolida ficando apenas o terreno baldio no local que anteriormente abrigava esses equipamentos. O "*Point* do Açaí" mudou-se para o quinto espaço, mais à frente na "mancha" observada. O terreno baldio está agora sob os cuidados de uma empresa imobiliária que em breve construirá, segundo especulações, um edifício no local, pois a área no entorno possui alto valor no mercado por estar próxima ao centro comercial da cidade e de serviços de Órgãos Públicos, tais como Prefeitura Municipal, Câmara Municipal, Escola Municipal, Sede do IPSEMG, Fórum, Defensoria Publica, etc., além do alto número de serviços privados e comercio no entorno.

Durante as caminhadas observei uma mudança significativa no cenário. Nesse trecho percebi que a iluminação pública foi restaurada e que foram instaladas luminárias nos postes no centro do canteiro da rotatória. Houve ainda a poda de algumas árvores, porém os galhos não foram recolhidos, ficando espalhados pela calçada atrapalhando a circulação de pedestres.

Percebi também nessas idas a campo grupos de jovens fazendo uso de entorpecentes, atitude recorrente no espaço, que por comportar um pequeno fluxo de pessoas oferece aos usuários certa discrição inclusive para práticas ilícitas.

Foto 10 - Área de edificações demolidas para especulação imobiliária

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves (2014).

No lado esquerdo da Avenida há um aglomerado de prédios residenciais. Vale ressaltar que esse é o espaço mais arborizado da cidade (o que não é uma característica local,

pois a cidade de Montes Claros é pouco arborizada) com grande quantidade de Palmeiras Imperial e Sibipurunas tanto na praça central como nas calçadas laterais da Avenida.

Foto 11 - Prédios residenciais à esquerda da Av. Sanitária

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Durante a caminhada de observação do trecho pude observar também que as gramíneas da praça estão secas e ralas e precisam de poda e de água. Nesse trecho encontra-se uma quantidade significativa de lixeiras. Na praça central em todo o percurso existem mesas e bancos de alvenaria, o que possibilita momentos de pausa para interação entre as pessoas que frequentam o local. Via de regra, são casais namorando, jovens consumindo álcool e outras drogas, alunos do SENAC fazendo lanche nos intervalos de aula, e outros usos. Foi percebida também a existência de um ponto utilizado frequentemente para o uso ilegal da energia por acesso de fiação mais vulnerável, conhecido popularmente como "gato". Esse é o espaço de predileção dos jovens para uso de ligação de equipamentos de som e outros eletro-eletrônicos, ou mesmo para recarregar seus celulares e/ou outros equipamentos com bateria recarregável.

> *Aqui é bom porque é 0800, usamos a energia para curtir nosso som e recarregar o celular, e ainda, o que mais gosto é que dá para captar o sinal do wireless do SENAC, tem uns caras legal que estudam lá e dá pra gente a senha (sic) é só na manha. Quem disse que precisa ser rico para ter acesso às coisas boas, o mundo é dos espertos Sherlocka se liga em nós que você vai aprender o que é se virar, esse seu doutorado e escola nenhuma ensinam o que é viver e se dar bem, kkkkk... Desculpa brincadeirinha viu.* (Michel, entrevista em junho/2014).

Mais à frente, quase ao fim do espaço, há do lado esquerdo da Avenida um posto de combustíveis chamado "Três Poderes" - este não é um lugar atrativo para os jovens "Capa Preta". Durante a minha permanência no campo não consegui observar o porquê da rejeição a

esse espaço. Ao perguntar somente obtive respostas vagas do tipo “porque não” ou mesmo “sei lá”, sempre de forma jocosa e sem nenhuma revelação significativa. Assim, acredito que se trata apenas de uma contingência que não revela nenhum fato substancial: eles apenas não ficam ali.

Foto 12 - Posto de combustíveis “Três Poderes” e rotatória de acesso da Av. Sanitária à Rua Engenheiro João Antonio Pimenta

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

No segundo trecho localizado em frente ao SENAC encontra-se um cenário um pouco mais movimentado. Há boa iluminação no local, mas os bancos do canteiro central estão quebrados. Mesmo estando em más condições de conservação, esses bancos são utilizados pelas pessoas para lanchar e/ou conversar.

Foto 13 - Ambulantes e alunos lanchando na calçada do SENAC

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

O maior movimento se dá também devido ao fluxo de alunos que utilizam a área no intervalo para entretenimento, e à existência de ambulantes que comercializam lanches e produtos alimentícios variados tais como espetinhos de carne, cachorros-quentes, refrigerantes, sendo o público alvo desses ambulantes os alunos do SENAC.

Foto 14 - Grupo de pessoas no canteiro central da Av. Sanitária em momentos de lanche e bate papo, durante o intervalo das aulas do SENAC

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Os restaurantes e bares apresentam um fluxo pequeno de pessoas nas terças-feiras, se compararmos ao movimento intenso nos finais de semana e nas noites das sextas-feiras. Na observação realizada nas noites das sextas-feiras e nos fins de semana percebeu-se um movimento ainda maior no trecho. Pude observar alunos do SENAC utilizando a área para fazerem seu lanche, a presença também de um morador de rua que se estabelece na praça central. Ele utiliza o local para cozinhar em fogão improvisado, para fazer higiene pessoal (escovação de dentes, banhos) utilizando um equipamento hidráulico público que libera água para molhar a grama.

A partir das 19h 45min percebo uma maior movimentação no espaço, com a chegada das pessoas para utilização do restaurante existente nesse trecho, o “Lanche Mania”, que recebe os mais variados tipos de usuários que vão para beber, comer e socializar. Percebi também, nas imediações desse estabelecimento, um grupo fazendo uso de drogas ilícitas.

Foto 15 - Aluno Edmar da Disciplina Etnografia Urbana em entrevista com Morador de rua do trecho em momento cozinhando em fogão improvisado

Fonte: Registro de Imagem por Verônica Almeida, 2014.

No trecho da esquina da loja de conveniências "*Alltime"* que fica no cruzamento da Av. Deputado Esteves Rodrigues com a Av. Mestra Fininha, observei a grande movimentação de carros, por ser um entroncamento urbano significativo que permite o acesso rápido da área central às regiões norte e sul da cidade. No entanto, o fluxo de carros, assim como o de pessoas a pé e de usuários dos estabelecimentos da "mancha", variava conforme dia e horários durante a observação. A diferença maior é que nos dias de início da semana o fluxo é intenso durante o dia com pico nos horários entre as 17hs e 19hs e 30min, com uma redução significativa após essa hora. Já nas observações nas sextas-feiras e nos finais de semana essa relação se inverte.

A frequência especifica no estabelecimento da loja de conveniência *"All Time"* é de passantes pela "mancha" e daqueles que não pretendem entrar nos bares e restaurantes do trecho. Entre esses estão os jovens do grupo "Capa Preta", que usam esse estabelecimento tanto por motivos econômicos na busca por bebidas e produtos mais baratos que os oferecidos pelos outros estabelecimentos, quanto por preferirem se reunir nos espaços da praça central da Avenida. Lembro que esses jovens não compõem o cenário nos dias da semana; eles começam a aparecer na cena e em cena nas noites das sextas-feiras e do final de semana, por volta das 22hs. É nessa hora que o cenário vai tomando novos tons, o *script* muda como numa espécie de "bricolage" (para retomara noção proposta por Lévi-Strauss, que supõe a forma pela qual os objetos e símbolos são retirados de um repertório já existente, reordenados e

recontextualizados para comunicar novos significados): é o estilo dos jovens do rock, que vai se impondo no cenário da Avenida Sanitária, estilo este que vincula objetos e símbolos a uma determinada identidade do grupo. O estilo constitui, assim, uma combinação hierarquizada de elementos culturais, na forma de artefatos e rituais, a qual, no caso do grupo "Capa Preta", tem na música o elemento central.

Foto 16 - Bar "Quintal Avenida"

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

No "trajeto" entre o quarto trecho definido, da loja de conveniência "*All Time*" até o posto "Ale", há um fluxo maior de pessoas nesses estabelecimentos e nos do entorno; é grande o número de frequentadores. Do outro lado da avenida o bar e restaurante "*Jac's Forneria*" possui também um grande número de frequentadores, público em sua maioria jovem. O estabelecimento é utilizado não só para se alimentar: é um dos *points* de socialização mais significativos da cidade, sendo frequentado majoritariamente por grupos denominados de "mauricinhos" e/ou playboys pelos membros do grupo "Capa Preta" (classificações estas e outras que discutiremos adiante como critérios de acusação internos e externos ao grupo). Há também uma agência bancária "Banco do Brasil" que representa um facilitador para a realização dos serviços bancários, sendo alternativa às agências do centro comercial da cidade. Sua localização estratégica facilita o consumo, uma vez que a agência está próxima a bares, casas noturnas, restaurantes, oferecendo comodidade ao cliente que necessite ir ao caixa eletrônico durante o uso dos equipamentos de lazer.

Foto 17 - Bar e Restaurante “Jac's Forneria”

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Foto 18 - Agência Bancária “Banco do Brasil”

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Na dinâmica da “mancha” nesse pequeno trecho de 550 metros, em todas as suas subdivisões meu olhar vislumbrou as várias histórias que se coadunam, se juntam, se

entrelaçam, se separam, se criam e recriam diariamente, fazendo-me lembrar do quão dinâmico, complexo e principalmente belo é o espaço urbano. Durante as observações percebi vidas em dinâmicas e pelejas de todas as maneiras. Durante os finais de semana nos horários nos quais estive na Av. Sanitária, como já disse, percebi um maior fluxo de pessoas, carros, movimentos, etc.

Observo toda essa dinâmica: no semáforo malabaristas se arriscam diante de um trânsito feroz, que entre uma pausa e outra dos carros, no sinal vermelho, fazem sua arte tentando ao final receber como incentivo algum dinheiro; moradores de rua que buscam interagir com todos que transitam em sua casa/rua, e que buscam interagir comigo e meus auxiliares de pesquisa (pessoal do registro fotográfico) e/ou alunos, chegando até mesmo a pedir que tirássemos fotos, como é o caso da "cozinha" de um deles improvisada no passeio (ao que prontamente atendemos fazendo o registro); pessoas que usam os serviços do caixa eletrônico do "Banco do Brasil" (a entrada é ponto de um morador de rua que gentilmente fica sentado em seu posto e abre a porta aos clientes que entram e saem na esperança de algo receber em troca); percebi também a dinâmica dos flanelinhas e guardadores de carros, alguns moradores de rua do trecho e outros que ali se encontram somente para esse labor, e que "guardam" os carros nos espaços de estacionamento às margens do canteiro central.

Foto 19 - Morador de rua com ponto à frente da agência bancária "Banco do Brasil"

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Especificamente no quinto trecho, do bar "Quintal Avenida" até o posto de combustíveis "Ale", percebo uma maior promiscuidade e a diminuição da presença dos

serviços públicos pela menor quantidade de lixeiras, com uma maior quantidade de lixo jogado ao chão. É o trecho de predileção dos moradores de rua que fazem uso do local para descanso e até mesmo instalam fogão e outros equipamentos e utensílios domésticos improvisados. Do lado direito da Avenida, o bar “Quintal Avenida”, bastante frequentado por grupos locais, é um espaço de sociabilidade significativo e de predileção dos jovens “Capas Pretas”. Esse bar ocupa um lugar central na sociabilidade desses jovens, sendo o local preferido para os papos, para olhar a mulherada/rapaziada e para as “pegações”, para se informar sobre shows, festas e eventos, ou para "conversa fiada" mesmo. Segundo eles, as conversas predominantes giram preferencialmente em torno de música e equipamentos de som da hora, e também sobre meninas/meninos, e o que esses jovens consideram ser ponto estratégico e bacana é que quando eles têm “grana” ficam no interior do bar; caso contrario é só ficar ali na calçada ou nos bancos da praça o que faz o mesmo efeito por poderem curtir a musica dali mesmo. Estes, como os outros demais usuários desse estabelecimento têm como grande chamariz, que os atraem para o uso deste bar, bandas com shows ao vivo de musicas e/ou reproduções mecânicas de DVDs oferecidos pelo bar, principalmente do *rock*, que os atraem bastante. Do outro lado há o “Point do Açaí”, outro estabelecimento que comercializa o açaí, fruta típica do Norte do país com adicionais de outras frutas e guloseimas, e que também atrai grande número de frequentadores - esse estabelecimento se situava no primeiro trecho em espaço que foi demolido, que descrevi anteriormente, mas hoje ocupa as dependências do que antes no quinto trecho era a pizzaria chamada “Engenheiros da Pizza”, que por razões desconhecidas fechou as portas, restando duas outras filiais da pizzaria em outros pontos da cidade.

Foto 20 - Lixo jogado na calçada

Fonte: Registro de Imagem por Verônica Almeida, 2014.

Foto 21 - Fogão improvisado por morador de rua do trecho

Fonte: Registro de Imagem por Verônica Almeida, 2014.

Nas observações de início de semana o movimento nesses estabelecimentos também é reduzido; já nas observações realizadas aos finais de semana a diferença notável foi a maior circulação de pessoas e veículos em todos os estabelecimentos situados nesse trecho, sendo o bar "Quintal Avenida" o "campeão" de movimento. De acordo com os jovens do grupo "Capa Preta", esse bar oferece sempre uma boa música, com *shows* de música ao vivo para seus clientes. Janis faz uma descrição dessa preferência e os seus motivos para frequentar o local:

> *Esse bar é irado, aqui o dono sabe o que é som de qualidade. Todos os dias que venho aqui posso curtir o son que gosto, sem restrição, nunca vi aqui um son que fosse ruim, esses caras sabem mesmo o que é bom de verdade, seja o son eletrônico ou mesmo as bandas que eles contratam. Outra coisa que é legal é que se temos dinheiro para consumir ficamos lá dentro, no dia que falta grana ficamos aqui mesmo, e não tem zuação não, os donos não criam caso, isso é muito legal da parte deles, por isso somos fieis, quando temos grana eu e Jimi só gastamos aqui, o cara merece.* (Janis, entrevista em setembro/15).

O sexto trecho, em torno do posto de combustíveis "Ale", é bastante arborizado, tem muitos coqueiros, que sinalizam a necessidade de poda devido ao tamanho de seus galhos. A iluminação é considerável no local; entretanto, o acesso de pedestres é dificultado pela quantidade de buracos na calçada da praça central da Avenida. Existem alguns bancos e mesas em alvenaria na praça que são utilizados para descanso e/ou interação, por casais de namorados que trocam carícias, sentados ali; há no lado esquerdo desse trecho uma agência da Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos cujo movimento acontece apenas até as 18hs; nesse trecho também há uma lanchonete chamada "*Hamburguetto*" que tem seu fluxo de movimento continuo durante toda semana com leve aumento aos finais de semana. O mesmo

acontece com o fluxo de veículos no posto de combustíveis “Ale”, mas o fluxo de pessoas jovens aumenta consideravelmente neste posto nos finais de semana.

Foto 22 - Árvores da praça central da Avenida Sanitária próximo ao posto “Ale”

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

Foto 23 - Calçada deteriorada

Fonte: Registro de Imagem por Ana Paula Gusmão, 2014.

Foto 24 - Morador de rua dormindo em banco da praça central da Avenida Sanitária

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

Foto 25 - Casal de namorados em banco da praça central da Avenida Sanitária

Fonte: Registro de Imagem por Hernane Alves, 2014.

A configuração da “mancha” apresenta divisão entre os grupos de frequentadores, não sendo uma prática incomum a movimentação de clientes de um estabelecimento para outro. Os equipamentos existentes no trecho delimitado da Avenida Sanitária representam mais que um local para atendimento de demandas comerciais; trata-se fundamentalmente de um local para estabelecimento e manutenção da teia de sociabilidade dos indivíduos que os frequentam. Nesses espaços, as pessoas que vão até os equipamentos existentes procuram também outras pessoas, o contato, a troca, buscam partilhar, se igualar, se diferenciar.

Observei também que a ausência ou a presença de serviços públicos interferem no cenário e no *script* de forma significativa: os cuidados com a manutenção e conservação de calçadas, bancos, mesas, postes de iluminação pública, interferem no tipo de uso de cada local e nas características dos seus usuários, podendo uma mesma intervenção pública ser atraente ou não (caso da reposição das lâmpadas rejeitada pelos jovens do grupo, que preferem locais com pouca iluminação).

São várias as formas alternativas de comercio e serviços particulares para suprir a demanda existente por alimentos com um baixo custo e de rápido preparo, por ambulantes, com vistas a atender aqueles que necessitam de preços acessíveis e de rápido consumo.

Durante essa etapa da pesquisa, com a inserção no campo confesso que tanto eu como meus auxiliares tivemos algumas inquietações por medo em relação ao trecho mais escuro, e ainda, pelo assedio por parte de moradores de rua que residem no trecho. Sentimo-nos por vários momentos mais observados que observadores. As caminhadas pelo trecho me marcaram profundamente.

Outra questão impactante é em relação à percepção do quão excludente é a “mancha”: enquanto muitos vão ali para se divertir comer, beber, ouvir musica e encontrar pessoas, os moradores de rua permanecem numa total invisibilidade na dinâmica da “mancha”. O que fica evidente é a latência da exclusão social e a violação dos direitos legítimos previstos na constituição a que todo indivíduo tem direito: educação, saúde, boa alimentação, emprego, moradia, lazer, segurança e previdência social.

Na representação dessa “mancha” de lazer urbano, podemos perceber a dicotomia entre os bem alimentados e os famintos. Enquanto no mesmo espaço vemos pessoas bem vestidas, ou organizadas em grupos de estilos distintos, em bares, comendo, bebendo, ouvindo música e conversando felizes e confortáveis em seus assentos, ao lado enxergamos moradores de rua utilizando o espaço como moradia, utilizando um fogão improvisado para o preparo de alimentos, sentados ao chão, sujos, esmolando à beira dos estabelecimentos. Esse é um retrato cruel e dualista de um ambiente de lazer que, como o próprio nome diz, nos remete a coisas

boas, à alegria, ao entretenimento, mas expõem também algumas das muitas mazelas da sociedade brasileira, como a exclusão, o uso de drogas ilícitas e a desigualdade social. Embora não seja a exclusão nosso foco de discussão, acredito ser valido enfatizar que o cenário observado no trecho de 550 metros da Avenida Sanitária é a representação da realidade mais ampla, são como duas realidades que se excluem reciprocamente, embora compartilhem um mesmo espaço. Para não me perder nessa realidade múltipla apresentada pelo campo da pesquisa adotei as orientações de Magnani (1996) quando ressalta que etnografar na cidade é se deparar com essa imensa multiplicidade de padrões culturais, modos e condições de vida. Cabe ao pesquisador estabelecer os recortes empíricos: "Uma maneira, contudo, de evitar a fragmentação das pesquisas é articulá-las em torno de algum eixo temático que, mesmo sem determinar os mesmos recortes empíricos, permita algum nível de diálogo entre os resultados.". (p.26).

Assim, observar o espaço, esse trecho delimitado da "mancha" da Avenida Sanitária, antes comum e familiar em minha rotina do ir e vir na cidade, realmente exigiu um ato de estranhamento, realizado com calma, apreendendo as relações simbólicas do ambiente com o os atores, os significados presentes: o ato de se sentar a uma mesa de restaurante e se alimentar, a prática de se deslocar a locais de entretenimento, de encontrar pessoas, de se usar os equipamentos da praça central, representam mais que uma mera observação. É uma oportunidade de reflexão sobre práticas cotidianas, que com certeza embasou meu entendimento ou mesmo minha versão sobre os jovens do grupo "Capa Preta", que podem refletir também uma característica mais ampla da própria cultura juvenil, que tende como as demais culturas a transformar os espaços físicos em espaços sociais, pela produção de estruturas particulares de significado. Na seqüência desta tese, a ideia é ver, entender e expressar o sentido que estes jovens no seu grupo de estilo atribuem a esta Avenida, às praças, que a principio, a meu ver, aparecem como palco para a expressão da cultura que os jovens do grupo "Capa Preta" elaboram, numa reinvenção do espaço urbano. A sociabilidade desses jovens se dá num processo que tem uma dimensão espacial demarcada, na região central da cidade, na Avenida Sanitária e suas praças, e todos os demais equipamentos que representem ofertas de lazer e entretenimentos existentes se tornam o cenário em que se desenrolam os momentos em que eles podem experimentar relações, vivenciar o risco e transgressões, descobrir gostos afins, no caso da ligação com a música *rock* e roqueiros, buscando seus "chegados" e outras referências com as quais podem se identificar, criar uma identidade comum, havendo mais interesses envolvidos do que simplesmente passar o tempo juntos. O estar na Avenida Sanitária é estar no local em que podem se ver e serem vistos, no sentido de

que, ao ampliarem contatos sociais por via da circulação pública, a roupa e a imagem corporal assumem uma importância impar como forma de exibir sinais visíveis de pertencimento ao grupo. Nesse lugar, as emoções do risco do julgamento e da estereotipação estão presentes; assim, a turma de "chegados" cumpre em cada "pedaço" papel fundamental, sendo eles os pares que compartilham os gostos e com os quais se pode enfrentar velhos preconceitos, criar novos, fazer programas, discutir, ser compreendido e se espelhar, dando sentido e preenchendo a vida.

Enfim, a centralidade do meu estudo está no entendimento do estilo de vida e das formas de sociabilidade dos jovens do grupo urbano "Capa Preta", que compõem, juntamente com todos os outros sujeitos nos seus mais variados estilos e *scripts*, esse cenário da "mancha" da Avenida Sanitária. Após essa descrição do cenário e inserida nesse contexto, volto-me agora para o entendimento, nas marcas dos discursos desses jovens, em suas formas de categorização e em seus critérios específicos de diferenciações, o sentido que atribuem à vivência do estilo "Capa Preta" de ser e viver.

Vamos a eles.

8 OS "*NA VEIA*", OS "*NA VEISSIMA"* E OS "*FANTASIA*": Os "Capa Preta" verdadeiros, os ainda mais verdadeiros e os infiltrados.

Como já mencionei anteriormente, existem critérios de diferenciações e acusações entre os frequentadores da Avenida considerados "Capa Preta". Durante minhas aproximações desse grupo, pude identificar que eles se dividem em "galeras" que se distinguem por afinidades de gostos referentes ao tipo de *rock* que curtem e também com relação às considerações de legitimidade quanto ao que consideram ser ou não um roqueiro "de verdade". Nesse sentido, identifiquei as categorias nativas "*Na Veia*",os "*Na Veissima"* e os "*Fantasia*", que determinam essas definições de pertença, sendo implícita nessa ultima todos os critérios de acusações, os estereótipos e exclusões que determinam nos moldes de Elias &Scotson (2002) quem são os "estabelecidos" e os "*outsiders*".

O que define o *status* de "verdadeiro roqueiro" para o grupo "Capa Preta" é principalmente o grau de conhecimento sobre *rock* demonstrado pelos seus membros, a participação regular de cada um em eventos do gênero ou no *metiê* do *rock* (trabalhar com e/ou em locais que favorecem essa pratica: lojas de vestuário e acessórios alusivos ao *rock*, tatuagens, *piercings,* etc.);o tempo em que frequenta o *point;* a assiduidade nessa frequencia; a utilização de roupas pretas, adereços, tatuagens, *piercings*, corte de cabelo comprido para os homens e uso de mechas ou mesmo em todo o cabelo das cores: roxa, azul, vermelha, etc.; e outras formas de identificação com o *rock.* A forma como se movimentam e a postura corporal também contam muito; e ainda, o fato de ser musico e pertencer a bandas de *rock.* Todos esses detalhes é que determinam a classificação no grupo: ser "*Na Veia"* significa carregar a maioria desses traços; ser *"Na Veissima"* é agregar um numero maior dessas exigências com prioridade para um grau profundo de conhecimento sobre *rock* e todo o *metiê* desse gênero musical e ser fã do *black metal*. Agora, o que determina ser considerado um "*Fantasia"* e, portanto, ser hostilizado e segregado do grupo é não demonstrar nenhum dos primeiros critérios; apenas o fato de vestir roupas pretas e/ou portar acessórios alusivos ao *rock* não garante ser aceito no grupo. Pelo contrario, isso significa para o grupo uma forma abominável de "fingir ser" aquilo que não é.

Outra questão que observei tanto no comportamento quanto no discurso dos jovens do grupo "Capa Preta" é um grau elevado de homofobia. Eles não admitem o fato de frequentadores do trecho serem de orientação sexual *gay*, são muito hostis com aqueles garotos que julgam ser "bicha", "afeminado", "frutinha", "boiola", etc., bem como com as garotas que julgam ser "sapatão", "tomba homem", "pezão", "machonas" etc.

Janis se considera uma legitima "*Na Veia*", baseada em alguns critérios que são basicamente um consenso entre todos aqueles que se consideram verdadeiros roqueiros:

> *Observe bem Lets você mesma vai chegar à conclusão de porque eu e essa galera que fica aqui comigo e outras galeras gente boa que vem aqui para a Sanitária não são "Fantasia" babacas... Veja quantas vezes, só esse ano, participei de shows, fui até ao Rock 'n' Rio... Uau foi irado... Tenho minha própria banda, manjo muiiitooo de tudo de rock, posso dar uma aula para esses babacas de franjinha, se eles realmente se interessassem sobre bandas locais, nacionais e internacionais, tenho meus preferidos é claro... Mas me interesso por tudo que rola. É isso que determina quem sou.* (Janis, entrevista em outubro/2015).

Jimi já é bem mais radical em sua classificação e nível de intolerância quanto aos "*Fantasia*". Observei que essa conduta mais hostil, de evitação e as vezes até violenta no trato com os considerados "falsos roqueiros" é uma característica marcante dos "*Na Veia*" e dos "*Na Veissima"* principalmente os do sexo masculino. As garotas são mais tolerantes e vislumbram até uma aproximação possível se houver uma disposição por parte dos "*Fantasia*" em se redimir e buscar uma formação que os torne "de verdade":

> *As vezes tenho vontade de enfiar a porrada (já fiz isso antigamente, hoje não, fico só na vontade, mas eles também já sabem que não devem se aproximar de nós, é melhor mesmo que eles fiquem só lá na praça afastados, tem uns que até reagem... Desaforo) nesses viadinhos e sapatonas (sic) coloridinhos e de franjinha que ficam aqui queimando a gente, quem olha acha que somos todos iguais a eles, mas eles são puros "Fantasia". Fico muito irado quando vejo Janis dando moral para eles, já brigamos muito por isso, ela não entende que, como diz minha mãe, 'pau que nasce torto morre torto'.* (Jimi, entrevista em outubro de 2015).

Essa reação de Jimi demonstra o que Elias &Scotson (2000) identificaram na relação entre "Estabelecidos" e "*Outsiders*",que se desdobra entre exclusões e violência, o que seria a evitação nos moldes de John Comerford, que determina a identidade dos grupos e as formas de diferenciações entre uns e outros.

Na classificação dos jovens, existem também, entre os "verdadeiros" "Capa Preta", aqueles que são mais verdadeiros e os menos verdadeiros. Os primeiros conquistaram o direito de ocupar o espaço urbano que descrevi anteriormente nessa tese como o primeiro espaço, o mais escuro da "mancha" da Avenida Sanitária. Os "mais verdadeiros" são os "verdadeiros"*headbangers*,e o que os define é toda uma forma de autodefinição, de atuação e de uso de indumentárias e adereços que os legitimam como os mais "puros" dos roqueiros,

> *Nós não ficamos por aí rindo à toa, ficamos aqui na nossa, causamos medo sim, gostamos de ir ao cemitério sim, isso não é invenção dos outros não, acreditamos que satã impõe respeito e por isso curtimos os cultos a ele sim, e daí? Cada qual com seu cada qual, respeito é fundamental. Não toleramos a pieguice cristã, ninguém é bonzinho, isso é lenda, olha em volta Sherlocka, o mundo é bom? Nem fudendo que é. Acredito que somos melhores do que muitos que posam de bonzinhos por aí, carregam terços, bíblias e bla, bla, bla... Tudo fingimento, na hora do vamos ver é*

> *cada um por si e Deus por todos. Odeio tudo isso... Prefiro usar minhas caveiras e ser um cara do bem, se não mexem comigo eu fico na minha. Prefiro respeito mais que o "amorzinho"... Eca! Tem umas galeras aí na Sanitária que são do rock de verdade, mas que não são sangue negro como o nosso, e tem os babaquinhas dos "Fantasia" esses não dá pra engolir, ainda bem que nem tentam vir aqui para nossa área.* (Mister Uruca, entrevista em agosto de 2014).

Mister Uruca se considera e é considerado pela sua galera como um legítimo representante local do *black metal*[1], status que o coloca como uma espécie de guru respeitado na cena dos "Capa Preta", sendo reconhecido como o "mais verdadeiro" dos "verdadeiros" roqueiros por todas as "galeras" e "pedaços" desse grupo no "circuito" do rock na Avenida Sanitária. Nesse ambiente em que reconhecer e ser reconhecido como "*Na Veia*" é uma forma de garantir a adesão ao grupo, adquirir esse status de legitimidade absoluta garante a Mister Uruca e outros jovens frequentadores do trecho uma maior aceitação e o direito de tramitar livremente, de se inserir em todos os "pedaços". É motivo de orgulho para todas as "galeras" manter proximidade e contato com esses que são considerados "*Na Veissima*", superlativo utilizado pelos admiradores do Mister Uruca e seus pares.

Vale ressaltar que minha aproximação a essa "galera" só foi possível após muito tempo de idas e vindas ao campo, e uma indicação de entrevista com o Mister Uruca foi mediada por outro "*Na Veissima*", o jovem roqueiro Muralha[2]. Conheci Muralha na Universidade em uma participação num evento promovido pela coordenação e alunos do Curso de Artes/Música que teve como tema "o *rock* e suas varias tipologias", no qual participei das discussões e demonstrei interesse e certo conhecimento sobre o assunto em pauta. Acredito que foi um misto de sorte/benção ter conseguido cair nas graças de Muralha, que de cara se interessou pela minha pesquisa e foi o responsável pela criação do meu apelido de Sherlocka. Sorte/benção no sentido de que eu representava tudo de evitável por um "*Na Veissima*", que de cara me identificavam como "cristã beata", mas fugindo à regra me aceitaram. Embora utilizassem o apelidos jocosos, me respeitaram como pesquisadora.

---

[1] *Cf* - Sobre o estilo *black metal*, Moraes esclarece em sua dissertação: Nos primeiros anos da década de 1990, cerca de 20 igrejas foram incendiadas na Noruega pela ação ou influência direta dos membros da autodenominada "cena black metal norueguesa" ou *Black Circle*. Tais fatos foram responsáveis por um alarde internacional acerca do estilo, que aos poucos ganhou imensa notoriedade no cenário mais amplo do gênero *heavy metal*. Tais atos estavam atrelados às intenções desses jovens de eliminar a presença das religiões judaico-cristãs em seu país, mas também, em fundar novos parâmetros para a sonoridade e performance da música pesada. (MORAES, 2014).

[2] Apelido adquirido pela aparência corpulenta e por fazer alguns trabalhos como segurança em eventos.

Apesar dos "*Na Veissima"* ocuparem o topo da hierarquia entre as "galeras" do grupo "Capa Preta", foi para manter o controle da situação ao permitirem minha entrada no "pedaço" deles e me mantendo aproxima, foi uma estratégia para deixar bem claro que são eles que me "deixam ficar". Assim, manteriam o controle e o *status* adquirido junto às outras "galeras".

Afinal quem tem o poder de incluir e excluir? São aqueles com maior poder ,"os donos do pedaço". Conforme Elias &Scotson (2000),

> A opinião interna de qualquer grupo tem uma profunda influência em seus membros... Isso se deve, em parte, ao fato do diferencial de poder de um membro do grupo diminuir quando seu comportamento e seus sentimentos contrariam a opinião grupal, fazendo-a voltar-se contra ele... O rebaixamento da posição de um membro dentro da ordem hierárquica interna do grupo reduz sua capacidade de se manter firme na competição interna pelo poder e pelo status; nos casos mais graves, pode deixá-lo sujeito à pressão dos boatos depreciativos sussurrados à boca pequena ou até à franca estigmatização dentro do grupo.

Meu primeiro acesso legitimado pela permissão dos que mandam no "pedaço" do 1º trecho da Avenida, o lugar escuro dos "*Na Veissima",* foi feito por contato telefônico por Muralha:

> *Tudo de boa Sherlocka o Mister Uruca falou que vai dar a entrevista para você, que você pode aparecer lá na nossa área, ele já sabe quem é você, pois já te viu entrosada lá com as outras galeras... Ele não quer ficar queimado com o pessoal lá, e ainda, quando eu falei da sua pesquisa e disse que você manja, gosta de rock, e é uma pessoa maneira, ele ficou mais animado ainda. Pode ir tranqüila fazer sua investigação, kkkkk.* (Muralha, por telefone em julho de 2014).

Foi um ganho e tanto para minha pesquisa ter conseguido a confiança dos "*Na Veissima*", pois tanto consegui acesso e informações sobre e dessa galera, como minha cotação como pesquisadora foi ampliada com relação àqueles que admiram os "*Na Veissima*". Depois das minhas primeiras incursões na área escura, a situação se inverteu;ser aceita pela alta hierarquia do grupo acabou me favorecendo um maior grau de poder também (meu "passe" valorizou):apesar de já ser aceita, era eu que batalhava pelas entrevistas, o papel de conquista era meu, mas, a partir de então foram os membros do grupo pertencentes a outros "pedaços" dos outros espaços da Avenida Sanitária que passaram a se oferecer para dar depoimentos para a pesquisa e até mesmo passei a ser convidada a frequentar outros espaços que até então eu desconhecia,como aqueles de encontros e eventos mais restritos a cada "galera".

Foi nesse período que passei a frequentar os ensaios da Banda J&J pertencente a Jimi e Janis. A Banda é bem conhecida no grupo "Capa Preta"; já fizeram apresentações no Bar

Quintal Avenida e em eventos locais. Jimi é o baterista e Janis toca guitarra e é a vocalista; têm ainda Tutu, que faz a percussão, e alguns outros jovens no violão e outros instrumentos (estes últimos não são fixos da banda e só participam por convite).

Os ensaios acontecem nas tardes de sábado na garagem da casa de Jimi, na periferia norte da cidade. Na minha primeira ida aos ensaios Jimi me recepcionou de forma jocosa, e foi repreendido por sua namorada:

> *Chega ai Lets, a casa é sua, ali na mesa tem uns tampões de ouvido, se quiser pode usar, porque' o pau vai quebrar a folha aqui dentro', o som é de mais de duzentos decibéis, sei que gente assim que nem você que já tá na umidade (uma idade avançada, kkkkk) fica surdo à toa a toa... Brincadeirinha, você vai adorar nosso som, sei que gosta.* (Jimi, janeiro de 2015).

> *Ei... para de babaquice Jimi, Lets é muito novona, se bobear você é mais gagá que ela.Liga não Lets, ele esquece as letras das músicas, erra os acordes, e ainda por cima é ele quem está ficando surdo, as vezes tenho que gritar para ele ouvir o que falo.* (Janis, em represália ao namorado, janeiro de 2015).

Certa vez, quando estava assistindo o ensaio da banda,me pediram que sugerisse algumas músicas para compor o repertório de um som que a Banda iria fazer no aniversário da mãe de Tutu no inicio do mês de maio; como ela é da minha faixa etária e também aprecia o *rock* romântico, eu deveria saber o que a agradaria. Enfim, aconteceu que não me lembrei do nome de nenhuma música na hora, o que foi motivo do que eles chamam de "zuação". Fui classificada como "*Fantasia*", achei muito engraçado, acabei virando alvo de fofocas e depreciações que só foram sanadas depois do próximo ensaio, no qual me encontrava um pouco menos impactada pela inesperada solicitação e sugeri algumas canções que gosto dos Beatles, Pink Floyd, Raul Seixas, Rita Lee, Lulu Santos e Luca, que foram bem recebidas pelos membros da Banda. Apesar das minhas sugestões não representarem o *heavy metal* foram bem aceitas por pertencerem ao gênero do *rock* e ainda, por realmente representarem o gosto musical que agradaria a mãe do Tutu. Uma das características fundamentais das "galeras" do grupo "Capa Preta" é que não existe uma rejeição por estilos e/ou bandas diferenciadas que cada "galera" e/ou seus membros curtem, eles simplesmente se reúnem conforme a afinidade entre esses gostos, desde que seja *rock.* Tem a "galera" do *heavy metal, black metal, pop rock, classic rock, power metal/*metal melódico, *prog metal, new metal,* etc.

Acabei subindo de posto, conforme Jimi:ou eu estudei muito e fiz uma boa cola, ou seria mesmo uma "*Na Veia das antigas*" mais ou menos atualizada. Apesar de toda zuação passei no teste e ainda recebi elogios:

> *Sabe o que eu mais gosto em você Lets? É que você não força barra, você é autentica, não fica dando uma de super entendida para aparecer não, sabe demonstrar de forma espontânea seus sentimentos e ainda é humilde, no fundo você sabe muito das coisas,*

> *mas é humilde para se posicionar, tem gente da sua idade e na sua posição, de professora universitária e docta ainda por cima, que de duas uma ou fica querendo dar uma de jovem quando fala com a gente ou fica esnobando... Pago pau para gente assim como você.* (Janis, abril de 2015).

Na marca do discurso de Janis, observa-se uma admiração e afeto que surgiu desde minha primeira aproximação a ela e ao seu namorado Jimi, mas também fica evidente o meu lugar bem definido e respeitado de adulta pesquisadora simpatizante e pouco entendida do rock no meio de autênticos jovens roqueiros. Isso se aplica também como observei a uma classificação elogiosa ou depreciativa que é usual entre as "galeras" do grupo "Capa Preta" entre si e em relação aos "ilegítimos" roqueiros, os "*Fantasia*". Via de regra, é uma galera que se torna alvo das fofocas ou mesmo um membro que não corresponde à expectativa ou foge das regras regularmente compartilhadas pelo grupo, e eu não fiquei imune a essa pratica. É o que Simmel (2008) define como critério de identificação e diferenciação, isto é, aquilo que identifica e ao mesmo tempo seleciona e marca diferenças. Simmelianamente falando, em se tratando de grupo de estilo a união com os pares promove uma unidade que exclui os de fora, na realização da oposição lógica que de forma indissolúvel cumpre a dupla função de ao mesmo tempo unir e distinguir.

A "galera" do grupo "Capa Preta" mais hostilizada pelas demais "galeras" também tem suas opiniões e formas de vivenciar suas preferências e frequentar o espaço, que embora gere muitos conflitos e provoque a segregação dos demais usuários do espaço da Avenida Sanitária, os mantém coesos e busca garantir sua sociabilidade na Praça Godofredo Guedes (a mais próxima do espaço *black* da Avenida) e o uso de alguns equipamentos, como por exemplo a loja de conveniências All Time:

> *Nós não pretendemos nos misturar às demais galeras da Avenida, só queremos curtir nossa galera em paz, não gostamos de confusão, se isso é ser bichinhas como eles nos chamam que seja assim, eles é que são uns brutamontes sem visão mais ampla de mundo... São bitolados, ficam bolados só porque nós sabemos curtir outros sons além do que eles consideram rock legitimo, gostamos das baladas mais românticas, e nem por isso não deixa de ser rock.Preferimos ficar aqui na praça mesmo é mais sossegado e podemos conversar e curtir musica boa e na boa. Uso cabelo penteado e gosto de me arrumar e acho que algumas cores dão vida ao preto, nem por isso sou gay, gosto das minas, e muito, enquanto eles tratam as minas com brutalidade... É só isso que eles sabem fazer, eu trato com respeito e carinho, se isso é ser gay, serei gay para sempre. Eles vivem inventando que somos gays, maconheiros e outras mentiras, o que gostamos mesmo é de curtir a nossa galera em paz.*(Ló, entrevista em agosto de 2014).

Adorno, em suas analises sobre sociologia da arte e da música, deixa evidente como a música é atrativa para os jovens e como ela favorece um espírito e formas de comunidade, e exerce um grande poder de agregação, constituindo um agente de socialização, à medida que

produz e veicula molduras de representação da realidade, de arquétipos culturais, de modelos de interação entre indivíduo e sociedade, e entre indivíduo e indivíduo. Cada "galera" do grupo "Capa Preta" carrega suas próprias molduras e representações. As marcas do discurso de Ló evidenciam aquilo que os une a sua galera e os separa das demais, e o quanto essas demarcações determinam uma identidade que exige uma postura e representação própria e distintiva de se ver e ser visto no espaço urbano.

Para fazer parte do "pedaço" do grupo "Capa Preta" e se inserir nas fronteiras porosas de cada "galera, é preciso compartilhar algumas exigências e praticas: dentre essas, o conhecimento e a vivencia do/no mundo do *rock* se impõem.

9.1- Outras formas de distinção e manutenção do grupo.

Quem está apto a fazer parte do "pedaço" "Capa Preta" e ser reconhecido como tal? Quais as exigências para isso? Se o espaço da Avenida Sanitária é publico, porque existem regras particulares para ocupá-lo? Qual a importância de ser reconhecido no grupo? Estas e outras questões foram aparecendo à medida que o campo me mostrava que nem todos podem chegar e ficar sem conflito. Fazer parte do "pedaço" *black* da Avenida Sanitária é muito mais complexo do que apenas se vestir de preto e exibir adereços metálicos. Existe uma hierarquia entre quem é, quem é mais ainda, e quem não é do "pedaço", e quem jamais poderá fazer parte dele.

> *Não basta estar aqui para fazer parte da nossa galera Lets... Se fosse assim todo mundo que vem aqui estaria de boa com a gente, não é bem assim, o cara, ou a carinha tem que manjar das coisas, tem que participar dos eventos, se interarem das coisas do rock, sabe? Veja bem como posso me relacionar com alguém que não tem assunto comigo? Tudo bem que não sou bitolada, falo e entendo de muitas coisas além do rock, mas o que venho fazer aqui tem tudo a ver com ele, venho encontrar a galera que também entende e tem o que compartilhar, entende?Acabei de chegar do Rock 'n' Rio, o que eu quero é contar para a galera como foi lá, e discutir sobre as babaquices que rolaram lá, e sobre o que foi bacana também.*
> *(...)*
> *Quem não vem aqui para isso, sai fora, o mundo é muito grande, vai procurar uma turma sua.* (Janis, entrevista em setembro de 2015).

Existe uma expectativa de uma possível troca, essa é a sociabilidade do "pedaço" "Capa Preta": portanto, para ir e ficar no pedaço necessário se faz que se tenha essa possibilidade de troca. Ir a um evento e avaliá-lo só é possível para quem é do *metiê*. Aninha não é frequentadora assídua do "pedaço", mas vai à Avenida de vez em quando, para conversar com o pessoal da "galera" de Janis. Eu a encontrei em vários momentos após

chegar do Rock ‘n’ Rio, quando esteve com a “galera” para trocar informações sobre o evento e analisá-lo com os que ela considera “entendidos do assunto”.

> *No Rock ‘n’ Rio, presenciei algumas coisas meio que vintage... Aquela coisa de formar roda*[1] *e as pessoas ficarem se agredindo, meio que anos 70... Coisa dos fãs do Black Metal das antigas. Pergunta lá a galera do Mister Uruca se eles ainda fazem isso, nem fazem, nem aprovam, é muito retrô. Tinha outras galeras lá que parecia que não saíram do festival do Woodstock, haja paciência. Agora o que foi pior, foi que inseriram como atração do festival o pessoal do Axé Music, nada a ver Lets.* (Aninha, entrevista em novembro de 2015).

Foto 26 - Aninha curtindo o Rock Rio

Fonte: Registro feito por participante do Rock Rio/2015 enviada por *WhatsZapp* por Aninha, 2015.

Conforme Magnani (2013), para fazer parte do “pedaço”e ser um “chegado” é preciso compartilhar símbolos, consumir produtos em comum.

O que conta, como vimos no discurso de Aninha, não é a assiduidade nem a regularidade de presença, mas sim a manutenção da coerência nos gostos compartilhados. É esse laço que une:

---

[1]*Cf*–... Abrindo rodas ou realizando *moshs*. Essas são práticas comuns em shows de *heavy metal* extremo, nos quais o público nos momentos mais rápidos das músicas começa a se esbarrar violentamente ou a andar rapidamente em círculos (a roda), gesticulando e golpeando o ar enquanto balançam a cabeça, muitas vezes subindo no palco e pulando sobre a platéia (o *mosh* ou *mosh pit*). (MORAES, 2014).

> *Aninha é uma pessoa irada, viu como ela é inteligente e saca tudo de tudo? Nós temos as mesmas opiniões, eu também achei isso das rodas... É pena que ela nos abandona de vez em quando, ela fala que estudar - faz direito - e trabalhar impede de vir aqui... Sei não, isso é kaô[1], eu e Jimi também estudamos e damos duro trabalhando e sempre arrumamos tempo para estar aqui com essa galera irada. Acho que ela de duas uma ou enjoou da gente ou ta é namorando um mauricinho da faculdade que gosta de sertanejo e tem vergonha de mostrar pra gente, kkkkk.* (Janis, em entrevista em novembro de 2015).

Esse clima jocoso que sugere outros gostos ou a adesão a pessoas de outros estilos é sempre presente quando um membro do grupo demora a aparecer no "pedaço", mas não gera nenhuma indisposição; muito pelo contrário, representa mais uma forma de manifestar o bem querer ao membro "desgarrado" e o quanto sua falta é percebida pelo grupo de "chegados". Isso diz muito da força dos gostos compartilhados atestados pelo conhecimento profundo do *rock* o que é compensado por esse e outros atributos valorizados pelo grupo e que revela como é criada sua identidade.

Outro evento que causou impacto entre os membros do grupo "Capa Preta" e no qual a participação garantiu uma afirmação de pertença ao grupo, foi um evento local, de iniciativa da Secretaria de Cultura do Município de Montes Claros: o "Festival de Violas e Violeiros", que aconteceu na Praça dos Jatobás (praça de eventos situada em bairro da zona sul da cidade). O evento teve a abertura com o *rock* da Banda J&J, o que atraiu um numero significativo de "galeras" do grupo "Capa Preta" para prestigiar os chegados da Avenida Sanitária. Alguns aproveitaram o evento para, além de curtir o show, comercializar artesanatos por eles produzidos (pulseiras em couro e metal prata, e outros adereços do gênero musical e em estilo ripe). Participar de evento com violas e violeiros é uma alternativa para os jovens do grupo "Capa Preta" adeptos das guitarras e baixos, que a contra gosto, em função da carência de eventos específicos do *rock* na cidade e região, acaba por aceitar a participação e se misturar em eventos de estilos tão detestados por eles. Por isso, na análise das concessões, arranjos e da dinâmica de ocupação dos espaços, essa "lógica" interna só pôde ser compreendida a partir da perspectiva dos atores sociais e seus parâmetros de sociabilidade ligados à pertença ao *rock*.Conforme Jimi "*por causa dos santos se beija as pedras... Né Lets?".* Esse dito popular usado por Jimi expressa uma característica peculiar dos roqueiros de Montes Claros que se rendem à forte característica sertaneja montesclarense e a ignoram para poderem participar de eventos locais para na oportunidade "deixar o recado do *rock*:"

[1] Gíria cujo significado pode ser relacionado a enganação, mentira, despiste.

> *Olha Lets, sei que é estranho a gente participar de evento que não tem nada a ver com o rock, mas é o que temos por hoje... O povo de Montes Claros e os nossos dirigentes do setor de cultura municipal não sabem o que é musica boa, o que rola aqui é só musica sertaneja e eventos do dessa sub-raça... Temos que votar melhor... A gente sempre discute na nossa "galera" que temos que ter representantes nosso no poder municipal, chega desse coronelismo dessa cidade atrasada. Só assim, vamos ver a revolução cultural e quem sabe finalmente eventos de rock voltem a fazer parte do calendário cultural da nossa cidade.Quando tínhamos a nossa Associação do Rock de Montes Claros e Região funcionando, tinha mais de quarenta bandas associadas daqui e da região, nosso espaço era garantido. Mas, hoje até os bares que oferecem o nosso som, fora o Quintal Avenida, já não existem mais, antigamente tinha uns cinco só aqui na Avenida, agora nós ficamos sem espaço para curtir musica boa, temos que nos virar Lets.*(Janis, entrevista em dezembro de2015).

Carvalho (2010), quando desenvolveu um estudo sobre a prática musical da extinta banda *Vomer* na *cena* do *rock* /metal montesclarense, também identificou essa ausência atual de eventos de *rock* na cidade. Ressalta que o *rock* não chega a ser extinto; relata que, em finais da década de 1990 e inicio de 2000, havia uma relevante inserção desse gênero musical nos grandes eventos e que havia muitos movimentos e espaços relativos ao *rock* na cidade, mas que a ausência de eventos não consegue extinguir a prática musical do *rock* em Montes Claros.

> O cessar de alguns eventos que contemplavam o *rock* em suas programações não faz com que ele seja extinto de Montes Claros. (...)
> Da mesma forma, a diminuição dos eventos em Montes Claros, ou pelo menos sua "guetização" não necessariamente extingue sua prática. Isso porque não é apenas nos eventos que a cena se configura. Mesmo que não mais se tocasse *rock* em Montes Claros, que não houvesse mais bandas, as pessoas que gostam do gênero não parariam de comprar CDs, baixar clipes e músicas na internet, sequer de assistir a *MTV* e de frequentar *shows* fora da cidade. Muito menos deixariam de se relacionar com base no que gostam. Sendo assim, a prática musical do *rock* em Montes Claros não se limita aos eventos e às bandas, mas se expande no horizonte da formação individual do público que compõe a cena. O que se ouve, o que se compra e se usa como representação também compõe o ideário musical das pessoas. Os eventos são uma consequência dos gostos, das afinidades e da necessidade de convivência e troca de experiências dessas pessoas. Sendo assim, o *rock* não se torna ausente em Montes Claros após sua fase de inserção nos grandes eventos da cidade, por volta do final dos anos 1990 e início dos anos 2000. (CARVALHO, 2010, pp. 85-86).

Conforme Carvalho (2010) o que acontece é que a prática do *rock* muda drasticamente de foco e de espaço. Com o tempo, as boates, bares e eventos existentes na cidade em finais da década de 1990 e inicio de 2000 findam suas atividades, e outras iniciativas começam a se configurar, o que acaba gerando a cena atual do *rock* em Montes Claros. Trata-se da sociabilidade de jovens que se reúnem em "galeras" nos vários "pedaços" da Avenida Sanitária, como grupo identitário, cujo foco central e exclusivo é o gosto pelo *rock.* Isso marca uma nova visão acerca do que seja *rock*, do que seja praticá-lo, bem como inicia certa reconquista de espaços e sua manutenção nos eventos da cidade.

Portanto, essa lógica do uso dos espaços urbanos e da participação em eventos culturais disponíveis na cidade a principio por mim mapeada através da categoria “circuito” de Magnani (2013), foi me indicando na minha noção de mapear a necessidade de levar em conta o discurso nativo, no sentido do entendimento, no tocante da pesquisa,que um mapeamento muito rigidamente marcado poderia se tornar uma camisa de força para a pesquisa.

Certas reconfigurações ocorrem quando certos arranjos coletivos específicos se tornam necessários. Isso não significa que os laços que unem os jovens do grupo “Capa Preta” percam o nexo, pois as relações estabelecidas através dos arranjos coletivos e do compartilhamento de referenciais desse grupo permitem que tanto os usos dos espaços urbanos quanto das oportunidades oferecidas pelos eventos na cidade se desloquem, extrapolando a horda dos circuitos elaborados no mapeamento da pesquisa, uma vez que, as negociações e arranjos do grupo podem levar seus membros a lugares inesperados e que a principio parece sem nexo para aqueles que, apenas de uma perspectiva panorâmica, queiram compreender a lógica de sua dispersão.Essa determinação em reforçar os laços por arranjos orientados pelo comprometimento com os valores do grupo é também apresentada por Morais (2014) ao apresentar as dificuldades enfrentadas pela cena *underground* do *black metal* paulistano,descrevendo em seus achados de pesquisa a forma como elas acabam engrandecendo aqueles que apesar das dificuldades “permanecem e se mantém fieis, aos valores identitários do grupo”:

> É comum que essa falta de estrutura seja apontada como um dos principais problemas enfrentados pelos músicos que seguem os parâmetros do *underground*.Em muitas declarações surgiram críticas à aparelhagem de som de alguns estabelecimentos e à estrutura disponível às hordas, que enfatizam as tremendas dificuldades de seguir no *black metal*.Essas intempéries não conotam justificativas para o abandono da cena, pelo contrário, elas são mobilizadas no sentido de engrandecer aqueles, que apesar das dificuldades, permanecem e se mantêm fiéis aos valores do *underground*. Essas atividades de organização, portanto, para serem reconhecidas como legítimas, precisam estar circunscritas a certas convenções e a um arranjo de relações orientadas pelo comprometimento e não pela perspectiva puramente comercial.Elas acabam nesse sentido, estendendo-se a um conjunto de atores sociais que inclui as distros (*sic*) responsáveis pela venda dos materiais das bandas nos eventos, de alguns parceiros como selos e lojas especializadas, que se ocupam da distribuição dos *flyers*, agregando também, cada membro integrado à cena, aos quais é feita uma cobrança velada de se responsabilizarem, cada um ao seu modo, a ajudar na divulgação e também a comparecer no dia e prestigiar o show. (MORAES, 2014, p. 110).

Os eventos que oportunizam o *rock* na cidade de Montes Claros, por não serem dessa natureza, são palco para atores múltiplos e não apenas para aqueles que têm esse gênero como seu norte musical. Isso não muda o fato de que o grupo “Capa Preta” seja adepto do *rock*; esses arranjos e associações a eventos de outros gêneros somente indicam que suas fronteiras não são tão rígidas quando a necessidade é de se manter em um contexto.

Foto 27 - Galera dos jovens “Capa Preta” em evento na Praça dos Jatobás

Fonte: Registro fotográfico pela pesquisadora Dezembro, 2015.

Foto 28 - Palco das apresentações do evento na Praça dos Jatobás

Fonte: Registro fotográfico pela pesquisadora Dezembro, 2015.

A participação nos eventos que envolvem o *rock*, seja em nível local ou mesmo em outras esferas, tanto nacionais como internacionais, garante aos integrantes do grupo uma maior aceitação em suas "galeras", no sentido de que, além de demonstrarem interesse e comprometimento pelo assunto e os valores do grupo, os habilita a terem o que trocar com seus pares. Essas trocas garantem a sociabilidade e a coesão do grupo, uma vez que reforçam e mantêm vivo todo o simbolismo da manutenção do jeito "Capa Preta" de ser e de permanecer no espaço urbano. Nesse sentido, esse grupo juvenil, por meio do seu sistema de trocas simbólicas, acaba por expressar uma linguagem que não apenas reflete, mas é meio de expressão das formas urbanas de ser e agir. Mas também é fruto de escolhas individuais e coletivas, da necessidade de consumo de símbolos e artefatos para manutenção das suas formas de sociabilidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia que balizou este trabalho etnográfico sobre a cultura de jovens integrantes do grupo urbano “Capa Preta” da Cidade de Montes Claros/MG e que serviu de ponto de partida para o seu desenvolvimento foi a hipótese de que o uso da roupa preta é uma das estratégias que esse grupo utiliza para evidenciar e delimitar sua identidade através do próprio corpo; esta estratégia, porém, foi considerada apenas como uma porta de entrada reveladora no entendimento da cultura deste grupo. Por isso, duas questões foram fundamentais por se considerar, já desde o inicio da pesquisa, comporem a interface de um mesmo objeto: a roupa preta na cultura urbana e esta mesma roupa preta na subcultura do grupo de jovens que dela fazem uso. Mas, para que essa hipótese inicial não engessasse o estudo, foi essencial uma fundamentação teórico-metodológica etnográfica, apresentada nos capítulos dois e três dessa tese, que me permitiu manter uma atitude permanente de estar no campo com um olhar, um ouvir atento e aguçado no sentido de perceber suas nuances, valorizando o discurso nativo, num caminho que foi sendo construindo ao caminhar.

Assim, a lógica do uso dos espaços urbanos e da participação em eventos culturais disponíveis na cidade por mim mapeadas na Avenida através da categoria “circuito” de Magnani (2013), foi me indicando a necessidade de levar em conta o discurso nativo, no sentido do entendimento, no tocante da pesquisa, de que um mapeamento muito rigidamente marcado de saída poderia se tornar uma “camisa de força”. Assim, foram muitas idas, vindas, reviravoltas, aproximações, distanciamentos, estranhamentos, familiarizações, construções e reconstruções necessárias na tarefa de compreender a riqueza de detalhes da cultura e identidade do grupo “Capa Preta”.

Busquei definir os conceitos básicos que fundamentaram e nortearam minhas analises, do que denominei e considerei serem os atores da pesquisa - “jovens”, entendendo que em sua definição essa categoria deve ser considerada como uma construção social e em sua diversidade. Nesse sentido, conforme Barbosa (2012, p. 15), “falar em jovem e juventude só pode ser mesmo no plural”.

Ao analisar o uso da roupa preta pelos jovens estudados considerei como Feltran (2010), que existem critérios de distinção que são internos aos grupos e que nem sempre, para quem é de fora, eles são visíveis; no caso do grupo “Capa Preta”, uma distinção externa é possibilitada por uma estética demarcada pela cor das roupas e acessórios pretos e com metal e, ainda, pelo espaço da Avenida que ocupam. Mas o discurso nativo dos jovens estudados revelou que a roupa e os acessórios que usam são mera consequencia do gosto pelo *rock*, no

qual está implícito um jeito de ser e de viver. Quando indagados a esse respeito, eles relacionam a roupa que usam à estética da banda que curtem e/ou dos seus ídolos. Trata-se de uma questão de identificação com o estilo destes. Em meus achados pude observar de fato que no jeito de vestir e se adornar existem ligeiras diferenças entre as "galeras" do grupo, às vezes são meras nuances, uma vez que estas são formadas por afinidades quanto ao tipo de *rock*, bandas, ídolos e roqueiros que curtem.

Um *olhar de fora* e desatento não seria capaz de percebê-las, haja vista que a principio quem chega à Avenida só percebe num geral o cenário negro em função da roupa preta que vestem. Foi essa característica inclusive que gerou a denominação de "Capa Preta" dada ao grupo pelos *de fora* e outras que representem mais formas de distinção social marcadas por discriminações e guetificação, geradas por fofocas, numa espécie de "política de reputações" (COMERFORD, 2001). Para Feltran (2010), estas são formas de distinção em que algumas essências valorativas acabam por demarcarem quem pertence e quem não pertence ao "pedaço". "Os sinais diacríticos usuais facilitam a tarefa, corporificando uma estética em que a cor da pele, os modos de se vestir e falar, os circuitos urbanos, etc. tornam visíveis os critérios a empregar cotidianamente como distinção social" (p.571).

Minhas aproximações em idas e vindas aos "pedaços" do grupo "Capa Preta" nos três anos em estive no campo, pude observar que as distinções internas desse grupo são bem mais complexas e vão além da forma como eles se vestem. A classificação, hierarquização, as diferenciações e acusações são criteriosas. O fato de o grupo ser subdividido em diversas "galeras" passa pelo critério de distinção por afinidades em relação a compartilharem gostos referentes ao tipo de *rock* que curtem e também com relação às considerações de legitimidade quanto ao que defendem ser ou não um roqueiro "de verdade". As categorias nativas "*Na Veia*", "*Na Veissima",* "*Fantasia*", determinam essas definições de veracidade e pertença, sendo implícita nessa ultima categoria todos os critérios de acusações, os estereótipos e exclusões que determinam nos moldes de Elias &Scotson (2002) quem são os "estabelecidos" e os "*outsiders*".

São varias as formas de identificação com o *rock* valorizadas pelo grupo "Capa Preta" e que definem os critérios do que é ser de "verdade", dentre elas destacam-se: A demonstração de conhecimento sobre *rock* e todo o *metiê* desse gênero musical demonstrado pelos membros; a participação regular de cada um em eventos do gênero ou o envolvimento profissional em estabelecimentos que favoreçam e/ou representem o *rock;* o tempo em que frequencia ao *point; a* assiduidade nessa frequencia; a utilização de roupas pretas, adereços, tatuagens, *piercings*, corte de cabelo comprido para os homens e uso de mechas ou mesmo em

todo o cabelo das cores roxa, azul, vermelha, etc. para as mulheres; um jeito roqueiro de se movimentar e a postura corporal também contam muito; e ser musico e fazer parte de bandas de *rock*. Estes são os muitos valores e praticas que determinam os critérios de classificação no grupo: ser "*Na Veia"* significa carregar a maioria desses traços; ser *"Na Veissima"* é agregar um numero maior dessas exigências com prioridade para um grau profundo de conhecimento sobre *rock* e todo o *metiê* desse gênero musical e ser fã do *black metal*. Ser um "*Fantasia"*, que apenas usa roupas pretas e/ou porta acessórios alusivos ao *rock* e não apresentando nenhuma das primeiras características valorizadas pelo grupo e fingir tê-las agrega a consequencia de ser hostilizado e segregado.

Outra questão que observei tanto no comportamento quanto no discurso dos jovens do grupo "Capa Preta" e que analisei no capitulo...dessa tese foram as ações e intenções homofóbicas demonstradas pelos seus membros. São intransigentes com os indivíduos cuja orientação sexual é *gay*, reservam a estes atitudes hostis e violentas, representadas também nas denominações que utilizam tais como: "bicha", "afeminado", "frutinha", "boióla", "sapatão", "tomba homem", "pezão", "machonas" etc. A evitação e a violência no trato com os considerados "falsos roqueiros" passa por uma diferenciação por "galeras" e gênero. Os "*Na Veia*" e os "*Na Veissima"*, do sexo masculino são mais homofóbicos. As garotas são mais tolerantes e vislumbram até uma aproximação possível se houver uma disposição por parte dos "*Fantasias*" em se redimir e buscar uma formação que os torne "de verdade". Essa evitação por exclusão e violência segundo John Comerford se processa nas determinações da identidade dos grupos e nas formas de diferenciações entre uns e outros..

Na classificação dos jovens, existem também, entre os "verdadeiros" "Capa Preta", aqueles que são mais verdadeiros e menos verdadeiros. Os primeiros conquistaram o direito de ocupar o primeiro espaço, o mais escuro da "mancha" da Avenida Sanitária. Os "mais verdadeiros" são os "verdadeiros" *headbangers*, e o que os define é toda uma forma de autodefinição, de atuação e de uso de indumentárias e adereços que os legitimam como os mais "puros" dos roqueiros.

Observei ainda haver uma classificação elogiosa ou depreciativa que é usual entre as "galeras" do grupo "Capa Preta" entre si e em relação aos "ilegítimos" roqueiros, os "*Fantasias*". Via de regra, é uma "galera" que se torna alvo das fofocas ou mesmo um membro que não corresponde à expectativa ou foge das regras regularmente compartilhadas pelo grupo. É o que Simmel (2008) define como critério de identificação e diferenciação, isto é, aquilo que identifica ao mesmo tempo seleciona e marca diferenças. Em se tratando de grupo de estilo a união com os pares promove uma unidade que exclui os de fora, na

realização da oposição lógica que de forma indissolúvel cumpre a dupla função de ao mesmo tempo unir e distinguir.

A “galera” do grupo “Capa Preta” mais hostilizada pelas demais “galeras” também tem suas opiniões e formas de vivenciar suas preferências e frequentar o espaço, que embora gere muitos conflitos e provoque a segregação dos demais usuários do espaço da Avenida Sanitária, os mantém coesos na busca de garantir sua sociabilidade na Praça Godofredo Guedes (a mais próxima do espaço *black* da Avenida) e o uso de alguns equipamentos, como por exemplo a loja de conveniências *All Time*.

Para adentrar o campo com consistência de entendimento da realidade desse grupo e os significados do espaço que ocupa na cidade e seu entorno, foi importante realizar um estudo da historia do município de Montes Claros e algumas análises sobre etnografia urbana, no sentido de balizar o mapeamento do campo e minhas analises, já que existem estudos sobre a cidade que privilegiam outras análises em áreas do saber como a política, geografia, historia e outras.

Observei que o contexto histórico e cultural da cidade de porte médio Montes Claros, ainda fortemente arraigado em raízes rurais, é marcado por uma vastidão e riqueza de fatos que permite entender as pressões sociais e políticas em torno da cidade e por consequência as pressões enfrentadas pelos jovens montesclarenses, e revelados pelos jovens do grupo “Capa Preta”pela ausência de eventos do gênero e apoio aos adeptos do *rock*. Montes Claros vai adquirindo assim várias faces, sejam elas voltadas para o sentimento rural ou urbano, sejam situadas na interseção desses dois vieses. Assim, a cidade tem mostrado diferenças relacionadas a escolhas, a agregações sociais que surgem de contextos específicos, ligados a condições culturais e sociais peculiares. Sentimento “rural” e “urbano”, neste caso, pode significar muitas coisas diferentes. Vale dizer que esses “sentimentos”, esses “discursos” são multifacetados por natureza, pois nem um espaço, nem o outro apresentam um único modo de vida, bem como se encontram em uma variedade enorme de locais. Entretanto, há a constante negociação do que é “ser” no espaço urbano, a que pertencer, como se manifestar.

Essa especificidade da cidade interfere diretamente nos arranjos e negociações do grupo “Capa Preta”, revelando em sua constituição identitária uma peculiaridade que distingue os roqueiros montesclarenses dos demais de outras localidades.

A Avenida Sanitária, *lócus* preferencial e de reunião do grupo “Capa Preta”, representa importante referencial viário, e de comercio e lazer da cidade. A Avenida foi feita ao longo do Rio Vieiras no período de 1983 a 1988, viabilizando o escoamento do transito rápido e seguro no interior da cidade; a cobertura por cima do rio com jardinagem foi feita no

período entre 1993 a 1996. A concretização do projeto da Avenida deu uma nova cara à cidade, tornando-se um espaço agradável que atraiu para o seu entorno um significativo numero de barzinhos e restaurantes, boates, além de alguns pontos comerciais representativos, tornando-se, portanto, um espaço de serviço e lazer fundamental para a população. A abertura da avenida basicamente coincide com uma nova historia do desenvolvimento da cidade de Montes Claros/MG; é neste período que ela começa a se expandir com novas alternativas urbanas de progresso. Esse período coincidiu com a expansão da cena do *rock* na cidade. Alguns destes bares e boates atendiam especificamente ao gênero do *rock*, mas foram extintos por volta do ano de 2006, ficando atualmente somente o bar Quintal Avenida que atende a essa demanda.

Para entender o histórico dessa Avenida e sua relação com a identidade dos jovens estudados, de um lado busquei referencias que identificam a Avenida na sua constituição e trajetória como espaço urbano, desde sua fundação até os dias atuais, e, por outro lado, examinei como esta trajetória específica deste espaço, a principio viário, se articula dentro das pressões políticas e sociais em seu interior e entorno. Busquei ainda, com prioridade, entender os matizes do uso deste espaço, tão valorizado pela população local e apropriado nas noites dos finais de semana e feriados pelo grupo "Capa Preta", e que serviu como elemento esclarecedor da sua cultura. Vale ressaltar que o levantamento histórico desta Avenida como espaço urbano foi relevante para a pesquisa desenvolvida, como moldura que abriga os jovens "Capa Preta" em seis trechos por eles utilizados em "galeras" diferenciadas.

Com o tempo, as boates, bares e eventos existentes na cidade em finais da década de 1990 e inicio de 2000 findam suas atividades, e outras iniciativas começam a se configurar, o que acaba gerando a cena atual do *rock* em Montes Claros. Conforme Carvalho (2010) o que acontece é que a prática do *rock* muda drasticamente de foco e de espaço. Trata-se da sociabilidade dos jovens do grupo "Capa Preta" que se reúnem em "galeras" nos vários "pedaços" da Avenida Sanitária, como grupo identitário, cujo foco central e exclusivo é o gosto pelo *rock*. Isso marca uma nova visão acerca do que seja *rock*, do que seja praticá-lo, bem como inicia certa reconquista de espaços e sua manutenção nos eventos da cidade, a exemplo da participação com abertura pela banda de *rock* J&J num evento destinado a viola e violeiros que analisamos no capítulo nove dessa tese.

Reconfigurações tornam-se necessárias e são feitas por certos arranjos coletivos específicos que não comprometem a autenticidade e lógica dos laços que unem os jovens do grupo "Capa Preta". Os circuitos mapeados no inicio da pesquisa também necessitaram serem refeitos acompanhando as reconfigurações feitas por negociações e arranjos para a ocupação dos

espaços urbanos e das participações dos membros grupo ou mesmo de “galeras” inteiras nos eventos da cidade que os levavam a locais inesperados. Para *um olhar de longe* e distanciado é impossível compreender a lógica de sua dispersão. Essa determinação em reforçar os laços por arranjos orientados pelo comprometimento com os valores do grupo “Capa Preta” são também observadas por Morais (2014) ao apresentar as dificuldades enfrentadas pela cena *underground* do *black metal* paulistano, descrevendo em seus achados de pesquisa a forma como elas acabam engrandecendo aqueles que, apesar das dificuldades, “permanecem e se mantém fieis, aos valores identitários do grupo”.

O grupo juvenil “Capa Preta” acaba por expressar uma linguagem que não apenas reflete, mas é meio de expressão das formas urbanas de ser e agir. Mas também é fruto de escolhas individuais e coletivas, da necessidade de consumo de símbolos e artefatos. Não se descarta, portanto, a possibilidade do grupo interagir com outras manifestações grupais. Conforme Morais (2014), nos dias atuais, graças à já citada possibilidade de mobilidade das populações ao redor do mundo, pode-se receber uma quantidade imensa de pessoas de várias origens diferentes, refazendo assim as relações étnicas, de classe, de gênero, bem como criando novas formas de socialização como os grupamentos produzidos pela urbanização – seja como representação de sua conformidade ou reação.

Nesse sentido, podemos dizer, nos termos de Magnani (2007), que são várias as realidades que coabitam a geografia da cidade de Montes Claros nesse tempo moderno. Uma Avenida, uma praça, um posto de gasolina, uma loja de conveniência vinte e quatro horas e assim por diante, “pode (...) ter significados diferentes para grupos culturais completamente diferentes. Além disso, os significados podem deslizar uns sobre os outros, trocando de significados conforme o contexto. A metrópole é mesmo uma selva...” (MAGNANI, 2007, p. 11). Os membros do grupo “Capa Preta” podem apresentar experiências determinantes de uma identidade moderna representativas de uma maneira de estar no mundo. É essa maneira o que procurei desvendar.

Nessa tese apresentei, através da análise de dados etnográficos, o grupo “Capa Preta” montesclarense como um arranjo complexo formado por jovens comprometidos com valores coletivos referentes ao estilo roqueiro de ser e de viver; procurei demonstrar como categorias nativas desse grupo são indicativas da produção de diferentes concepções sobre a vida em contexto urbano.

As análises apresentadas nesse trabalho abrem margem para uma ampla discussão sobre as concepções sobre os critérios de diferenciação, hierarquização, classificação, acusações, construção de identidade e sobre os sentidos dados às práticas no interior desse

grupo urbano. Podem expandir o debate sobre o tema da apropriação do espaço urbano por grupos juvenis, algo que pode ter seguimento por meio de novas pesquisas. Assim, ao partir dessa etnografia em uma cidade de porte médio, voltada para a compreensão da particularidade dos arranjos coletivos e modos de vida do grupo “Capa Preta” no contexto urbano montesclarense, esse trabalho pretende contribuir para o debate a respeito de uma etnografia nas cidades de porte médio, que parte de diferentes contextos etnográficos para um questionamento de grandes conceitos como o de cidade e do próprio urbano (MAGNANI, 2002, 2012). A partir das formas de sociabilidade e lógicas de organização em “galeras” no interior do grupo “Capa Preta”, das alianças feitas a eventos de outros estilos oferecidos pela cidade, observei diferentes concepções sobre as lógicas de fronteiras que muitas vezes imperam nas análises como unidades explicativas. Sendo assim, entre o verdadeiro sentimento do *rock* e o engajamento desses jovens nos valores relacionados a esse estilo, estão às possibilidades dos seus arranjos coletivos produzirem diferentes concepções sobre aquilo que aparentemente já estaria colonizado por determinadas categorias analíticas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. ‘ Os embalos de sábado a noite’. In: *Coletânea de textos de psicologia: a psicologia, o aluno e o ensino de 2º grau.* São Paulo: CE/CENP. 1992.

ALVES, Alda Judith. O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação. In: *Caderno de Pesquisa*. São Paulo: Cad. Pesq. Maio, pp. 53-61, 1991.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional.* Brasília: Liberlivros, 2005.

ARIÉS, Philippe. *Historia Social da Infância e da Família.* (trad.) Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. S. Paulo: Melhoramentos, 1953.

AZEVEDO, Fernando de. O sentido da educação colonial. In: *A Cultura Brasileira*. 6ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ; Brasília: UNB, I996.pp.495-544.

BARBOSA, Lívia. (Org.). *Juventudes e Gerações no Brasil Contemporâneo.* Porto Alegre: Sulina, 2012.

BOGDAN, Robert & BIKLEN, Sari. *Investigação Qualitativa em Educação:* uma introdução à teoria e aos métodos.Portugal: Editora Porto, 1994.

BORGES, Doriam. *Síntese do conteúdo no âmbito do quantitativo da disciplina Metodologia Qualitativa e Quantitativa nas Ciências Sociais.* Rio de Janeiro: PPCIS, 2013. (Material enviado aos alunos via e-mail: doriambr@gmail.com).

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação.* (org.) Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean-Claude. *La reproducción: elementes por une théorie du systémed’enseignemente.* Paris: Editions de Minuit, 1970.

CACCIA-BAVA, Augusto; PÀMPOLS, Carlos Feixa; CANGAS, Yanko Gonzáles. (Orgs.). *Jovens na América Latina.* S.P: Escrituras Editoras, 2004.

CARNEIRO, Elizabete Barbosa. *Da Bélgica a Montes Claros:* A Memória das Irmãs do Sagrado Coração de Maria e a Construção do Espaço Feminino na Cidade. Uberlândia: UFUB, 2003. (Dissertação de Mestrado-Programa de Pós-Graduação em Geografia).

CARVALHO, Tiago de Quadros Maia. *Lordofhell: a prática musical da banda vomer na cena do rock /metal em Montes Claros-MG.* 2010. 301 f. Dissertação (Mestrado em etnomusicologia) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CHARTIER, Roger. Introdução: por uma sociologia histórica das praticas culturais. In: *A Historia Cultural*: entre praticas e representações. S. Paulo: Betrand/Difel, 1990, pp.13-28.

COELHO, Maria Claudia Pereira. *Jovens Atores e Jovens Católicos:* Um estudo sobre metrópole e diversidade. In: VELHO, Gilberto. (Org.). *Individualismo e Juventude.* R.J: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, 1990.

COMERFORD, John. *"Como uma família"*: sociabilidade, reputações e territórios de parentesco na construção do sindicalismo rural na Zona da Mata de Minas Gerais. Rio de Janeiro, UFRJ, 2001. (Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRJ/Museu Nacional).

CAMPOY, Leonardo Carbonieri. *Esses camaleões vestidos de noite: Uma etnografia do underground heavy metal*. Sociedade em Estudos, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 37-55, 2006.

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação.* (trad. TEIXEIRA, Guilherme João de Freitas). Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, grupos de estilo e identidade.* In: EDUCAÇÃO EM REVISTA. Belo Horizonte, nº30, Dez. 1999, pp.25-37.

DAYRELL, J. *Múltiplos Olhares sobre Educação e Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1996.

DRUMOND, Marco Aurélio. *O Guarda-roupas da Colônia:* Vestuário e Sociedade em Minas Gerais no Século XVIII. In: REVISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 2000/2001. pp.125-150.

DULCE, Maria Irmã. *Resumo Histórico do* Colégio *Imaculada Conceição*. Montes Claros/MG: CIC, 1993.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders:* Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FELTRAN, Gabriel. "Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana", *Revista de Antropologia.* vol. 53, n. 2, 2010.

FIUZA, Silvia. *Identidade jovem em camadas médias urbanas.* In: VELHO, Gilberto. (Org.). *Individualismo e Juventude.* R.J: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, 1990.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir:* Historia da violência nas prisões. (trad.) Raquel Ramalhete. 22ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000. 262p.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma interpretação da cultura. In: *A interpretação das culturas.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GUERTZ, C. *A Interpretação das Culturas.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

GUERTZ, C. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In:*Obras e vidas:* o antropólogo como autor. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GUERTZ, C. Do ponto de vista dos nativos: A natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber Local.* Petrópolis/RJ: Vozes. 1997.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa *Versus* Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão?. In: *Psicologia:* Teoria e Pesquisa. Brasília/DF: Universidade de Brasília. Vol. 22, n. 2, pp. 201-210, Mai-Ago, 2006.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HARVEY, David. *Condição Pós-Moderna*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 18 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HEBDIGE, Dick. *Subculture:* the meaning of style. Londres: Routledge, 1996.

HOBSBAWN, Eric J; RANGER, Terence O. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HÜBSCHER, Bruno. *Entre a Tradição e a Tradução: apontamentos sobre o heavy metal em Florianópolis (1995-2005).* 2005. 114 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

JANOTTI JR, Jeder. *Heavy Metal e Mídias*: das comunidades de sentido aos grupamentos urbanos. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Unisinos, São Leopoldo, 2002 mimeo.

LEME, Mônica Neves. *Que Tchan é Esse?* Indústria e produção musical no Brasil dos anos 90. São Paulo: Annablume, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas (trad. Maria Lucia Machado). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOPES, Pedro Alvim Leite. Mundo heavy metal no Rio de Janeiro. In: *Rio de Janeiro:*Cultura, política e conflito. VELHO, Gilberto (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2004, pp. 156-190.

LUDKE, Menga e MARLI, André. *Pesquisa em Educação:* Abordagens Qualitativas. S. Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço:* cultura popular e lazer na cidade. S. Paulo: Ed. Brasiliense s.a, 1984.

MAGNANI, José Carlos Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 17, nº 49, jun. 2002.

MAGNANI, José Carlos Cantor. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: Magnani, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca. (orgs.). *Na Metrópole*: Textos de Antropologia Urbana, São Paulo: EDUSP, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaço:* cultura popular e lazer na cidade. S. Paulo: Hucitec. 1998a.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles". In: *Sociedade global:* cultura e religião. MOREIRA, A. S. Petrópolis: Vozes. 1998b.

MAGNANI, José Guilherme C. *O circuito*: Proposta de delimitação da categoria. São Paulo: não publicado, 2013.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; Souza, Bruna Mantese de. (Orgs.). *Jovens na Metrópole:* Etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade. S.P: Ed. Terceiro Nome, 2007.

MARTIM-BARBERO, Jesus. *Dos Meios às Mediações:* comunicação, cultura e hegemonia. (trad.) Ronaldo Polito& Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MATTA, Roberto da. O Oficio de Etnólogo, ou como Ter "Anthropological Blues". In: *A Aventura Antropológica:* objetividade, paixão, improvisos e método na pesquisa social. NUNES, Edilson de Oliveira (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MAUSS, Marcel. *As Técnicas Corporais.* In: JOURNAL DE PSYCOLOGIE. XXXII, nº ¾, Mar./Abril, 1936, pp.209-233.

MINAYO, M. C. S; SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade? In: *Caderno de Saúde Pública.* Rio de Janeiro: 9 (3), Jul/Set, 1993.

MONTES CLAROS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, Turismo, Ciência e Tecnologia – SMDETCT. *Dados gerais da Cidade de Montes Claros.* Montes Claros/MG: SMDETCT, 2011.

MORAES, Lucas Lopes de. *"*Hordas *do Metal Negro":* Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista. São Paulo: SP, 2014. (Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia Social).

MORENO, C. S. *Observações sobre a evolução socioeconômica do Norte de Minas no período 1990-2000*. Montes Claros/MG: Unimontes, 2000.

PRADO, Rosane Magalhães. Small Town: mitologia e vivência (introdução). *Comunicações do PPGAS 6.* VELHO, G. (org.) *Quatro viagens.* Rio de Janeiro: PPGAS, 1995.

OLIVEIRA, Marcos Fabio Martins de; RODRÍGUEZ, Luciene.Formação Social e Histórica do Norte de Minas. *Montes Claros: Unimontes, 2000.*

OLIVEN, Ruben George. *A antropologia de grupos urbanos.*4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORTIZ, Renato. Mundialização e Cultura. *São Paulo: Brasiliense, 2006.*

Pais, José Machado. *Culturas Juvenis.*Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2ª Ed. 2003.

PAULA, Hermes de. Montes Claros, Sua História, Sua Gente, Seus Costumes. *2ed. Belo Horizonte/MG: Minas Gráfica Ed., 1979.*

PEREIRA, Anete Marília. *Cidade média e Região: O significado de Montes Claros no Norte de Minas Gerais*. Uberlândia: Instituto de Geografia, 2007. (Tese de Doutorado).

PEREIRA, Aramita Martins; DULCE, Maria Irmã. Const. Das Irmãs do Sagrado Coração de Maria. *Belo Horizonte/MG: Tip. Marilia, 1975. (Monografia).*

PEREIRA, Laurindo Mékie.A Cidade do Favor. *Montes Claros/MG: Unimontes, 2002.*

REZENDE, Claudia Barcelos. *Diversidade e Identidade:* Discutindo jovens de camadas médias urbanas. In: VELHO, Gilberto. (Org.). *Individualismo e Juventude.* R.J: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, 1990.

SILVEIRA, Yvone; COLLARES, Zezé. *Montes Claros de Ontem e de Hoje.* Montes Claros/MG: Academia Montesclarense de Letras, *1995.*

SIMMEL, George. A Moda. In: *Revista de Moda, Cultura e Arte.* São Paulo V.1 N. 1. abr./ago. 2008. (O texto "Die Mode", de Georg Simmel, foi publicado, pela primeira vez, na *PhilosophischeKultur* em Berlim, Leipzig, Kröner, em 1911).

SOUZA, Wanderson Alkimim Batista de. *Heavy Metal em Montes Claros*: Aspectos Socioculturais. Montes Claros/MG: Unimontes, 2013. (Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura em Artes-Música).

THORNTON, Sarah. *Club cultures*: music, media and subcultural capital. Hanover. Wesleyan University Press, 1996.

THORNTON, Sarah. Moral Panic, the media and British rave culture. In: Ross & Rose (ed). *Microphone fiends*: youth music and youth culture. Nova York, Routledge, 1994.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:* A Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo; A Fenomenologia; O Marxismo. S. Paulo: Atlas, 1992.

VELHO, Gilberto; DUARTE, Luiz Fernando Dias. (Orgs.). *Juventude Contemporânea:* culturas, gostos e carreiras. R.J: 7 Letras, 2010.

VELHO, Gilberto. (Org.). *Individualismo e Juventude.* R.J: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/Museu Nacional, 1990.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira – *A Aventura Sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

VÉRAS. Maura Pardini Bicudo. *Trocando Olhares*: uma introdução à construção sociológica da cidade**.** São Paulo: Studio Nobel – EDUC, 2000.

VIANNA, Hermano. *Galeras Cariocas:* Territórios de conflitos e encontros culturais. R.J: UFRJ, 1997.

VIANA, Urbino. Montes Claros 125 Anos. In: *Jornal de Montes Claros.* 03 de Julho de 1982.

VIANNA, Urbino de Souza. *História Geographica e Descriptiva de Montes Claros*. B. Horizonte/MG: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916. (Monographia).

VALLADARES, Licia. Os dez mandamentos da observação participante. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* Vol. 22, nº 63, 2007.